1968 | Vinte Maios depois

Destacável «DL» recordando os acontecimentos, em França, há duas décadas, e as suas repercussões em Portugal

Pacote Laboral e privatizações enviados para o Tribunal Constitucional

Os decretos parlamentares referentes ao «Pacote Laboral» e às privatizações (49% das E.P.'s) foram ontem remetidos, pelo Presidente da República, para o Tribunal Constitucional. O Governo já tornou pública a sua concordância com a decisão presidencial.

Pág. 3

Diário de Lisboa

ANO 68 N.º 22 658 Sabado, 7 de Maio de 1988 Preço 50$00

Ainda a morte dos dois comandos

Exército continua a formar soldados para a guerra colonial

Págs. 4 e 5

VÊM AÍ OS JAPONESES!

Um artigo de Carlos Adrião Rodrigues na pág. 11

Montar casa em Portugal está pela hora da morte: pelo menos 800 contos

Pág. 10

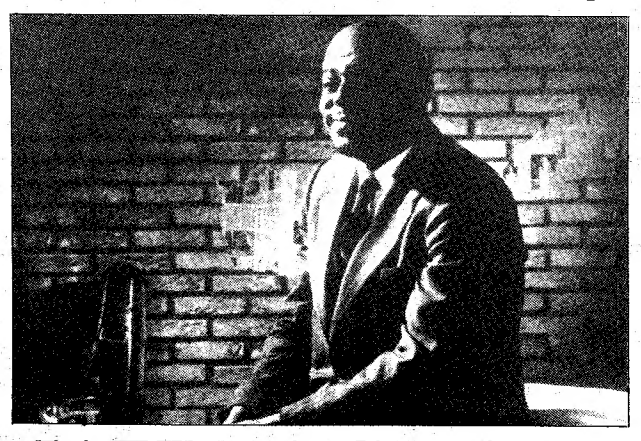
PERESTROIKA: PRINCÍPIOS E PERSPECTIVAS

Uma análise de Blanka Kalinsky, da OCDE Pág.13

Dois anos depois

Guerra de trincheiras em Chernobyl

Pág.16



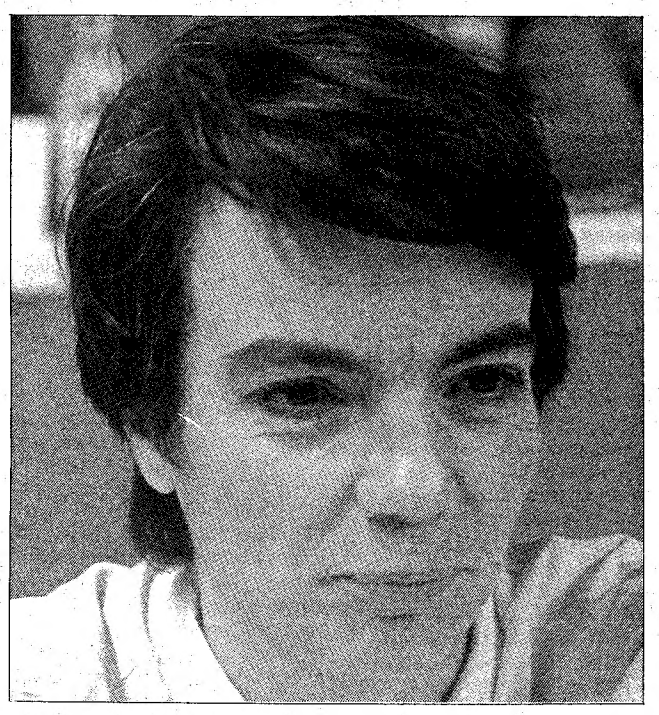
JAZZ NA CIDADE

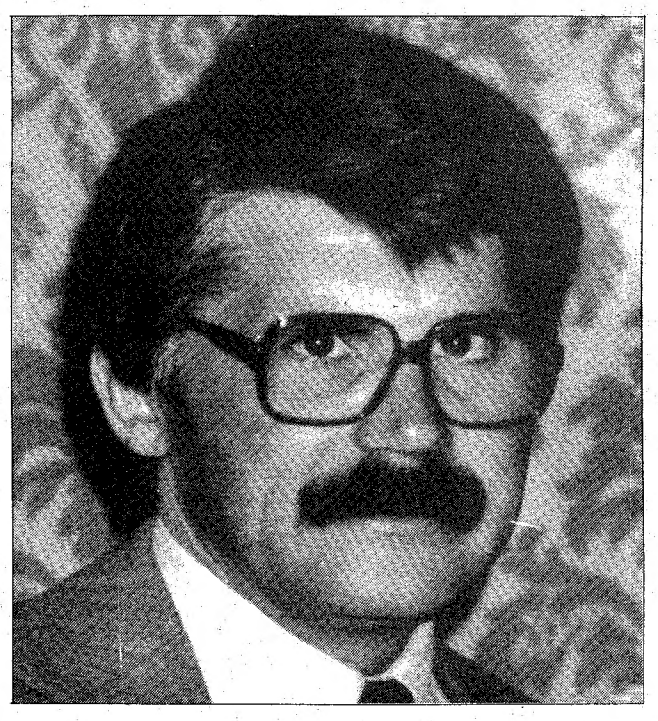
Pág. 23

Os mesmos que serviram para castigar Zita

PCP REVÊ ESTATUTOS

... e reage a declarações públicas





SOBRE ZITA SEABRA:

«indiciam propósito de provocar e alimentar polémica»

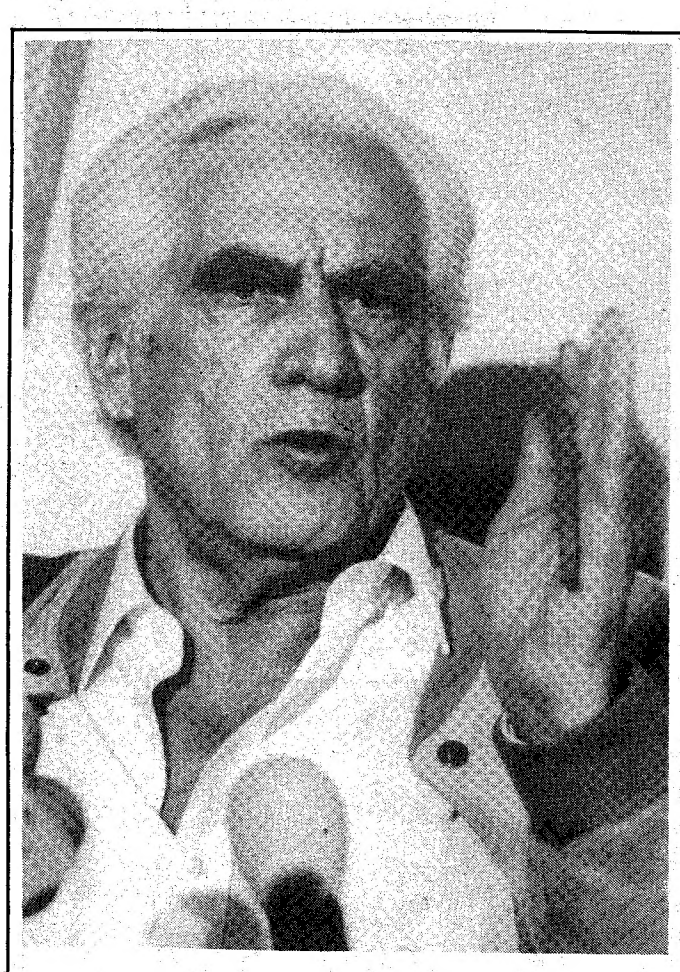
SOBRE VITAL MOREIRA:

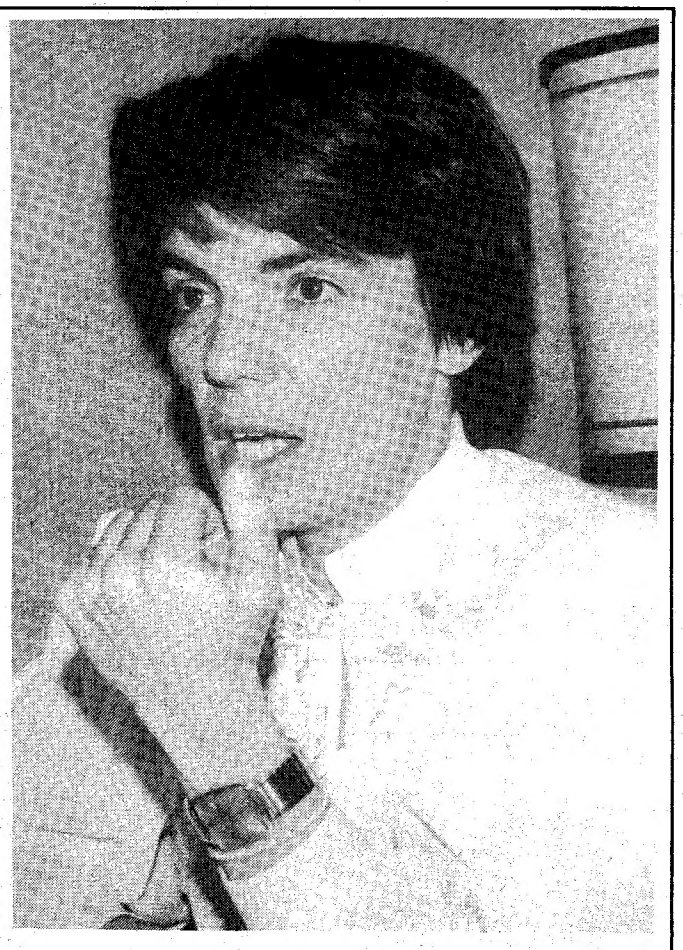
«no mínimo precipitadas e impróprias para correcto juízo»

Pág. 2

POLÓNIA: GREVISTAS DE GDANSK CONTINUAM CERCADOS

Págs. 14 e 15





PC TEME 'POLÉMICA INTERNA E EXTERNA' DO AFASTAMENTO DE ZITA SEABRA

O Secretariado do Comité Central do PCP reagiu, a noite passada, às declarações de Zita Seabra e Vital Moreira sobre a exclusão da ex-deputada por Aveiro da Comissão Política do partido. Sobre as afirmações de Zita, a nota do Secretariado considera que elas «indiciam o propósito de provocar e alimentar, dentro e fora do partido, uma polémica de contestação» às decisões do CC.

Quanto ao depoimento feito ao «DL» pelo juíz do Tribunal Constitucional e destacado membro do PCP, a mesma nota diz serem os termos utilizados, «no mínimo, precipitados e impróprios para um correcto juízo».

Vital Moreira, recorde-se, considerou «profundamente chocante» a decisão do CC, sublinhando que «as punições injustas não amesquinham quem as sofre, antes aviltam quem as aplica».

A imediata reacção do Secretariado a estas declarações indiciam, aparentemente, a preocupação da direcção do PCP pelos seus reflexos junto dos militantes comunistas, cujo direito de conhecerem as razões da punição aprovada pelo CC contra um membro da Comissão Política foi vincado pela própria Zita Seabra. A declaração de Vital Moreira, figura respeitada e admirada pelo conjunto do partido, e particularmente pelo sector intelectual, tem, por outro lado, o «peso» de um eminente e rigoroso jurista, membro do Tribunal Constitucional.

Novo Programa e novos Estatutos

Entretanto, a resolução do CC sobre a preparação do XII Congresso, divulgada na mesma altura da punição infligida a Zita Seabra, anuncia, como previa o DL na sua edição de quarta-feira, a intenção da direcção do PCP de fazer aprovar um novo Programa do partido e, ainda, de proceder à alteração dos estatutos.

O texto da resolução alude a opiniões, respostas, sugestões e críticas, verbais ou por escrito, «relativas à análise da situação e à apreciação da actividade e luta do Partido nos últimos anos, assim como à elaboração dos Estatutos e do Regulamento do Congresso», que militantes têm enviado, a título individual, à Direcção do PCP.

O documento do CC diz tratar-se de «positivas e importantes contribuições» e defende que, para além das intervenções nos respectivos organismos, «todos os militantes poderão, desde já, dar uma contribuição por escrito para os trabalhos preparatórios, certos de que lhe será dada uma séria atenção».

Relativamente ao Programa, a resolução admite que «alguns» dos objectivos contidos no Programa do VI Congresso («Rumo à Vitória», de 1965), foram «total ou parcialmente alcançados ou deram-se na sua direcção passos significativos» com a Revolução de Abril; salienta que a política conjuntural definida no VII Congresso (Outubro de 1974) «está completamente desactualizada e desfasada da realidade nacional presente»; finalmente, e concordando aqui também e no essencial com a análise já feita em documentos apresentados pelos renovadores á direcção do partido, frisa ser «necessário, tendo em conta os aspectos novos da realidade e os novos condicionalismos, definir no Programa a sociedade portuguesa por que lutam os comunistas, os objectivos e as tarefas que se colocam na actualidade ao Partido, aos trabalhadores e ao povo português».

Depois de sublinhar, face à política («inconstitucional e subversiva») do actual governo e à luta que ela suscita no país, não ser possível prever com rigor quais as estruturas sócio-económicas nos próximos dois anos, a resolução considera, porém, que o Programa «pode contemplar a situação particular que o País presentemente atravessa» e anuncia a criação de uma Comissão do Programa, a ser ulteriormente alargada a novos membros.

No mesmo documento é anunciada a formação da Comissão para a revisão dos Estatutos, também «ulteriormente alargada a novos membros». Conforme aí se pode ler, os actuais Estatutos (invocados para o «castigo» a Zita Seabra..) necessitam de «alterações mais profundas dos que as introduzidas em congressos anteriores» dado que muitas definições em vigor «não correspondem a diversos aspectos da realidade, da experiência e a necessidades da vida partidária actual e do seu ulterior desenvolvimento».

Na resolução apela-se ainda «a todos os militantes» para o envio, «directamente ou através das organizações», de propostas e sugestões às Comissões do Programa e de revisão dos Estatutos.

Proposta ao PS para autárquicas

A resolução sobre a situação política desenvolve as «cinco questões de grande actualidade para a salvaguarda do regime democrático e a situação e o futuro do povo e do País», referidas no intervalo da reunião do CC pelo porta-voz da SIP, Vítor Dias.

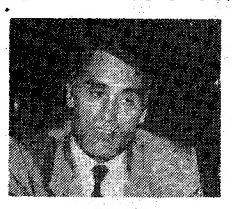
Trata-se da «luta popular e do desenvolvimento da unidade dos trabalhadores» (destaque para as concentrações de Fevereiro, greves salariais, jornadas de 17 de Março e de 14 de Abril, greve geral, comemorações do 25 de Abril e 1º de Maio); da «política dos «pacotes» inserido no plano de subversão do regime democrático» (privatizações, agrícola, laboral e eleitoral); a «revisão da Constituição e a chantagem do PSD visando a ruptura constitucional»; «a convergência e a unidade como um imperativo para as forças democráticas» (renovado o convite ao PS para encontro sobre as próximas autárquicas e dinamização da CDU) ; e, por fim, a questão relativa ao papel do PCP na democracia portuguesa, onde se salienta a importância «extraordinária» da batalha ideológica e se fazem acusações veladas às propostas dos renovadores dentro do partido.

Uma outra resolução aprovada respeita à situação internacional e nela se referem, nomeadamente, as «favoráveis perspectivas à luta libertadora dos trabalhadores e dos povos» abertas pela «perestroika« na URSS.

E.A.

DL NACIONAL

Cavaco Silva solidário com Rocha Vieira



Foi o próprio ministro da República para os Açores, general Rocha Vieira, quem o disse em Angrado Heroísmo: Cavaco Silva está solidário com a forma como exerce as suas responsabilidades.

Nova acha nas divergências entre o PSD continental e o seu ramo açoriano? Esta posição do Primeiro-Ministro e líder nacional dos sociais-democratas surgem numa altura em que se acentuam as divergências públicas entre Rocha Vieira e Mota Amaral.

Rocha Vieira, que esta semana esteve em Lisboa com Cabaco Silva, revelou que foi o próprio Primeiro-Ministro quem o autorizou a tornar páblica a sua «solidariedade».

A última acha lançada para a fogueira açoriana foi o pedido de declaração de inconstitucionalidade da resolução do Governo Regional sobre salário mínimo.

PCP contra OID do Alentejo

A Operação Integrada de Desenvolvimento (OID) do norte alentejano «resultou num mero somatório de projectos individualizados, sem nexo entre si», afirma a comissão distrital do PCP de Portalegre. Aquela estrutura partidária afirma que os projectos são «desiquilibrados no seu peso relativo e quantas vezes contraditórios». A OID do norte alentejano foi aprovada pela Comunidade Europeia e é a primeira a ser aplicada em Portugal.

Constâncio defende Lei Eleitoral europeia

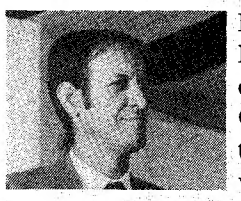
O secretário-geral do Partido Socialista português defendeu, em Haia, a adopção de uma Lei Eleitoral harmonizada que permita a todos os nacionais dos países representados no Parlamento Europeu votarem, independentemente do país onde vivam.

Constâncio falava no Congresso da Europa, promovido pelo Movimento Europeu Internacional. Na mesma altura defendeu também o reforço dos poderes do Parlamento Europeu, de forma a conferir-lhe maior capacidade de intervenção em áreas como a do Orçamento comunitário.

Autárquicas em preparação

O secretário-geral adjunto do PSD, Manuel Moreira, está este fim de semana em Trás-os-Montes e no Minho, no âmbito da preparação da estratégia eleitoral para as eleições autárquicas de 1989. Hoje reune com autarcas em Vila Real e amanhã realizará idêntica reunião em Viana do Castelo.

PRD está a precisar de «vitaminas»



Falando em Coimbra, para a «Lusa», Hermínio Martinho evocou a necessidade que o PRD tem de «vitaminas». Quais? «Trabalho, organização e actuação com fidelidade aos princípios, valores e programa».

Martinho, que considera ser, para o PRD, mais importante o projecto do que qualquer pessoa, mostra-se convencido de que hoje, face ao que se passa a nível dos partidos da oposição, incapazes de gerarem uma alternativa ao Governo, voltam «claramente ao de cima as razões que nos assistem».

Esta semana, só uma surpresa...

VIVIDAS as jornadas de 25 de Abril e do 1.º de Maio, demonstrações poderosas de «vontade popular» que não consegue converter-se em «vontade política», neste Portugal da Europa aproximado, a vida pública, nos últimos dias, não nos deu surpresas. Algumas decepções, sim. Mas o que se chama surpresa limitou-se às declarações do ministro da Defesa, engenheiro Eurico de Melo. Compreende-se que nos meios militares as palavras do ministro tenham provocado reacções desfavoráveis e amargos comentários. Há mesmo quem se apresse a reconhecer que o tenente-coronel Vasco Lourenço tinha razão nas suas referências polémicas à situação dos militares na sociedade e perante o poder político.

Que carreira militar — questiona-se nos meios castrenses — poderá ficar reservada a um general que, no desenvolto juízo do ministro da Defesa, produz uma declaração «prematura e irresponsável»? Que autoridade lhe resta na hierarquia militar? Terá a hierarquia militar, como constou, a coragem de com ele se solidarizar?

Em qualquer caso está aberta uma crise entre o Governo e a Instituição Militar, ou, o que é menos provável, uma crise entre o Governo e um membro do Governo. Aquele ou alinha com o engenheiro Eurico de Melo, ou admite que ele se excedeu no improviso e na expressão, e dá ao general Fausto Marques uma reparação moral. Reparação que, todavia, não fará esquecer o tom das palavras do ministro e de reforçar o sentimento de que se caminha para um regresso à pretorianização das Forças Armadas.

No interior das Forças Armadas o ostracismo a que, com excepções raríssimas, têm sido condenados os militares de Abril, despertou já preocupação que, passando pelos directórios políticos, terá atingido Belém. No fundo, sendo mais chocante, o que se tem passado nos meios militares é idêntico ao que se passa na sociedade civil. Sistematicamente se desvaloriza a qualidade de antifascista, de resistente, de democrata histórico, e se promovem na Função Pública, nas responsabilidades de gestão, nas áreas governamentais, os que revelaram talentos de «adesivagem». Reconheceu-o, no seu discurso da sessão parlamentar das celebrações do 25 de Abril, o deputado Basílio Horta. Citamos: «É injusto, hoje, no tempo de todas as facilidades, que possa haver alguém que não tendo vivido momentos difíceis, não se tenha comprometido em nenhuma das decisivas batalhas, se atribua o papel de julgador severo dos que antes abriram o caminho, apontaram o destino e tornaram possível o desfile triunfal: seria uma injutiça, para não dizer uma ingratidão.»

O general Lemos Ferreira, no exercício do mais alto cargo hierárquico das Forças Armadas e na ocasião solene das comemorações militares do 25 de Abril, na presença das altas hierarquias militares, do Governo e do Presidente da República, afirmou: «O 25 de Abril é, factualmente, um acontecimento histórico do passado.» Esta afirmação não é inocente. Dela decorrem, inevitáveis e clamorosas, as consequências políticas. Se nem todos irão tão longe como o general CEMGFA na desvalorização do 25 de Abril, na desvalorização dos homens e da acção, outros pretendem igualmente reduzir o acontecimento: factualmente e politicamente. Criou-se um regime de formal liberdade democrática, e pronto, a missão foi cumprida. Aos militares disse-se primeiramente: regressem aos quartéis. Depois, discreta ou brutalmente, apontou-se-lhes outro destino: saiam dos quartéis, passam à reserva. Aos civis disse-se: esqueçam a política antifascista, libertem-se do historismo democrático e republicano, sejam «modernos».

A «modernização» passou a ser uma palavra de ordem de «regressos» e de «liberalizações». Só estultos se apresentam como praticantes da fidelidade salazarista. Mas são muitos os que cobrem a sua participação no passado (a sua cumplicidade com o obscurantismo, a repressão e a perseguição) com protestos de adesão ao «25 de Abril corrigido». São defensores da «desideologização», da libertação do processo histórico relativamente ao ideal (revolucionário) de reformação nacional, querem salvar a «revolução real» do «imaginário utópico». São realistas. De um realismo que ignora a realidade. Arautos e defensores do «país nominal», desprezam o «país real», o país das fábricas e dos campos, da inteligência e da cultura.

Do «passadismo», ou do conservantismo estrito, querem alguns fazer apologia da transformação e teoria da esperança. Baldado esforço. Por esse caminho, ainda quando coroado por efémeros triunfos, não se alcança o futuro. Acumulam-se retrocessos e compassos de espera. Esse é o sentido profundo e trágico do 25 de Abril. O acto revolucionário dos «capitães de Abril» no seu tumultuoso (e contraditório) curso histórico, pode ter sido bloqueado. Mas não poderá ser contrariado substantivamente. A mensagem de Abril — tendo aberto portas, como cantou José Carlos Ary dos Santos — não se esvaziou nas ondas agitadas do PREC (processo revolucionário em curso). A mensagem de Abril, e independente do pensamento e da vontade dos «capitães de Abril», enraizava em estractos profundos da consciência nacional. Abril fazia-se para resgatar a Pátria e dar ao Povo liberdade e voz, mas esse objectivo estava intimamente relacionado com a necessidade real, objectiva, de transformar a sociedade portuguesa. Não se tratava apenas de abrir um processo de rectificação política, mas de iniciar um processo de transformações sociopolíticas.

Nessa mais complexa perspectiva o 25 de Abril não está cumprido. Lamentemos o equívoco do PSD; lamentemos o erro do general CEMGFA. Mas, mais grave que as afirmações que deram o 25 de Abril por concluído, foram as ocasiões e lugares escolhidos para serem proferidas verdadeiras sentenças de morte em relação ao 25 de Abril.

É certo que, dada a irrelevância do discurso corporativo do general Lemos Ferreira, só ter sido proferido perante o Presidente da República num quadro solene e oficial, conferiu importância (e escândalo) às palavras do general CEMGFA. Ele é um inconformado com Abril. E mais inconformado, talvez, por não ter conseguido dar realização às suas veleidades de ambição política. Grave e trágico é que no topo das hierarquias militares se encontrem dois fracassados nas suas ambições políticas.

Terça-feira, na Assembleia da República

Governo explica razões da pensão ao cap. Maltez

O Governo comprometeu-se a explicar na terça-feira, dia 10, na Assembleia da República, os critérios usados na atribuição das pensões por serviços excepcionais, nomeadamente, ao capitão Maltez, da Polícia de Choque, a Chico da CUF e a Cândida Ventura.

O compromisso foi ontem assumido na sessão de perguntas agendada pelo PRD, e em que membros do Executivo responderam aos deputados sobre as duas mortes verificadas num exercicio de instrução de comandos (respostas já noticiadas na edição de ontem do DL), sobre as demolições de casa clandestinas na Fonte da Telha e a inclusão de comunicados e notas oficiosas do Governo nos noticiários da Televisão.

A pergunta sobre as pensões foi apresentada pelo deputado comunista João Amaral que disse pretender saber quais os critérios usados pelo Primeiro-Ministro e o ministro das Finanças na atribuição de pensões por «méritos excepcionais na defesa da Liberdade e Democracia e de pensões por serviços excepcionais ou relevantes prestados ao País».

Esta questão já andava a ser comentada há mais tempo, nos bastidores, dado que o Governo ainda não explicou porque só atribuira tais pensões aos três referidos cidadãos e não a um leque mais alargado, nomeadamente aos que enfrentaram a Polícia de Choque durante a Ditadura, em defesa da Liberdade e da Democracia.

A pergunta ficou ontem sem resposta, segundo a informação do Governo, por impossibilidade material de o Secretário de Estado do Orçamento comparecer à hora prevista na Assembleia da República.

Praias da Linha e demolições na Fonte da Telha

Nesta mesma sessão parlamentar, o Secretário de Estado do Ambiente garantiu que daqui por três anos «não haverá restrições ao uso das praias da Costa do Estoril».

A questão da poluição na linha do Estoril foi trazida à discussão pela pergunta de um deputado do PSD, Belo Maciel, sobre as demolições em curso na Fonte da Telha e a urgência em proceder à operação de limpeza de clandestinos naquela praia.

Macário Correia respondeu ao deputado da Maioria dizendo que para a zona da Fonte da Telha havia apenas três soluções: «limpar, recuperar—o que se tornava tecnicamente impossível—ou deixar tudo como estava, o que era inadmissível». Daí as demolicões de casas consideradas necessárias para limpar a praia.

O Secretário de Estado comentou, ainda, que os documentos exibidos pelos proprietários das casas da Fonte da Telha são certidões de notário comprovativas da propriedade do terreno e recibos de multas e contribuições pagas.

Isso, para Macário Correia, não basta porque «o direito fiscal tributa situações de facto e não jurídicas».

Sobre a urgência nas demolições, este membro do Governo justificou-a pelo facto de «as situações ilícitas» estarem «há muito delineadas nos seus contornos» e de ser necessário agir antes do Verão «antes que as pessoas começassem a ir para lá».

Basílio Horta, deputado do CDS, perguntou ao ministro-adjunto para a Juventude a razão da inclusão de comunicados e notas informativas do Governo no Telejornal, a propósito de uma nota da Direcção de Informação da Televisão em que—afirmou-o Basílio Horta—se criticava o lider e a estratégia do CDS.

Couto dos Santos disse que o Governo não tinha nada a ver com essa questão por ela se passar, apenas, «entre jornalistas e um cidadão», no caso o professor Freitas de Amaral, presidente do CDS.

Segundo Couto dos Santos, que elogiou os jornalistas profissionais, «há uma Lei da Televisão a que se pode recorrer e o Governo não intervém na Comunicação Social».

Pacote Laboral e privatizações enviadas para o T.C.

Os decretos parlamentares introduzindo alterações na Lei Laboral («Pacote Laboral») e autorizando a alienação até 49 por cento do capital das empresas públicas foram remetidos, pelo Presidente da República, para o Tribunal Constitucional, onde deram entrada ontem à tarde. Este órgão tem agora 20 dias para se pronunciar sobre a constitucionalidade dos dois diplomas.

O uso, por Mário Soares, da fiscalização preventiva da constitucionalidade dos dois textos não mereceu a desaprovação do Governo. Um porta-voz do gabinete do Primeiro-Ministro disse que o Executivo respeita a decisão presidencial.

«O Primeiro-Ministro e o Presidente da República já tinham falado sobre o assunto», disse o porta-voz, que fez ainda questão em sublinhar que «são sempre respeitadas as competências do Presidente da República».

Particularmente sobre as privatizações, a mesma fonte recordou que «foi o próprio Primeiro-Ministro que exprimiu o desejo de que o diploma fosse enviado ao Tribunal Constitucional, desejo que o Presidente da República acolheu». «Trata-se», disse ainda, «de um assunto que deve ficar devidamente esclarecido, porque é uma matéria que tem alguma delicadeza de que poderiam resultar alguns equívocos que se pretendem evitar».

Desde o início do seu mandato, há dois anos, o Presidente Mário Soares apenas vetou, politicamente, um diploma governamental (regime jurídico das convenções colectivas de trabalho), não tendo promulgado outros cinco por decisão do Tribunal Constitucional (bases gerais das empresas públicas, transformação da Socamar-EP em Socamar-SARL, isenção do IVA nalgumas transmissões de bens para fins privados, privatizações da TUCO e da STAL e Código do Processo Penal). Devolveu, também, ao Governo 25 textos por motivos técnicos e, destes, 21 estão ainda em apreciação.

A decisão presidencial, relativa aos dois decretos leis parlamentares, foi acolhida, pela CGTP, com «regozijo».

PROVEDOR DE JUSTIÇA INVESTIGA INSTRUÇÃO DOS COMANDOS

As condições em que se processa a instrução dos militares do Batalhão de Comandos vai ser objecto de averiguação por parte da Provedoria de Justiça, na sequência das notícias que têm vindo a público acerca das circunstâncias que rodearam o falecimento dos dois jovens instruendos em Santa Margarida. Segundo afirmou o próprio Provedor de Justiça, a iniciativa deve-se à importância que aquele trágico acontecimento assumiu para a opinião pública e, designadamente, ao volume de notícias, comentários e artigos de opinião que os orgãos de comunicação social têm publicado sobre eles.

Almeida Ribeiro, referiu também, em declarações a vários jornais, que ele próprio tem recebido queixas de cidadãos relacionadas com a morte dos dois militares.

De acordo com a Lei de Defesa Nacional, sublinhou o provedor, qualquer cidadão pode apresentar queixa ao Provedor de Justiça "por acções ou omissões dos poderes públicos responsáveis pelas Forças Armadas de que tenha resultado violação dos seus direitos, liberdades e garantias ou prejuizos que os afectem".

Apesar de alguma coisa ter mudado na justiça militar

Exército continua a formar soldados para a guerra colonial

Joao ALmeida

Serra da Carregueira, noite de lua cheia. Os três pelotões de recrutas desarmados avançam em passo de corrida, formados dois a dois. Ninguém sabe o que se vai passar, mas a informação que chega-sempre-nunca-se-sabe-de-onde e que acaba por correr por toda a gente, diz que se trata da uma «pista de combate».

«É capaz de ser», diz o meu camarada do lado, «eles andaram durante a tarde por aqui de martelo na mão enquanto estávamos na prova da corda». Todos nos convencemos disso e tentamos não pensar. Mas a ansiedade mistura-se com o riso nervoso, enquanto a cadeia humana vai serpenteando pelos carreiros e levantando uma poeira azulada.

Por fim, mandam-nos parar ao longo de uma ladeira de terra batida. Todos olham para a frente da coluna, mas pouco se consegue ver. Ao fundo, está uma mesa pequena onde está sentado alguém e, um pouco mais à frente, um carreiro, a entrada para a «pista».

O tempo vai passando. Conversa-se. Alguns fumam, escondendo a brasa na mão. Outros sentam-se na berma, há mesmo quem se deite. A espera prolonga-se até que o aspirante surge no meio do pessoal e dá alguns conselhos que todos pensam ser preciosos. «*Não me deixem ficar mal, vejam lá, seus c...*». O nervosismo cresce.

De repente, ouvem-se tiros e os clarões mostram o que nos parece serem silhuetas. Imaginamos os recrutas a correr por entre a vegetação, ao mesmo tempo que se ouvem os gritos, berros, um comboio fantasma ao vivo.

Aos poucos, todos se familiarizam com o ruído de fundo e assistimos ao desfiar da longa fila, até que chega a minha vez. Dou o meu número ao homem da mesa que rabisca a baixa na folha e, sem levantar os olhos, dá voz para seguir.

«*Aí vou eu*», penso comigo enquanto corro por um pequeno ribeiro seco, só sombras e escuro, a contrastar com o tom esbranquiçado da terra. Salto por cima de um tronco colocado no caminho. «*Primeiro obstáculo*». Continuo. A pedra pequena esmaga-se com ruído debaixo das botas enquanto tento não tropeçar.

- Pró chão!

Atiro-me sem pensar e vejo de soslaio um vulto que avança para mim. Faço como me ensinaram: simulo o caminhar de um lagarto, braços e pernas alternados sem levantar o corpo do chão.

- De costas!

Repete-se o exercício agora de cara para cima, durante pouco tempo.

- De pé!

Volto à corrida, avançar o mais possível para não ter que rastejar muito mais. Por detrás de uns arbustros outro vulto aponta-me uma lâmpada.

- Deitar!

Não sinto o impacto, mas sei que me lancei para o chão. Rastejo e logo vejo uma mancha negra à minha frente ao pé de umas pedras de uma cascata. São pequenos pneus enfileirados. A abertura é apertada.

- Avança!

Entro e sinto-me apertado. Os pneus encurvam, tornando difícil a passagem. Parece que não tem saída, que o corpo ficou preso, a tensão começa a alargar-se dentro do corpo. Parece que se asfixia.

- Agora grita: Sou p...!

O grito que dou vem adensar a impotência que sinto. «*Tenho de me controlar*», repito comigo, enquanto tento, com as mãos, encontrar a saída. Os dedos dão com o fim e puxo o corpo para fora. Volto a correr. O riacho dá uma curva para a esquerda. Uma figura indica-me que devo subir. O carreiro encaminha-se para a borda elevada do ribeiro até que outro soldado me grita: «*Salta!*». Sinto o ar debaixo de mim e preparo-me para sentir o chão, não sei muito bem quando.

Caio bem. Volto a correr. À medida que avanço, vejo uma grande mancha rectangular que tapa o caminho.

- P'ró chão!

E aí estou eu a rastejar de novo, até ficar defronte de uma coberta negra. Flanela, percebo pelo tacto e avanço por debaixo.

Do outro lado, o furriel do primeiro pelotão está sentado num banco, G3 deitada nos joelhos, inclinado sobre mim com um ar muito sereno, voz pausada.

- Qual é o nome do seu comandante de pelotão?

Penso que se trata de um controlo para identificação e digo-o.

- Muito bem - responde o furriel num tom calmo - *O seu comandante vai ficar muito contente por o ter denunciado ao inimigo. Agora siga.*

O riacho continua a subir e aproximo-me de outra cascata.

- P'ró chão! - gritam-me de novo.

Quando dou por mim estou numa poça de água.

- Agora de costas!

Volto-me e sinto logo a farda a empapar-se nas costas.

- E agora diz alto: 'Eu estou na praia'.

Repito em voz alta o que me pedem, tentando sempre não me molhar completamente. Volto a correr. Agora o caminho é sobre pedras. Nova coberta. Ainda tenho tempo para pensar «*o que será desta vez*». Avanço, de qualquer forma, «*o importante é acabar*».

Duas mãos puxam-me pelas bandas do uniforme e arrastam-me para o meio de quatro pessoas iluminadas por uma luz de fogueira, pareceu-me, tal a agitação no meu olhar. Em segundo plano, ainda vejo o meu comandante de pelotão, cara fechada, a assistir.

- Quem é o teu comandante de pelotão? - gritam-me. - *Quem é?!*

Repito várias vezes que não digo nada. Ainda penso nas torturas de presos políticos que imaginei do que me contavam.

- Quem é?! - e atiram-me de uns para outros. Sinto, parece-me, umas estaladas na cara. Mas quase ao de leve.

- Olha para ali - diz um deles.

Viro a cara e aparece-me, de fugida, a figura redonda do alferes do primeiro pelotão, antes de sentir um murro na cara, mão enluvada. Cambaleio, tento equilibrar-me, corro o mais que posso. As bermas do riacho são agora mais altas e lá em cima ouvem-se as vozes e os tiros mais próximos, alguns muito perto mesmo.

- Deitar!

Atiro-me e só vejo que debaixo de mim está outro recruta quando sinto o seu corpo em vez do chão. Olho para a frente e vejo uma fila de recrutas deitados, sobre os pedregulhos que formam o ribeiro. Ficamos parados. O «trânsito» engarrafara-se e tinhamos de esperar a vez. Entretanto, os soldados na berma no riacho continuavam a disparar e a berrar.

- Agora gritem: 'a minha mãe está a f...com outro'.

E o coro elevava-se no ar. Quase um coro de lamúrias.

- Mais alto! Não os ouço! Agora digam: 'Eu quero que o meu comandante me enfio o cano da G3 pelo olho do c...!'

De novo o coro se ouviu, enquanto a fila se ia desfazendo.

Por fim, dão- me ordem de levantar e seguir. Ultrapasso uns obstáculos, criados com canas e cordas, passo por debaixo de um grande rochedo, em jeito de gruta, e desemboco noutra coberta. Para a passar, tenho de rastejar e, do outro lado, o cozinheiro do acampamento, sentado numa pedra ordena-me que tire as calças. Recuso-me. Ele insiste, que tenho de fazer o que me diz. Volto a recusar-me. Com uma das mãos puxa-me o tecido, mas digo-lhe que pare. Ele bate-me no ombro e diz-me: «*Sim, senhor. És um homem. Segue!*»

Levanto-me e dou de caras no aspirante do terceiro pelotão que me agarra pela banda da camisa e me puxa.

- Anda cá! Vês o que ali está?

O seu dedo aponta para uma cama de campanha onde está um homem deitado, braços ao longo do corpo e do outro lado dois soldados ajoelhados, de mãos postas, a carpir

- Foi por tua culpa que ele morreu! Não o ajudaste e ele morreu! Vai já beijar o morto - e empurra-me na direcção da cama.

Ajoelho-me e mal me debruço sobre o corpo, o «morto» levanta-se de mão aberta a avançar para mim. Não me bateu que eu percebesse. Mas naquela altura já não sentia nada. Mais uma corrida, volto a rastejar, de pé outra vez e, à minha frente, ao fundo numa rampa enlameada, está outra mesa e um oficial sentado. Aproximo-me. Já não me recordo o que me perguntou. Disse-me que se quisesse acabar a prova que tinha de me ajoelhar de frente para a mesa, beijar o distintivo da unidade que lá estava pousado e levantar-me sem ajudar com as mãos. Assim fiz e mandou-me seguir.

Mais à frente, estava um soldado com uma lanterna.

- Já acabou. Acabou mesmo. Acredita. É o fim.

Olhei para mim. O cinto estava desapertado, as calças rotas, a camisa toda desapertada, botões perdidos e muita lama sobre toda a farda. Um enorme cansaço caiu-me para os pés. «*Já está!*», pensei contente, «*menos uma*».

Imaginário à solta, deslocado e absurdo

Não se trata de um filme nem de um exercício de algum corpo de elite em vésperas de embarque para a Guiné. A prova descrita era um treino normal de recruta de um curso geral de milicianos da Escola Prática de Administração Militar, com quartel em Lisboa, e pertencente ao contingente de 1985, aliás, nesse caso, dirigido e enquadrado por pessoal inteligente, atento e compreensivo com os sentimentos dos «soldados» incorporados.

Não sobressai pela violência física exigida, nem pelo esforço desumano, ou mesmo pelo perigo real de morte.

Antes se torna interessante pelo ambiente dramático criado, um teatro quase onírico, imaginário à solta, deslocado, a raiar o absurdo, o impensável e inesperado para quem - vindo há pouco de um mundo civil, alguns já pais de família, outros em início de carreira profissional - nele participasse.

Não é difícil encontrar justificações. Pretendia-se encontrar o limite do estado de tensão emocional e saber até que ponto o recruta o consegue ultrapassar. Contudo, ao tentá-lo, é a própria maneira de olhar de uma instituição e de quem nela se integra - permanente ou temporariamente - que vem ao de cima e se torna, assim, realidade.

Uma lógica que, levada ao limite, pode conduzir ao caso recente das mortes dos «comandos» do Campo de Instrução de Santa Margarida. Mortes incómodas e pouco condizentes com os esforços de amnizar uma opinião pública já não muito favorável à «coisa» militar.

As resposta da instituição são, aliás, sintomáticas de um corpo fechado ou, como diria o brigadeiro Pezarat Correia, para-profissionalizante e elitista que se afirma, repetidamente, «bode-expiatório» da nação. Segundo fontes militares, e contrariamente ao que deveria ser feito, a Região Militar Centro nada comunicou à Polícia Judiciária Militar dessa zona quando este organismo, como nos dizem, «em todos os factos onde há presença de situações como esta, deveria estar presente». Uma fonte do Estado Maior do Exército confirmou o facto e adiantou ter sido «nomeado um oficial general averiguante», gene-ral Fausto Marques, que, com o inquérito ainda a decorrer, se lembrou de afirmar que só en-contrava explicação para o caso no «excesso de generosidade dos instruendos e vontade de ser o primeiro». Resultado: um puxão de orelhas por parte do ministro da Defesa, chamando-lhe «irreponsável» e algumas suspeitas sobre a abertura como o processo está a ser instaurado e sobre a vontade real de en-contrar verdadeiras razões para a caso.

Instituição pouco permeável

A justiça militar avançou lentamente nos poucos anos de democracia, embora com alguns passos significativos e, considerados por meios forenses, como «positivos». Em Abril de 1977, o novo Código de Justiça Militar consagra o «foro material», só permitindo a entrega dos processos a tribunais castrenses em situações de crime essencialmente militar, contrariamente ao que acontecia antes quando, fosse qual fosse a matéria e estando o acusado sob a alçada militar, o julgamento teria essa sede judicial.

Ao contrário, a deserção, incluindo muitos dos casos de recusa à guerra colonial, receberam até ao final do ano passado, um tratamento titubeante e quase envergonhado, só parcialmente resolvido nos últimos dias de exercício do Conselho de Revolução, em 1982, com a aprovação do Decreto-Lei n.49-C/82, legislando no sentido de alargar o prazo e possibilidade de apresentação.

A partir de Janeiro de 1988, no entanto, com a entrada em vigor das alterações ao Código de Processo Penal - subsidiário da legislação militar -, deixa de ser possível a prisão do acusado por a deserção ser considerada como «crime de execução permanente», passando o flagrante delito a existir apenas «enquanto se mantiverem sinais exteriores de que o crime está a ser cometido e o agente nele está a participar». Finalmente, verifica-se também uma aproximação das regras de tramitação processual entre as instituições civis e militares, levando à criação da Polícia Judiciária Militar e a nomeação de um civil para Juiz de Instrução Criminal Militar.

No entanto, se aqui os passos são positivos, apesar de lentos - e de algumas fontes garantirem que, também neste campo, está em movimento um importante retrocesso no caminho da abolição do foro militar -, o mesmo não parece acontecer na vida interna da instituição e, muito particularmente, no modo como ela recebe os «mancebos» civis.

Catorze anos depois do 25 de Abril, estabilizada a democracia, instituídos os seus corpos fundamentais, a instrução militar dos contingentes que regularmente dão corpo à instituição pouco, ou mesmo nada, se alterou. O seu espírito, os seus valores, os seus ritos, quase que não foram permeáveis às alterações sociais verificadas no mundo exterior e às novas orientações consagradas constitucionalmente.

Membros destacados das Forças Armadas queixam-se de que o respeito à bandeira e ao hino nacionais está a ser descurado na educação escolar, pressagiando a desmobilização da defesa da nacionalidade. Contudo, o seu quotidiano interno não materializa estas preocupações e apenas estiliza esta óptica, nos toques de clarim, rufares de tambores, desfile de estandartes e na jura à bandeira que, depois de um período de recruta e treinos intensivos, mais surge como um alívio do que como nova consciência da prioridade de defesa da pátria em perigo.

Os treinos pouco mais são do que preparação abstracta para a guerra. Uma guerra distante, em que ninguém acredita e que, mesmo que rebentasse, não haveria ainda capacidade para sustentar, por obsolência de meios e restrições financeiras.

«A preparação militar é uma das componentes da formação do cidadão, complementa qualquer habilitação e é um serviço cívico prestado à sociedade», explica um instrutor contactado pelo «DL» . Contudo, o conteúdo das missões é conhecido de um modo inversamente proporcional ao caminhar para a base da instituição - «como quando se descasca uma cebola», dizia-nos o mesmo instrutor -, exigindo-se apenas que as unidades básicas das Forças Armadas cumpram o que se lhes pede.

Estar de prevenção é o seu dever, segundo se diz em meios militares, mesmo que o seu quotidiano possa mortificar-se no dia após dia da vida vazia dos quartéis. «É em tempo de paz que se prepara a guerra», diz-nos outra fonte do Estado Maior do Exército questionada sobre o rigor de alguma preparação militar.

Tarefas diferentes das programadas pouco são atendidas. Contam-nos que, uma vez, se sugeriu que, durante o tempo de serviço, se ensinasse a ler aos recrutas analfabetos ou dando-lhes outro tipo de instrução. A instituição - pouco disponível para rever o seu papel ou simplesmente se questionar - recusou a proposta por não fazer parte da sua missão.

Alimentado o corpo pela chegada regular de «sangue novo» do Serviço Militar Obrigatório, a instituição dá mostras de ausência de um espírito renovado que, possívelmente, a tornasse mais respeitada pela população civil, pouco disposta a pagar para o que vê como «um corpo que brinca às guerras» com a vida dos seus filhos.

Disse Cavaco ao inaugurar a nova sede

"PSD é inovador mas não rejeita tradição portuguesa"

O PSD tem sido sempre um partido bem integrado na sociedade portuguesa, «aberto à inovação e à modernidade, mas nunca rejeitando a tradição portuguesa», disse Cavaco Silva num breve improviso, quando ontem presidia à inauguração da nova sede do Partido Social-Democrata, na Lapa, no dia em que aquele partido completava 14 anos de vida.

«O grande partido que somos hoje é em primeiro lugar obra dos seus militantes e da visão do seu fundador, Francisco Sá Carneiro», disse o líder social-democrata, após o que recordou outros fundadores do seu partido, dois deles já falecidos: Nuno Rodrigues dos Santos, Mota Pinto e Pinto Balsemão.

Cavaco Silva chamou a atenção dos cerca de 300 presentes para o facto de, em consequência dos resultados eleitorais que obteve, este ser hoje um partido com grandes responsabilidades nas regiões autónomas, em mais de metade dos municípios e na Assembleia da República. E sublinhou que o PSD tem ainda um grande peso no mundo estudantil no sector laboral e que, para alargar a cooperação internacional, foi criada na quinta-feira passada, com a participação do partido, a Fundação «Liberdade e Desenvolvimento». «Encaro com grande confiança o futuro do PSD», disse.

O edifício da nova sede resultou de vultuosas obras de adaptação (que respeitaram a traça exterior) feitas nos últimos três anos na casa que aliteve a família D'Orey. Compõe-se de dois blocos, num dos quais, o mais pequeno, funcionará o centro de documentação, e outro, muito maior, onde ficarão os restantes serviços da sede. No local do antigo jardim foi construído um auditório subterrâneo, ainda não concluído, onde passarão a ter lugar as reuniões dos conselhos nacionais do PSD.

Em Monchique, com prejuízo da autarquia

Força Aérea não obedece a decisão do Tribunal

As Forças Armadas portuguesas somam e seguem: desta feita é a Força Aérea, que se tem recusado até agora a pagar à Câmara Municipal de Monchique uma verba que foi fixada em tribunal e que é devida pela expropriação de terrenos. Segundo informação de Carlos Tuta, presidente daquela autarquia, um terreno de 11 mil metros quadrados, para o qual a autarquia projectava a continuação de um bairro social, foi expropriado, em 1985, para nele serem implantadas as infra-estruturas e aquartelamento do pessoal de manutenção do radar da Foia.

Na ocasião, o perito camarário identificou o terreno no valor de cerca de 10 mil contos, enquanto o perito da parte expropriante se ficou pelos dois mil. Face a esta expropriação de carácter litigioso, o Tribunal de Monchique, em Maio de 1987, arbitrou por metade, cerca de 5600 contos, a importância a pagar pela Força Aérea. Esta, porém, recorreu para o Tribunal da Relação de Évora, que veio a indeferir o pedido, após o que, há cerca de um mês, aquela estrutura militar avançou com o processo para o Supremo Tribunal de Justiça.

MUNICÍPIO DE LISBOA

LISTA DEFINITIVA DOS PRÉMIOS LITERÁRIOS MUNICÍPIO DE LISBOA – 1987

Prosa de Ficção

«Alcança Quem não Cansa», de Henrique Nicolau; «A Colina de Cristal», de Baptista-Bastos; «Contrabando Original», de José Martins Garcia; «O Desafio», de João Aniceto; «Espingardas e Música Clássica», de Alexandre Pinheiro Torres; «A Fuga para o Egipto», de Mário Cláudio; «Jornal de Um País Cigano», de Le Cocq de Souza; «Março Desavindo», de Mário Ventura; «Morte em Campo de Ourique», de Orlando Neves; «Muro de Vidro», de Álvaro André; «Perfeito Como Nos Filmes», de Justino Pamplona e Luís Rodrigues; «Psiché», de Fernando Campos; «Quatro Últimas Canções», de Vasco Graça Moura; «Três Lágrimas Paralelas», de Artur Portela; «Um Selvagem ao Piano», de Fernando Venâncio; «Universal Limitada», de Isabel Cristina Pires; «Vila Nova», de Júlio Vieira.

Poesia

«Canto Mediterrâneo», de Manuel Simões; «O Corpo do Silêncio», de Cacilda Celso; «Os Dedos os Dias as Palavras», de Teresa Rita Lopes; «Fogo do Céu», de Manuel Guimarães; «A Furiosa Paixão pelo Tangível», de Vasco Graça Moura; «Música Para os Meus Poemas», de Graciete Coração; «Raízes do Meu Canto», de Maria Isabel Ribeiro Monteiro; «Ronda dos Meninos Expostos» (Auto Breve de Natal), de Vasco Graça Moura; «O Ser e as Coisas», de Fernando Ilharco Morgado; «Ser Poeta», de António Henrique Balté; «33 Sonetos de Amor e Circunstância», de Cristino Cortes; «Trovas da Infância na Aldeia», de Orlando Neves.

Teatro

«Os Amantes Voluntários», de Manuel Poppe; «As Suplicantes», de Fonseca Lobo.

Ensaio

«André Furtado de Mendóça o Grande Capitão», de Mário de Mendóça Frazão; «Aquilino em Paris», de Jorge Reis; «Jaime Cortesão – 13 Cartas do Cativeiro e do Exílio (1940)», de Alberto Pedroso; «Romeu Correia – O Homem e o Escritor», de Alexandre M. Flores; «Ser e Ler Miguel Torga», de Fernão de Magalhães Gonçalves.

NOTARIADO PORTUGUÊS

OITAVO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA
RUA DA HORTA SECA, NÚMERO SETE, SEGUNDO

NOTÁRIO
LIC. EDUARDO ANTÓNIO CORREIA DE AZEVEDO

CERTIFICO para efeito de publicação, que por escritura de 3 de Março de 1988, lavrada de fls. 87 a 88 v.º do livro número 95-E, deste Cartório, saiu da sociedade comercial por quotas denominada «AUTO TÁXIS MARTINS & SILVA, LIMITADA», com sede em Lisboa, na Rua Frei Bartolomeu dos Mártires, n.º 7, 4.º andar, frente, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa, sob o número 40 873, com o capital social de 50 000$00, José Manuel Nunes Gonçalves da Mota que deixando de fazer parte da sociedade renunciou à gerência e entrou como novo sócio Francisco Edgar Azevedo Ribeiro o qual foi nomeado gerente. É certidão de narrativa sob a forma de extracto e vai conforme com o original.

Lisboa, 10 de Março de 1988

O SEGUNDO AJUDANTE,
Maria de Fátima Conde Arantes

«DL» 7/5/88

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

3.º Juízo — 2.ª Secção

O Doutor Manuel Joaquim Osório, Juiz de Direito do Terceiro Juízo do Tribunal de Lisboa:

Manda anunciar que nos autos de Execução de Sentença, registados sob o n.º 36-B/85, em que são exequente Mário Ferreira Coelho da Silva, residente na Rua da Esperança, n.º 146-Porta 25, em Lisboa e executado «DOMINGOS P. REIS, LD.ª», com sede na Rua da Madalena, n.º 132-3.º, em Lisboa, se encontra designado o dia 4 de Julho do corrente ano, pelas 14 horas, para a Arrematação em Hasta Pública do bem que a seguir se discrimina, o qual será arrematado ao maior lanço oferecido acima do valor de 250 000$00 e que é o seguinte:

O Direito ao Trespasse e Arrendamento da sede do executado sita na morada acima indicada.

É depositário do referido imóvel o Sr. António Bica Morais, gerente da Agência de Leilões Vendasta, Ld.ª, com domicílio na sede da Agência, na Rua Reinaldo Ferreira, n.º 34-A, em Lisboa.

Lisboa, 29 de Abril de 1988

O Juiz de Direito,
Ass. ilegível

A Escriturária,
Lídia Proença

«DL» 7/5/88 — 2.ª Pub.

MISS ESCOLA 88 NA DISCOTECA

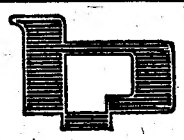
METROPOLIS

1.ª e 2.ª eliminatórias nos dias 7 e 8 de Maio (sábado e domingo), pelas 16 horas.

Com o patrocínio da boutique de moda italiana
***DONNA PIÚ...** (Centro Comercial Libersil)*
LOREAL DE PARIS
VITORINOS

E os apoios do «D. Popular», «Correio da Manhã», Rádio Miramar, «Nova Gente», Choc, «Êxito», Fotocópias Copipronto, Agência Terminal, Hotel D. Manuel I, Foto Santos, Foto Roldão, Foto Bónus, Hotel Golfinho (Algarve), Robalto (rent-a-car), Boutique Chocolat, Vídeo Clube de Roma, Vídeo Clube Inô.

Rua Francisco Sanches, 152
(à Praça do Chile) Telefone 821933



ESPECIAL FÉRIAS/88
no HOTEL DO PARQUE

VIANA DO CASTELO

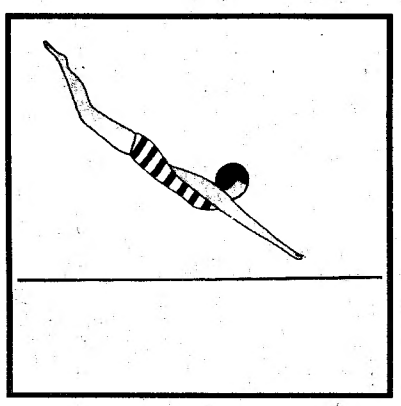
☆☆☆☆

O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um programa especial «Férias 88» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, etc.

Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço incl.
MAIO, JUNHO e OUT.
Programa 1: 11 700$00 – 6 noites/7 dias c/entrada DOMINGO e saída SÁBADO.
Programa 2: 14 700$00 – 7 noites/8 dias. Entrada a qualquer dia.
JULHO, AGOSTO, SETEMBRO
13 500$00 – Programa 1 16 800$00 – Programa 2

- **Peq. Suplemento p/ocupação single**
- **1 a 31 de Agosto supl: 1000$00/dia/quarto em qualquer modalidade**

Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 88», por escrito para CP 4900 ou telef. (058) 24151/5, Telex 32511 HOPARC P ou no seu AGENTE DE VIAGENS



NÃO dê saltos em locais que desconhece

Segundo um técnico do INMG

ESTUDO DOS SISMOS EM PORTUGAL É NECESSÁRIO PARA A SUA PREVENÇÃO

A intensificação das pesquisas sobre a história dos sismos em Portugal pode contribuir para a previsão sísmica e, consequentemente, para a diminuição dos riscos corridos pelas populações. A análise, baseada na documentação existente, das proporções atingidas e dos efeitos produzidos pelos vários sismos que, durante séculos, têm ocorrido em Portugal, poderá levar à determinação ou à confirmação das posições dos seus epicentros, permitindo assim um melhor conhecimento das características sísmicas do território.

Estes estudos detalhados revestem-se de uma importância capital para a execução de empreendimentos de construção civil, quer em termos tecnológicos (associados à questão da sua própria localização), quer mesmo em termos económicos (pense-se, por exemplo, na indústria seguradora).

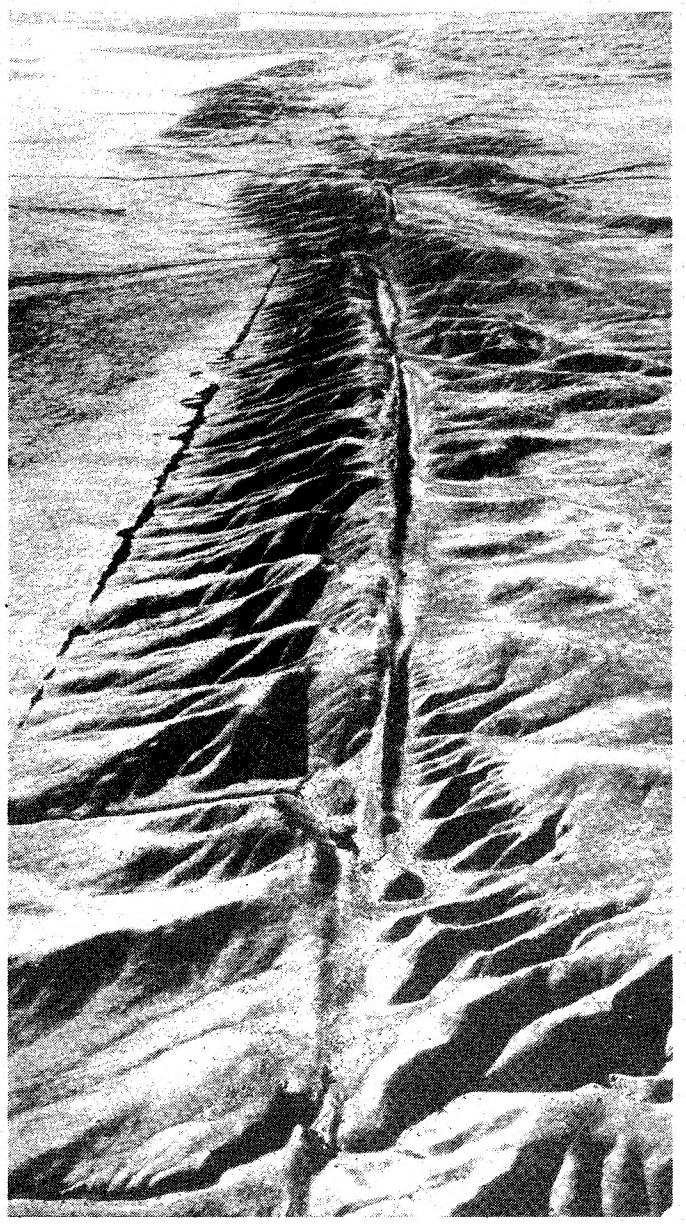
Segundo um estudo desenvolvido por Victor Moreira, chefe da divisão de Geofísica do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica (INMG), e publicado na revista de Janeiro do Serviço Nacional de Protecção Civil (SNPC), a localização dos epicentros dos principais sismos históricos que afectaram o território de Portugal continental situa-se em Trás-os-Montes (região de Moncorvo), na região de Alcobaça-Batalha, no vale inferior do Tejo (Benavente e Vila Franca de Xira), no sotavento algarvio (na zona de Loulé) e no Atlântico, a sudoeste do Cabo de S. Vicente.

O arquipélago da Madeira parece ser a parcela do território nacional menos afectada pelos sismos, enquanto nos Açores a situação se caracteriza pela ocorrência de importantes terramotos.

Quanto aos maremotos (agitações sísmicas no mar, normalmente associadas à ocorrência de terramotos), muitos países têm tomado medidas preventivas em relação à sua ocorrência, situação que não se verifica em Portugal. Por exemplo, no Japão, país também muito sujeito a este tipo de fenómenos «as populações têm sido esclarecidas sobre as medidas a tomar, tendo-se construído, nalguns locais, diques e estradas para rápido escoamento das populações», o que contribui para diminuir em grande escala os riscos e as consequências destes fenómenos.

Risco de catástrofe no Algarve

No estudo citado, o autor chega mesmo a afirmar que «a repetição de um fenómeno de características idênticas às que teve o maremoto de 1 de Novembro de 1755 provocaria uma autêntica catástrofe, só por si, especialmente no Algarve, onde a densidade populacional é presentemente bastante mais elevada do que era em 1755».



Segundo Victor Moreira, Portugal continental foi atingido por muitos sismos no decorrer dos séculos, ainda que até ao séc.XVI as informações que deles nos restam sejam bastante escassas. O primeiro de que se possuem informações minimamente seguras quanto às suas consequências e que permitiu o traçado de isossistas' (linhas que unem os pontos onde a intensidade dos sismos é a mesma) ocorreu a 26 de Janeiro de 1531, tendo provocado «grandes destruições na parte central do país, especialmente em Lisboa, onde morreu muita gente e foram fortemente abalados edifícios importantes como a Sé, o mosteiro do Carmo e a Torre de Belém».

O cronista Garcia de Resende, contemporâneo deste acontecimento, descreveu assim os seus efeitos: «veio primeiro um raio, após ele um trovão e grande terramoto então... foi em todo Portugal, na Estremadura mor, nas outras partes menor, que não foi todo igual...».

Em relação ao século seguinte, de acordo com a fonte citada, não se verificou nenhum terramoto no território continental.

Os grandes terramotos

As primeiras referências a tremores de terra ocorridos no nosso país encontram-se na «Gazeta de Lisboa», jornal que iniciou a sua publicação em 1715 e que é considerado o sucessor da «Gazeta», o primeiro jornal que se publicou em Portugal (1641). Victor Moreira refere que «no séc.XVIII o terramoto de 1 de Novembro de 1755 aparece relatado na «Gazeta de Lisboa» embora com pouco desenvolvimento, sabendo-se que este terramoto, que tão grandes destruições causou nas regiões sul e central do país, deu um notável impulso ao desenvolvimento da sismologia em toda a Europa». De facto, existe bastante documentação sobre os efeitos deste sismo, da qual se destaca o inquérito ordenado pelo Marquês de Pombal, ainda que uma parte dele tenha desaparecido.

Entre as suas consequências destaca-se um maremoto nas costas portuguesas de tão grande intensidade que, de acordo com Victor Moreira, «só é comparável aos que ocorreram em 60 a.C. e no ano de 382, tendo-se sentido os seus efeitos nas costas atlânticas de África, da Europa, da América e mesmo nas costas do Mediterrâneo ocidental, próximo do Atlântico».

Em 11 de Novembro de 1858 novo terramoto afectou o território de Portugal continental, causando grandes estragos em Setúbal e em Lisboa, mais uma vez nas zonas oriental e central da cidade, ou seja, tal como por ocasião do sismo de 1755 e outros. «Desse sismo ainda se podem observar vestígios em Lisboa, no beco do Carneiro em Alfama, onde dois prédios ficaram inclinados de tal forma que ainda hoje se encontram em contacto pelos telhados».

Outros sismos importantes ocorreram também no Algarve em 1722 e em 1856, ambos com epicentros na região de Loulé, tendo provocado grandes estragos nos edifícios e a morte de algumas pessoas. Em 1528 e 1890 sismos com o epicentro na região Batalha - Alcobaça afectaram os mosteiros de Alcobaça e da Batalha.

Em 1909 um sismo com origem na região de Benavente não deixou uma única casa habitável nesta vila, tendo-se ainda verificado grandes derrocadas em Salvaterra de Magos, Samora Correia e Santo Estevão. O terramoto provocou 46 mortos e 75 feridos, todos na região epicentral.

Victor Moreira sublinha a possibilidade de este sismo, o de 1531 e o de 1344 terem tido origem na mesma região, na chamada falha do vale inferior do Tejo.

A importância da investigação

Mais recentemente, em 28 de Fevereiro de 1969, um forte tremor de terra provocou estragos em Lisboa e na parte sul do país, com o seu epicentro localizado no Atlântico, a sudoeste do Cabo de S. Vicente (tal como o de 1755 e , provavelmente o de 1356, se bem que estes dois, a avaliar pelos seus efeitos, tenham atingido maiores intensidades que o outro). Como é habitual, em Lisboa «a maior densidade de estragos verificou-se na parte central da cidade».

Alguns dos sismos aqui referidos (e outros de que muito pouco se sabe) necessitam, na opinião de Victor Moreira, de uma investigação muito mais profunda. «A importância desta investigação é óbvia - a obtenção de elementos que permitam localizar as posições dos epicentros daqueles sismos porá à nossa disposição um instrumento que poderá contribuir para o estabelecimento de possíveis períodos de recorrência nas mais importantes zonas sísmicas do país».

E não será demais reafirmar a importância da determinação destes períodos para a prevenção sísmica.

Médicos endurecem formas de luta

MAIS DUAS GREVES NACIONAIS NOS PRÓXIMOS DIAS 19 E 20

Hipótese de quatro paralisações em Junho

Os médicos portugueses paralisarão 48 horas consecutivas já este mês, dias 19 e 20, e avançarão com greves em cadeia em Junho, na hipótese de Leonor Beleza não retroceder na sua intransigência e caso, por outro lado, o bastonário da Ordem e Cavaco Silva não chegam a um entendimento. Machado Macedo pediu esta semana uma audiência ao Primeiro-Ministro — como o fizera em Dezembro em relação ao Presidente da República —, esgotada a paciência da classe para ser recebida por Beleza.

O «Diário de Lisboa» apurou, a propósito, que nos últimos dias elementos do seu gabinete terão contactado representantes médicos para reafirmarem o pedido de uma audiência feita há meses e ao qual Beleza nunca deu resposta, no sentido de tentar a «normalização» das relações ministério-médicos. «Se agora quer salvar a face, não será desse modo», disse um médico que participou no plenário de ontem.

O pedido de audiência foi a seu tempo apresentado à ministra da Saúde, não precisando de ser reafirmado. Aliás, caso Leonor Beleza não mostre qualquer abertura, como até aqui, ao diálogo, as estruturas representativas dos médicos convocarão novas formas de luta para Junho que poderão consubstanciar-se em quatro ou cinco paralisações, todas elas de mais de um dia.

«Se os médicos se mantiverem unidos como até aqui, e seguramente que se manterão, o Governo terá de ceder», afirmou um outro médico durante o plenário de dirigentes, delegados e activistas dos Sindciatos Médicos do Norte, Centro e Sul que encheram a principal sala do Hotel Sheraton, em Lisboa, onde foi feito o anúncio de dois dias seguidos de greve este mês: os dias 19 e 20.

«E uma guerra que se ganhará»

Segundo a óptica dos médicos presentes no referido plenário, está-se perante «uma guerra que se ganhará pelo simples facto de se estar em guerra», afirmação esta que, além de dar a imagem da firmeza da classe, dá também conta da sua unidade.

Embora o Ministério da Saúde tente minimizar o número de adesões à greve, como ontem — em que aos comprovados 90 e 95 por cento de aderentes contrapôs cerca de metade, apenas 50 por cento —, são vários os responsáveis de serviços que puseram já os seus lugares à disposição do Ministério — apurou o «Diário de Lisboa».

Os dirigentes médicos que orientaram o plenário (Rui Bento, Caldeira Fradique, António Bento, Fernando Gomes, Merelinda Madureira e Mário Jorge Neves) criticaram as declarações de responsáveis do Ministério da Saúde, dando como exemplo os números apresentados como vencimentos da classe. Em relação à primeira greve, quer António Bento quer Mário Jorge (o primeiro sobre a posição dos sindicatos, o segundo sobre a adesão à greve), consideraram que os números que o Ministério apresentou «não podem enganar os doentes que não tiveram consultas nem os médicos que estiveram em greve».

A segunda greve nacional deste mês coincide com a Assembleia Médica Nacional, que deverá decorrer no Pavilhão dos Desportos, em Lisboa, a qual deverá reunir mais de seis mil médicos de todo o País, durante todo o dia.

A Coordenadora Nacional dos Médicos (dos Sindicatos do Norte, Centro e Sul) e o Sindicato Independente dos Médicos asseguram que a greve nacional de ontem teve uma adesão de 98 por cento nos Hospitais Civis de Lisboa (100% em S. José, 98% no Santa Maria e 99% na Estefânia) e 90 por cento nos Centros de Saúde de Lisboa. Otras adesões: Castelo Branca (98% no Hospital, 97% nos Centros de Saúde), Portalegre (97% e 90%), Pediátrico de Coimbra (98,9%), Santarém (99,6) e Beja (98,7).

«Tudo indica uma subida da média geral de adesões relativamente à greve nacional de 8 de Abril de 90 para 95 por cento», disse uma fonte sindical ao «DL». O Ministério da Saúde diz que as adesões não ultrapassaram os 50 por cento. Só para contrariar...

Cavaco estuda pedido

Ordem quer ser recebida pelo Primeiro-Ministro

O presidente da Ordem dos Médicos quer ser recebido pelo Primeiro-Ministro, à semelhança de idêntica diligência feita — com êxito — em Dezembro último junto da Presidência da República. O assunto é o mesmo de então: a política da ministra da Saúde. Cavaco estuda o pedido, ao qual deverá dar resposta sem consultar Leonor Beleza.

A Ordem desistiu de solicitar à ministra da Saúde que abra o diálogo com os médicos. Cansada de esperar por uma resposta, a Ordem dos Médicos recorre ao Primeiro-Ministro numa aparente radicalização da sua luta e por entender que é possível — com Cavaco — ultrapassar o diferendo dos médicos com Beleza.

O pedido de audiência a Cavaco Silva foi entregue esta semana na residência do Primeiro-Ministro, em nome de Machado Macedo — bastonário da Ordem — e no da instituição representativa dos médicos. Cavaco soube da diligência depois de chegar de Estrasburgo, em cujo Parlamento Europeu falou sobre Timor e um centro liberal Norte/Sul.

Metade não respondeu

S. Francisco Xavier promoveu inquérito junto dos seus utentes

O Hospital S. Francisco Xavier, também designado por «hospital da senhora ministra» (Leonor Beleza), está a proceder a um inquérito que à partida revela a sua dose de originalidade: nem mais nem menos que a inquirir os doentes que por ele passaram da forma como foram tratados. Se bem, se mal.

Os doentes que passaram pelo S. Francisco Xavier foram convidados, por carta enviada pelo correio, a expressar a sua opinião sobre a maneira como foram tratados. Metade dos contactados não respondeu.

Num documento daquele estabelecimento hospitalar do Restelo refere-se que das 300 cartas enviadas entre 15 e 30 de Março pela direcção do hospital, foram recebidas 147 respostas e devolvidas 14 cartas.

Em valores que variam entre os 88 e 95 por cento das respostas, os doentes consideram «boa» a assistência prestada por médicos, enfermeiros, empregados auxiliares e outro pessoal do hospital.

Doze por cento considerou «regular» a assistência administrativa e quatro por cento classificou com a mesma nota a prestação de serviços médicos.

De assistência fraca foram considerados médicos e enfermeiros por uma percentagem de, respectivamente, 1,3 e 1,4 por cento dos que responderam.

O serviço de consultas e o de radiologia foram considerados os de melhor atendimento pela maioria das respostas.

Mais de 70 por cento dos utentes que responderam às cartas consideraram «bons» os serviços onde estiveram internados, nomeadamente quanto à organização, higiene, conforto e alimentação, enquanto oito por cento os consideraram «maus», sobretudo no capítulo da alimentação.

Do total das respostas, 25 manifestaram as melhores referências ao hospital e 34 apresentaram críticas e diversas sugestões quanto à qualidade de alimentação, limpeza de instalações sanitárias, falta de bar para as visitas, falta de assistente religioso e demora na urgência, nomeadamente.

Novo recorde da renda de jogo em Macau

As receitas da renda das concessões do jogo em Macau atingiram no mês de Março um novo recorde absoluto, ao alcançarem o montante aproximado de 80 milhões de patacas (cerca de 1,3 milhões de contos) — disse uma fonte do Governo local.

As receitas do território, provenientes da concessão dos jogos de fortuna e azar nos cinco casinos de Macau, têm vindo a registar sucessivos aumentos desde Maio de 1987, altura que coincidiu com a decisão das autoridades de Hong-Kong de permitirem a saída dos seus cidadãos apenas munidos com o bilhete de identidade

De acordo com os números oficiais, a partir daquela data passou a verificar-se uma variação média mensal que elevou as receitas em cerca de mais 25 por cento, quando comparadas com as verificadas no ano imediatamente anterior, colocando na casa dos 60 milhões de patacas as receitas mensais do território.

Governo propôs três alternativas

PSD quer aumentar políticos em 30%

O Governo enviou esta semana uma proposta de lei à Assembleia da República onde se apresentam três alternativas, de 10, 20 e 30 por cento, para os aumentos dos vencimentos dos titulares dos cargos políticos a partir de 1 de janeiro deste ano. O documento foi aprovado no Conselho de Ministros da penúltima quinta feira e foi já entregue a todos os líderes parlamentares, com vista a que as diferentes bancadas encontrem uma posição de consenso sobre a solução a adoptar.

Aparentemente, o Governo não quis assumir sózinho o ónus de decidir sobre aumentos que, seja qual for a decisão tomada, se revelarão altamente impopulares. Com efeito, mesmo que a alternativa escolhida seja a dos 10%, os ordenados dos políticos subirão mais 3,5% do que os da generalidade dos trabalhadores da função pública, cuja hierarquia, porém, foi aumentada em perto de 30%, enquanto que os gestores públicos passaram a ganhar mais 10,6%.

A iniciativa governamental sofreu já um primeiro revés, quando os líderes do PS e do CDS anunciaram que reservavam as suas posições para a altura em que a discussão da proposta subisse ao plenário da Assembleia, inviabilizando assim a ideia de se chegar a uma plataforma consensual antes do debate. Quanto ao PCP, sabe-se que se opõe a qualquer das hipóteses apresentadas pelo Governo e que defende aumentos de 6,5%, idênticos aos da função pública. O PSD, por seu turno, já optou pelo aumento dos 30%, que fará com que o Presidente da República fique a ganhar 577 220 escudos (despesas de representação e reembolso do imposto profissional incluídos), os ministros 361 793 escudos (o mesmo que o Chefe do Estado Maior General das Forças Armadas), e os deputados 206 150 escudos.

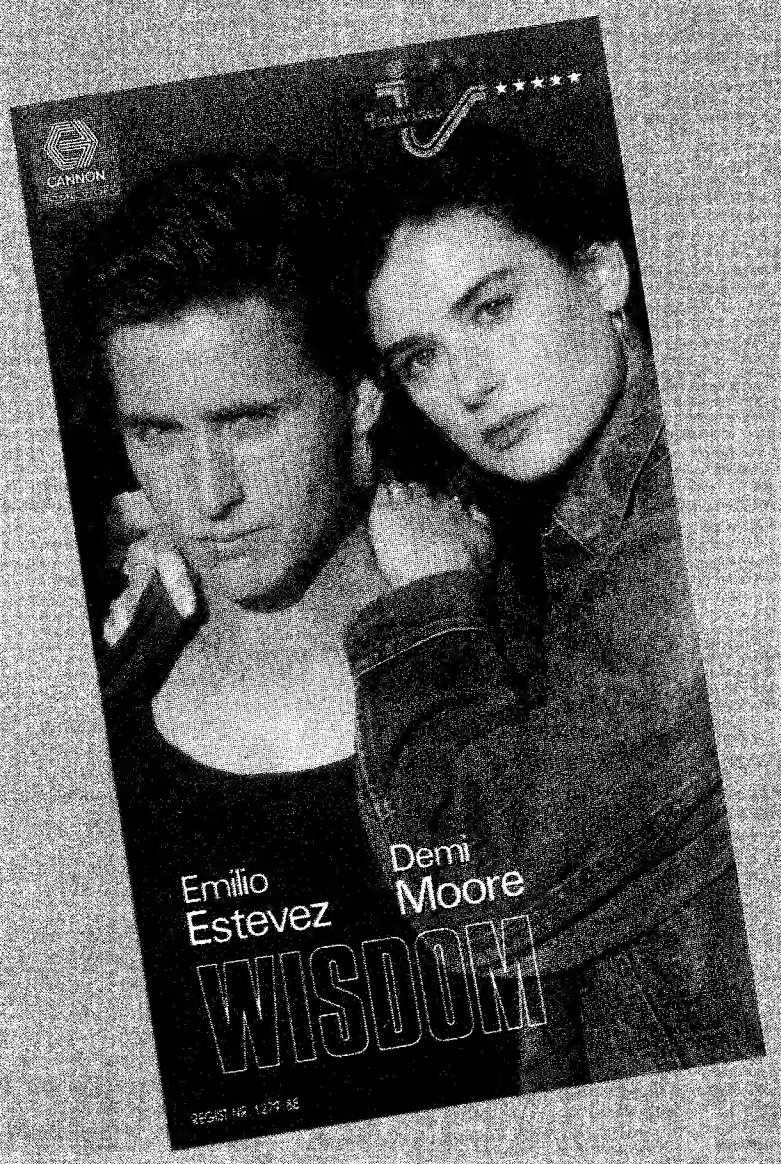
Tanto o PS como o PCP entendem que estas questões devem ser debatidas de uma forma global no quadro das alterações dos sistemas remuneratórios e das condições de desempenho dos cargos públicos.

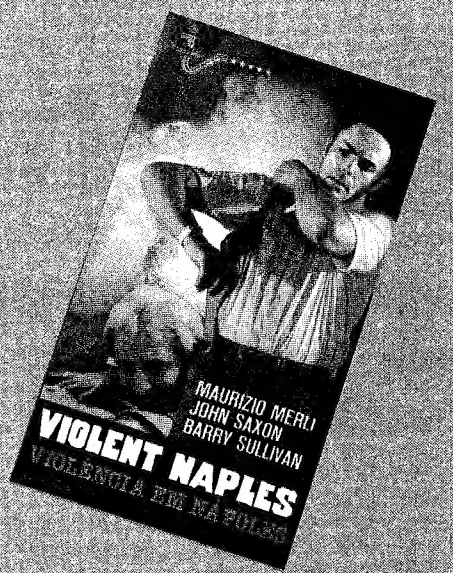
Na proposta enviada para São Bento, o executivo afirma que é "fundamental a dignificação das funções públicas, fazendo coincidir a remuneração pelo exercício destas funções com valores apurados em razão directa, objectivamente perceptível, do prestígio e da responsabilidade correspondentes". o Governo argumenta ainda com a necessidade de "corrigir deficiências", com base em "critérios de justiça retributiva". Nos termos da proposta será mantido o regime de indexação percentual em vigor entre o ordenado líquido do Presidente da República e os dos restantes políticos.

Curiosamente o primeiro ministro vê significativamente melhorada a sua posição remuneratória relativamente aos outros titulares de cargos políticos. Assim, enquanto que actualmente se encontra em oitavo lugar entre os mais bem pagos dos políticos e dos gestores públicos, na hipótese de aumento de 30% sobe para quarto, com 432 915 escudos, apenas precedido pelo Presidente da República, pelo Presidente da Assembleia da República e pelo Governador do Banco de Portugal; no caso dos 20% fica também em quarto, com 413 490 escudos, atrás do PR, do Governado do Banco de Portugal e do Presidente da Assembleia da República; finalmente, na hipótese menos favorável, passa a receber 378 400 escudos, ficando em sexto lugar depois do PR, do Governador e do Vice-Governador do BP, dos Presidentes dos Conselhos de administração das Empresas públicas do grupo A e do Presidente da Assembleia da República.

Como se vê com o exemplo do primeiro ministro, as posições relativas de cada cargo varia significativamente consoante seja aprovada uma ou outra das três alternativas propostas pelo Governo.

PERSEGUIDO PELA POLÍCIA
ODIADO PELA BANCA
AMADO PELO POVO
WISDOM!!!





Mais dos muitos filmes bons de Imavideo já no seu Video Clube.

Imavideo

★★★★★

LISBOA: RUA MARQUÊS DA FRONTEIRA, 117-1.º ESQ. — TELEFONE: 69 36 29
PORTO: R. SANTA ISABEL, 142 — MONTE DA VIRGEM — 4400 V. NOVA DE GAIA

Pinto da Costa: "peão" no assassínio de EVO

CHAGAS E MESSIAS DEVERÃO SER 4.ª-FEIRA EXTRADITADOS DE RABAT

A extradição de Alexandre Chagas e Joaquim Conceição Messias poderá atrasar-se uma semana, segundo fontes policiais marroquinas. O primeiro passo para que se processe com urgência, de modo a facilitar as investigações com vista ao apuramento dos factos, foi ontem mesmo dado, com a sua transferência de Casablanca para Rabat, a capital do reino de Marrocos e sede de todo o movimento diplomático naquele país.

Não se confirma que os dois suspeitos de homicídio do ex-secretário-geral da Renamo tenham manifestado a intenção de regressar de livre vontade a Portugal. Se o chegaram a admitir, «arrependeram-se» a tempo, pois a sua devolução a Lisboa, prevista para hoje, terá sido adiada. Isso não invalida que o venham a ser amanhã ou 2.ª feira, e não com um atraso de uma semana, como outras fontes referem. O seu destino seria Maputo, segundo o terceiro suspeito, detido pela Polícia francesa.

Aliás, nestes casos (como se tem visto), não só as informações se chocam e entrechocam, como às vezes são contraditórias por precaução e conveniência. Sabe-se é que nem Chagas nem Messias, que já foram ouvidos pelo tribunal de Casablanca por mais de uma vez, na presença do n.º 1 da DCCB (Orlando Romano, e de um outro elemento deste braço da PJ, têm defensor constituído.

As conversações tendentes a encontrar mecanismos devidos para a extradição prossegue, consumada que foi a desistência de ambos se entregarem de livre vontade às autoridades portuguesas. Poderão ser expulsos — expediente utilizado em casos deste tipo — e metidos num avião para o país mais próximo. A TAP opera duas vezes por semana entre Lisboa e Casablanca.

Maputo de novo sob suspeição

Maputo volta à mira dos investigadores: a detenção dos três principais suspeitos, dois em Marrocos e um em Paris (Manuel Jorge Pinto da Costa) permite pistas que apontam para Moçambique. Os movimentos que antecederem o rapto, sequestro e assassínio de Evo Fernandes, também convergem para a preparação do atentado na capital moçambicana.

Manuel Jorge Pinto da Costa, referenciado pela polícia francesa antes da sua detenção em Paris (no dia 30), foi visto por agentes daquela a dirigir-se a mais de uma agência de viagens e apanhado com um bilhete para Maputo. Chagas e Messias foram surpreendidos no aeroporto de Casablanca, quando aguardavam alguém, sendo presos (precipitadamente) pela Polícia Real marroquina. No entanto, admite-se hoje que se prepararam para voar para Paris (e aqui juntar-se a Pinto da Costa) ou para outra capital com contasctos aéreos fáceis com Paris (Tunes ou Argel).

Seria assim fácil aos três chegarem a Maputo, onde se encontra a filha de Alexandra Chagas, uma adolescente que antes do crime Pinto da Costa levou para a capital moçambicana, voltando à Europa, mas não a Portugal. Admite-se que o seu papel no crime tenha sido secundário,

E provável que Chagas e Messias, sabendo quem matou Evo, não tenham participado na execução do ex-secretário-geral da Renamo caso se confirme que foi abatido menos de 24 horas antes do aparecimento do cadáver e que aqueles dois suspeitos tenham passado a fronteira de Vila Real de Santo António-Ayamonte (a caminho de Badajoz, Sevilha, Jerez, S. Fernando e Algeciras), tal como o «DL» adiantou a partir de um telefonema de um anónimo de Vila Real para a nossa Redacção) dois dias depois do desaparecimento de Evo.

A delegação da Renamo em França enviou já uma carta às autoridades marroquinas a solicitar a extradição para Portugal dos dois suspeitos, sabendo-se ainda — como o «DL» também ontem adiantou — que o pedido de extradição já foi apresentado pelas autoridades portuguesas.

Helicóptero militar transporta doente

Um dos dois helicópteros «Puma» que hoje participaram na fase final do exercício militar «Tridente/88», no Porto Santo, transportou ontem para o Funchal um civil em estado grave e carecido de internamento hospitalar.

Segundo uma fonte oficial, o recurso ao helicóptero da Força Aérea ficou a dever-se às dificuldades nas ligações aéreas entre Porto Santo e a Madeira e ao estado de saúde do paciente, acometido de doença súbita e carecendo, de acordo com o diagnóstico médico, de internamento hospitalar urgente.

O «Puma», que abandonou as suas actividades militares no âmbito do «Tridente» a fim de prestar um serviço de apoio a um cidadão, referiu aquela fonte,

Presos os autores da morte do sapateiro carbonizado

A Polícia Judiciária de Setúbal anunciou a prisão de um casal, presumíveis autores da morte do indivíduo encontrado carbonizado quarta-feira dentro da bagageira do seu automóvel numa mata entre Marco do Grilo e Alfarim.

Segumndo a PJ a morte de Álvaro Páscoa Raimundo, de 65 anos, teria ocorrido a quatro quilómetros do local onde foi encontrado o corpo.

Os presumíveis autores golpearam-no com um machado, depois de o terem atraído a determinado local. A mulher, segundo a PJ, estaria a ser cortejada pela vítima, com quem já mantinha relações.

O casal transportou o cadáver no automóvel para o interior da mata, regando o veículo com gasolina, cobrindo-o de lenha e deitando-lhe posteriormente fogo.

Na madrugada de quinta-feira, os Bombeiros Voluntários de Sesimbra foram alertados para um incêndio na mata situada entre as localidades de Marco do Grilo e Alfarim, tendo descoberto então o automóvel.

Os Bombeiros, com o auxílio de um machado, lograram abrir a bagageira do carro e foi então que encontraram um corpo horrivelmente queimado.

O automóvel ficou completamente destruído pelo fogo e o cadáver na bagageira reduzido a alguns centímetros apenas.

O Álvaro Páscoa Raimundo, sapateiro em Santana (Sesimbra), que residia na estrada do Casalão em Santana, estava dado como desaparecido desde terça-feira à noite.

Avião forçado a regressar ao aeroporto da Portela

Um problema técnico num reactor obrigou ontem um DC-10 das Linhas Aéreas de Moçambique a regressar ao aeroporto de Lisboa, menos de uma hora depois de ter partido para Maputo.

O avião descolou às 22h24 e aterrou de novo no aeroporto da Portela de Sacavém às 23h30 — disse o serviço de relações públicas daquele aeródromo.

Um plano de emergência fora entretanto adoptado no aeroporto, mas o aparelho — com 96 passageiros e 14 tripulantes — aterrou sem grande dificuldade.

«Tudo está normalizado» e o avião deverá voltar a partir logo que a companhia tenha tudo pronto para isso — esclareceu o serviço de relações públicas, o que se prevê aconteça hoje pelas 14 horas.

Bingos encerrados não estavam a funcionar

Directores do União de Coimbra e do Olivais Futebol Clube negaram que máquinas de bingo apreendidas esta semana nas suas instalações estivessem a funcionar.

O presidente do Olivais disse que uma máquina apreendida numa sala de apoio ao bar do clube estava ali arrumada há vários meses e acrescentou que ela representava uma «espécie de relíquia».

Por sua vez, o presidente do União de Coimbra declarou que o que foi apreendido ao clube é «uma tômbola de brincar» que se encontrava sem funcionar numa sala de convívio.

Joaquim Arenga recebido ontem pelo governador civil para lhe dar conta das preocupações da sua colectividade, disse que a acção desencadeada esta semana pelas autoridades «põe em causa muita coisa», mas manifestou-se confiante quanto à resolução do problema.

Enquanto o União de Coimbra entregou já o caso ao seu advogado, o Olivais pretende saber quais as prerrogativas legais que permitem este tipo de intervenção.

PELAS ESTRADAS DE PORTUGAL

O álcool e o tempo de reacção

Publicámos ontem nesta secção os números revelados pela Guarda Nacional Republicana de condutores encontrados com elevadas taxas de alcoolemia, respeitantes ao distrito de Setúbal; onde esses índices atingiram maior expressão no contexto do País.

Achamos assim conveniente lembrar o que a Prevenção Rodoviária Portuguesa vem alertando com frequência, em especial no tocante ao tempo de reacção na travagem sob o efeito do álcool.

«Face a um obstáculo, travagem brusca de um veículo que o precede ou qualquer outro factor inesperado, o condutor deve estar apto a reconhecer prontamente a situação de perigo potencial, analisá-la, tomar uma decisão e actuar correctamente de forma a minimizar os riscos.

As bebidas alcoólicas ingeridas pelo condutor afectam, ao nível do cérebro e do cerebelo, as capacidades de julgamento e decisão e as capacidades motoras de resposta a um estímulo.

Fica, assim, incapaz de avaliar as diferentes situações de trânsito, pelas dificuldades na recolha de informação, na análise desta e ainda em «ordenar» uma resposta motora correcta.

Uma das consequências mais graves desta diminuição de capacidade é o aumento significativo do tempo de reacção, principalmente para efeitos de travagem, definindo-se, neste caso, **tempo de reacção** o tempo, que decorre desde a visão de um obstáculo até ao momento da colocação do pé no travão.

Sob a influência do álcool, o aumento do tempo de reacção leva a um acréscimo considerável do espaço necessário para a travagem.»

Derrapagem de triciclo causa um morto

Hoje pelas cinco horas da manhã o condutor de um triciclo motorizado despistou-se na recta do cabo, perto de Vila Franca, e depois da pequena viatura ter capotado viria a sofrer lesões que lhe causaram a morte quase imediata.

A vítima, segundo a Brigada de Trânsito da GNR, que tomou conta da ocorrência, não trazia consigo documentos de identificação sabendo tratar-se de um indivíduo de etnia cigana.

Para além deste acidente, durante a manhã não houve sinistralidade a destacar e em Lisboa, segundo informou o chefe Costa da Divisão de Trânsito da PSP, o trânsito era fraco não se prevendo problemas de circulação para o dia de hoje, salvo quando pelas 18 horas a imagem da Senhora de Fátima entrar em Lisboa pela portagem de Sacavém e, escoltada por motociclistas da PSP, seguirá para a sua igreja na Avenida de Berna. Passará pela Rotunda do Relógio, Avenidas Gago Coutinho, João XXI e 5 de Outubro. Depois e já na freguesia de Fátima será organizada uma procissão.

A Divisão de Trânsito calcula que a circulação de viaturas venha a ser pouco afectada, pois o trajecto será percorrido em pouco tempo. O balanço da Brigada de Trânsito da GNR respeitante à sinistralidade nas estradas indica que se verificaram dois mortos e 63 feridos nos 111 acidentes registados nas 24 horas findas ao meio-dia de ontem.

Dos 63 feridos, 16 ficaram em estado grave, implicando internamento.

Novas estradas no concelho de Trancoso vão custar 45 mil contos, decidiu a respectiva autarquia.

O município informou que serão beneficiadas com a construção e abertura das estradas Moreirinhas, Zabro, Valcovo e Rio de Mel-Rio de Moinhos.

A Câmara candidatou-se também junto do Fundo Social Europeu para o Desenvolvimento Regional, para comparticipação de obras de abastecimento de água que incluirão a construção de uma barragem, 90 quilómetros de conduta adutora e um reservatório.

De acordo com estudo da Direcção-Geral de Concorrência e Preços

MONTAR CASA CUSTA PELO MENOS 800 CONTOS

Se o leitor vive em Lisboa e está a planear montar uma casa, prepare-se para gastar cerca de 800 contos na aquisição do «equipamento essencial». Mas console-se: de Março de 1987 a Março de 1988 a subida dos preços dos equipamentos domésticos situou-se bastante abaixo da taxa geral de inflação.

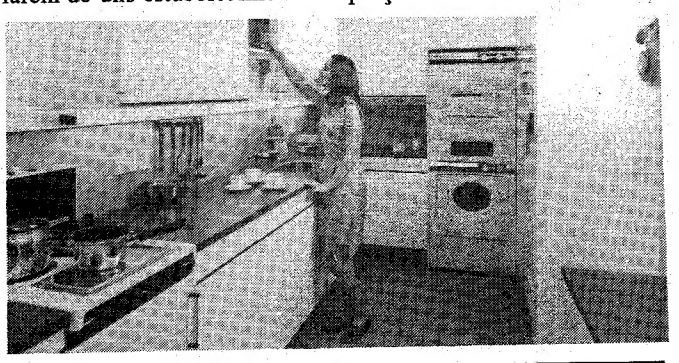
De acordo com um estudo levado a cabo pela Direcção-Geral de Concorrência e Preços junto de 29 estabelecimentos comerciais de Lisboa, 822 240$00 era quanto lhe poderia custar, em Março passado, o tal «equipamento essencial» para a montagem de uma casa. E isto se o leitor conseguisse comprar todo o equipamento «a preços médios», pois observavam-se grandes diferenças nos preços praticados. Assim, se o leitor tivesse um espírito metódico e se dispusesse a uma busca exaustiva dos melhores preços, conseguiria «fazer a festa» por apenas 687 807$00. Pelo contrário, se tivesse a pontaria necessária para comprar sempre ao preco mais alto, teria gasto 989 785$00.

Estes preços referem-se ao conjunto de um cabaz de bens considerados «essenciais» para a montagem de casa. Nesse cabaz incluem-se electrodomésticos vários — desde os indispensáveis esquentador, fogão e frigorífico, até à torradeira e à picadora, num total de 11 produtos —, mobiliário de madeira — mobília de quarto, estante, mesa, quatro cadeiras e dois maples —, têxteis domésticos, loiças e cutelarias. A maior fatia da despesa é originada pelos electrodomésticos e pelo mobiliário, que em conjunto respondem por cerca de 90% do custo total. As maiores oscilações de preços registam-se nas loiças e cutelarias — onde os preços mais baixos e mais altos distam, respectivamente, 28 e 37,1% da média — e nos electrodomésticos — onde o mais barato e o mais caro estão, respectivamente, 20,4% abaixo da média e 27,3% acima dela.

Inflação, careiros e barateiros

Outra conclusão possível de extrair do estudo realizado pela Direcção-Geral de Concorrência e Preços, é que a subida dos preços dos equipamentos domésticos se tem processado abaixo do ritmo geral de inflação. Com efeito, entre Março de 1987 e Março de 1988 os preços dos bens de equipamento doméstico que integram o «cabaz do essencial» subiram, em média, 5,2%, enquanto o valor do crescimento geral dos preços dado pelo INE para o mesmo período é de 8,2%. O único grupo de equipamentos domésticos que foge à regra é o das loiças e cutelarias, onde se verificou um aumento de 12%. De entre os produtos que mais subiram de preço, destacam-se a máquina de lavar loiça (11,5%), o conjunto de lençóis (12%) e o faqueiro (19,9%).

Curioso é também o facto de os preços praticados variarem de uns estabelecimentos para outros. Assim, do estudo da Direcção-Geral de Concorrência e Preços conclui-se que na venda de electrodomésticos se destacava, como a mais barateira de entre as lojas de Lisboa inquiridas em Março passado, a Elga, enquanto o prémio da mais careira ia para a Solipa. No ramo dos têxteis domésticos, os melhores preços eram oferecidos pela Noival e pela Casa dos Panos, sendo os preços mais altos praticados pela casa Eduardo Martins. Por último, no comércio de loiças e cutelarias o Braz e Braz e a Vicrilana distinguiam-se, por praticarem, respectivamente, os mais baixos e os mais altos preços.



Custo do «equipamento essencial» para montar uma casa

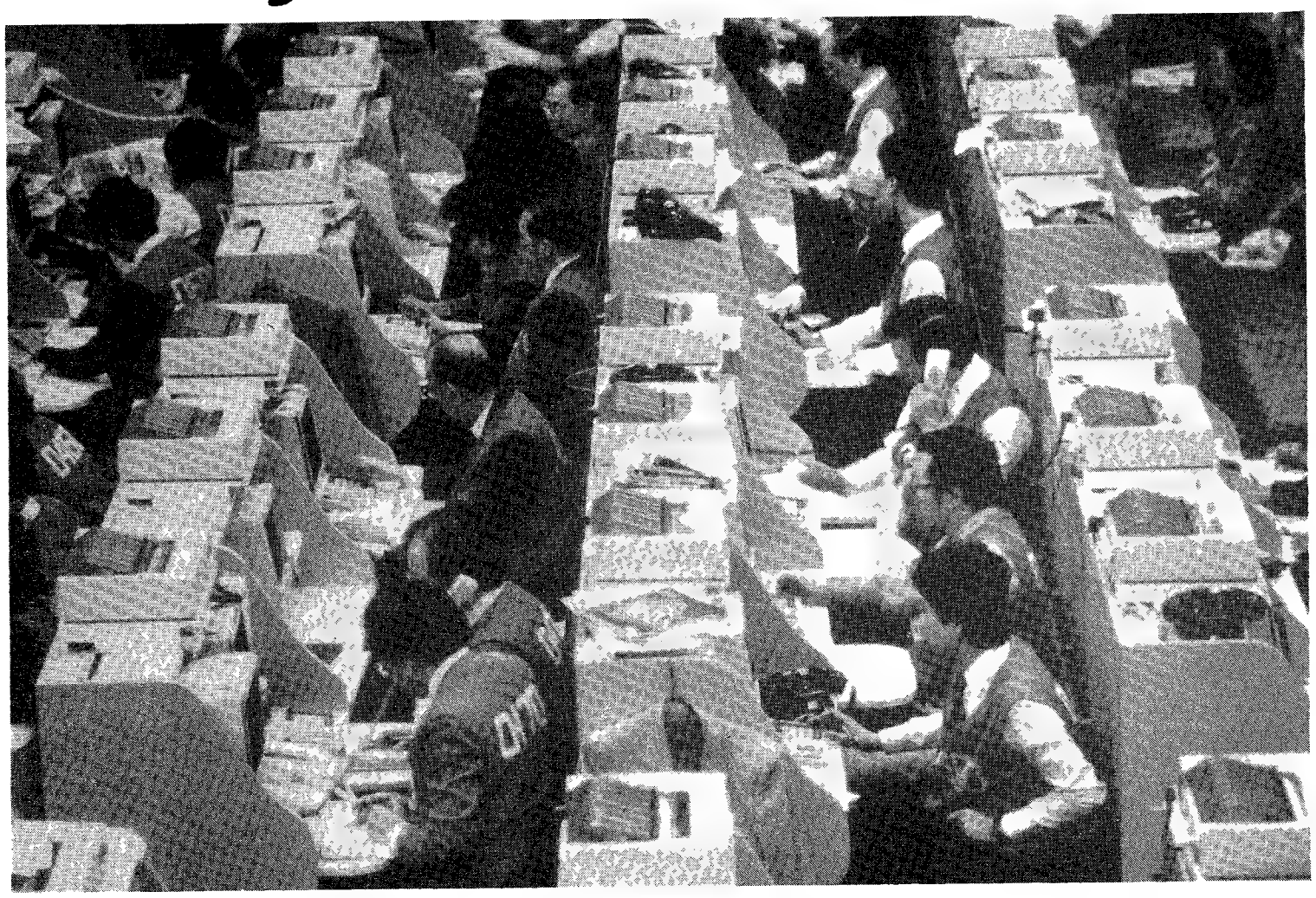
em escudos

ARTIGOS	PREÇO MÉDIO	MENOR PREÇO	MAIOR PREÇO
ELECTRODOMÉSTICOS	371 349	295 720	472 815
Esquentador	22 527	18 500	29 360
Fogão	28 983	21 500	43 500
Frigorífico	68 880	47 500	94 900
Máq. lavar loiça	84 408	67 000	102 500
Máq. lavar roupa	58 036	52 000	65 500
Aspirador	15 924	11 500	19 769
Ferro engomar	5 330	2 900	8 290
Picadora	5 818	4 950	6 631
Varinha mágica	3 801	2 750	5 337
Torradeira	4 887	4 120	5 428
Televisor	72 359	63 000	91 600
MOBILIÁRIO MADEIRA	352 902	309 900	398 600
Mobília quarto	106 846	81 340	132 700
Mesa e 4 cadeiras	58 816	53 000	65 580
Estante	119 344	117 560	121 160
2 Maples	67 896	58 000	79 160
TÊXTEIS DOMÉSTICOS	78 090	67 855	91 080
2 Cobertores	12 270	11 590	13 400
Edredon	7 844	6 995	8 750
4 Conj. lençóis	22 416	18 600	26 600
2 Conj. lenç. edredon	13 586	11 590	16 380
2 Toalhas de mesa	3 630	3 100	4 150
4 Conj. toalhas turcas	18 344	15 980	21 800
LOIÇA / CUTELARIA	19 899	14 332	27 290
6x3 Pratos	3 168	1 380	5 580
6x2 Chávenas	2 886	1 065	4 920
6x2 Copos	480	420	525
6x8 Faqueiro	3 216	2 706	4 050
Concha da sopa	335	326	350
2 Facas de cozinha	554	400	750
Panela de pressão	4 492	4 200	4 800
Trem de cozinha	4 768	3 835	6 315
TOTAL	822 240	687 807	989 785

FONTE: Direcção-Geral de Concorrência e Preços

VÊM AÍ OS JAPONESES!

Carlos Adriao Rodrigues



Três exploradores da selva, um francês, um japonês e um americano, foram feitos prisioneiros por uma tribo, que logo ali os condenou à morte, facultando-lhes porém a satisfação prévia de um último desejo. O francês pediu para cantar a marselhesa, o que lhe foi concedido e causou alguma impressão entre os nativos, a quem os acordes marciais agradaram a tal ponto que chegaram a encarar a hipótese de adiar a execução. Mas a vontade do chefe prevaleceu e o francês foi executado. Chegou então a vez do japonês que pediu que antes da execução lhe fosse permitido, pela última vez, proferir a sua conferência sobre «a qualidade do produto como factor de incremento das vendas», o que lhe foi logo concedido. Foi então que o americano começou a mostrar sinais de grande excitação e os nativos, apreensivos, aperceberam-se, com espanto, que o americano, como última vontade, exigia ser executado antes do japonês. É que não queria ouvir o japonês, mais uma vez, propagandear a qualidade dos produtos japoneses.

Esta anedota, muito popular em Detroit, mostra a grande inquietação dos americanos pelo sucesso dos produtos japoneses.

E este sucesso atingiu o orgulho americano e profundamente os seus interesses, quando por volta de 1980 os americanos se aperceberam de que 30% do seu mercado de automóveis estava nas mãos dos japoneses, o que prenunciava uma crise industrial. Os netos da geração de Henry Ford, que com o seu Ford-T e com o salário de 5 dólares por dia aos operários tinha fundado a sociedade da afluência para os americanos, estavam agora a comprar pequenos carros japoneses e carros de luxo europeus. A Chrysler estava à beira da falência e a Ford perdia dinheiro no seu Escort, para competir. E os americanos tiveram que aplicar todo o seu poder de capacidade negocial para impor aos japoneses uma «voluntária» restrição nas exportações para os Estados Unidos.

Assim se reduziram as exportações para os Estados Unidos de automóveis, aço, material electrónico. Assim a Toshiba foi penalizada por exportação para a União Soviética de material electrónico de alta tecnologia, que permite aos submarinos soviéticos escapar melhor à detecção americana.

Este proteccionismo disfarçado dos americanos foi ainda reforçado pela passagem no Senado e na Câmara dos Representantes americanos de uma lei de comércio externo altamente restritiva, destinada a proteger o comércio e a indústria dos Estados Unidos.

O súbito proteccionismo dos americanos, o facto de nos últimos 4 anos os Estados Unidos terem passado de país credor do resto do mundo para país devedor e o facto ainda de o apoio ao dólar e a valorização do iene, em relação à moeda americana, terem embaratecido os investimentos, levaram os japoneses a investir fortemente fora das suas fronteiras. O investimento directo japonês no estrangeiro tem subido regularmente e de forma apreciável. Em 1986 foi de 14,5 mil milhões de dólares e até Setembro de 1987 atingiu 15,8 mil milhões de dólares. E continua a crescer. Muito embora os capitais japoneses procurem áreas de segura valorização, tais como as finanças, a propriedade imobiliária e os seguros, quando investem na produção industrial, as multinacionais japonesas comportam-se de maneira diferente das ocidentais, gozando de grande autonomia em relação às casa-mãe japonesas, competindo com elas, e buscando o máximo de produtividade.

A luta comercial

Os japoneses desde 1973 que estudam afanosamente a maneira de ultrapassar as barreiras estabelecidas pela Europa e os Estados Unidos e, mais recentemente, de competir com as novas nações em desenvolvimento da área do Pacífico que, com salários mais baixos, são uma ameaça para o refeito poder económico do Japão. As novas indústrias da Coreia, da Tailândia, da Formosa e em breve da China são um desafio para o Japão, que quer assegurar o nível de vida altíssimo que atingiu sem prejudicar a sua competitividade.

Em 1973 o desafio era diferente. Tratava-se de ultrapassar as consequências da subida do preço do petróleo. Os japoneses analisaram a situação com o fim da época da energia barata e tomaram decisões muito importantes, que passavam por obter ganhos de produtividade que compensassem os mais altos custos da energia, de forma a manter a competitividade dos seus produtos, ou por instalar em terceiros países indústrias de energia intensiva, junto de fontes energéticas suficientes e baratas.

Os japoneses estão nesta altura investindo nas cinco partes do mundo, e isso atemoriza os Estados Unidos e a Europa. Os bancos japoneses no Panamá têm sido um dos discretos apoios a Noriega que têm impedido que as sanções americanas funcionem totalmente, num país que nem moeda tem, porque utiliza o dólar como moeda nacional, o que o tornaria muito mais vulnerável às sanções americanas.

E os japoneses já estão adiantados de muitos anos em relação às perspectivas na China e na União Soviética, ambas sedentas de capital, de tecnologia avançada e ambas um mercado prometedor.

E Portugal...

Recentemente uma missão empresarial japonesa visitou Portugal. Foi dito que a área do turismo e dos têxteis atraiu as suas principais atenções. Mas muito provavelmente a propriedade imobiliária, a área dos seguros e a banca também lhes atraiu a atenção, pelo menos no sentido de através de Portugal conquistaram uma posição na Europa.

Mas além destas áreas de interesse meramente possível, onde a grande competição se começa a fazer sentir é em África. De um momento para o outro abriram-se perspectivas animadoras de paz na África Austral. Pretória começa a namorar Moscovo e de repente torna-se viável o estabelecimento da paz na África Austral. As conversações em Londres entre Angola, África do Sul, Cuba e os Estados Unidos não eram possíveis apenas há meses atrás. Qualquer coisa se movimenta também em Moçambique, a braços com uma guerrilha violenta. Ora se, apesar de todas as dificuldades, a pacificação se der na África Austral, Portugal tem alguns trunfos que, jogados com cuidado e tendo em conta o pequeno peso relativo do país no concerto mundial, podem trazer significativas vantagens quer para Portugal quer par os próprios africanos. Portugal pertence à Comunidade Europeia, mas isso não significa que tenha de se submeter às políticas interesseiras dos países que a compõem, nem impede que coordene as suas acções com países estranhos à Comunidade.

Por exemplo, nesta altura Portugal sofre as consequências da inactividade de Cahora Bassa. A empresa que explora a barragem é um condomínio luso-moçambicano, imaginado para assegurar a Portugal a recuperação do capital investido e a ulterior passagem da barragem para o Estado moçambicano. Mas a situação da barragem hoje é outra. Trata-se de um potencial energético enorme, passível de aumento, que poderá ele próprio assegurar energia barata a novos investimentos altamente rentáveis. Porque não começar hoje a encarar a empresa como a concessionária da barragem e modificar a sua estrutura de modo a permitir que nela participem não só Moçambique e Portugal mas também os países ou entidades dispostos a investir na zona. E aí havia que não esquecer nem os utentes actuais, nem os credores actuais, nem aqueles a quem o desenvolvimento da região possa interessar, dada a energia barata que a barragem pode fornecer. E aí talvez os japoneses estivessem interessados também. Mas se eles não estiverem interessados, estão certamente a Inglaterra, os Estados Unidos e a Alemanha Federal.

INVESTIMENTOS JAPONESES CHEGAM À GRÃ-BRETANHA

É na Grã–Bretanha que se situam mais de 50% dos investimentos japoneses na Europa. O nível de emprego e a balança de pagamentos dos britânicos beneficiam desse facto, mas também a capacidade de penetração dos produtos nipónicos vai sendo aumentada, em prejuízo dos seus concorrentes.

Nos últimos dois anos os investimentos japoneses na Grã–Bretanha aumentaram consideravelmente. Os serviços financeiros e electrónicos lideram este movimento. Por exemplo, o grupo Canon acaba de anunciar a abertura no Surrey de um centro de pesquisa e desenvolvimento, cujo investimento inicial será de um milhão de libras. No sector automóvel, a Nissan vai investir 216 milhões de libras estrelinas na sua fábrica de Sunderland, na zona nordeste do país. Assim, a produção anual desta fábrica, onde já antes tinham sido investidos 390 mihões de libras, deverá «saltar» dos 24 mil veículos conseguidos em 1987 para 100 mil em 1992.

Desde que esta onda de investimento nipónico na pátria dos Beatles começou em 1972, mais de 80 empresas industriais e cerca de 40 instituições financeiras japonesas já se instalaram nas terras de além–Mancha. Na realidade, para os industriais japoneses, trata–se de um meio de contornar as tendências proteccionistas da Europa.

Com efeito, os produtos fabricados na Grã–Bretanha (como em qualquer outro país da CEE) podem entrar livremente em todos os restantes países da Comunidade, sem serem onerados com direitos aduaneiros e sem estarem sujeitos a restrições quantitativas. Isto, desde que respeitem a condição de que 60% do seu conteúdo seja fabricado num país da CEE. Assim, a Nissan, que fez questão de assegurar que 80% dos elementos das viaturas montadas em Sunderland sejam europeus, poderá a partir de 1992 exportar para os outros países da Europa 100 mil veículos «made in England». Aos quais se devem juntar outros 300 mil vindos directamente do Japão.

Porquê a Grã–Bretanha?

Mas, de entre todos os países da CEE, porquê os japoneses escolheram a Grã–Bretanha? Sem dúvida, porque a língua inglesa — o idioma do mundo dos negócios — será mais familiar aos japoneses do que qualquer outra falada na Comunidade. Mas sobretudo porque o Estado britânico soube fazer o necessário para atrair os investimentos japoneses, nomeadamente através de incentivos financeiros. A Nissan, por exemplo, receberá uma subvenção de 125 milhões de libras a título de ajudas diversas, pelos 600 milhões investidos em Sunderland. Além disso, o facto de a economia britânica ter hoje uma das melhores taxas de crescimento do mundo industrialisado, um clima social bastante tranquilo e custos salariais relativamente pouco elevados, acabaram por compor da Grã–Bretanha uma imagem atraente para os japoneses. A «mão liberal» de Margaret Tatcher, expressa nas desnacionalizações, no fomento da concorrência e em reformas profundas nas áreas sindical e fiscal, também não é estranha à onda de investimentos japoneses.

Naturalmente, os britânicos também beneficiam da «invasão» japonesa. A balança de pagamentos acusa um efeito positivo, tal como o emprego. Perto de 2 mil pessoas trabalham na Grã–Bretanha em bancos japoneses e 18 mil em empresas japonesas. Acresce que estas actividades arrastam um volume considerável de sub–contratações, dando trabalho a outras empresas — no domínio dos componentes e dos serviços.

O governo britânico espera também recolher alguns frutos em matéria de tecnologia. No entanto, até agora, as transferências tecnológicas são muito limitadas, ao mesmo tempo que os departamentos de pesquisa e desenvolvimento permanecem instalados no Japão, pelo que não há pressa em formar engenheiros e técnicos por entre o pessoal britânico.

Uma mão–de–obra dócil

No campo da gestão de pessoal, os japoneses da Grã–Bretanha conseguiram um feito notável: enquanto patrões como a Ford têm de negociar por vezes com quinze sindicatos diferentes, os nipónicos conseguiram limitar a organização sindical do seu pessoal a uma só organização.

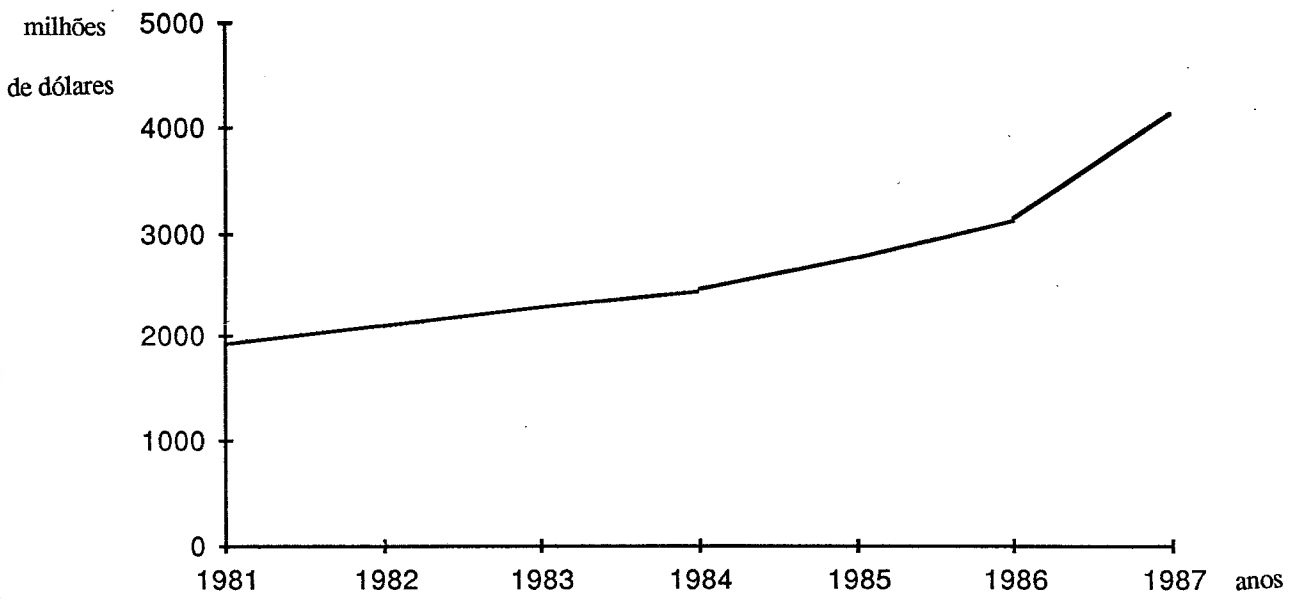
Paralelamente, os japoneses encorajam a motivação do pessoal, embora não tenham chegado ao ponto de introduzir os cinco minutos de ginástica matinal e de cânticos à glória da firma, tal como é praticado no seu país. Mas na Nissan, por exemplo, o dia começa em cada serviço com uma reunião de cinco minutos destinada a discutir os erros da véspera e o plano de trabalho da jornada que começa.

Por outro lado, os assalariados destas empresas japonesas gozam de benefícios sociais não muito vistos na indústria britânica, como a assitência médica gratuita com o salário garantido desde o primeiro dia de doença. Além disso, do director da firma aos varredores, todos têm os mesmos horários, frequentam as mesmas cantinas e utilizam os mesmos parques de estacionamento.

Os quadros da empresa não dispõem nem de viatura da sociedade nem de restaurante particular. Tudo isto contribui para criar um ambiente harmonioso e uma mão–de–obra dócil, disciplinada, pontual e muito pouco absentista. O sonho dourado de qualquer empresário...

Em consequência, as industrias japonesas instaladas na Grã–Bretanha são naturalmente campeãs em matéria de produtividade. O que muito desagrada aos seus concorrentes.

Valor acumulado dos investimentos japoneses na Grã-Bretanha



Secretário de Estado da Energia diz que está quase pronto

Novo esquema de tarifas eléctricas "beneficia" empresas

O secretário de Estado da Energia, Nuno Ribeiro da Silva, disse ontem no Porto que os seus serviços estão a preparar um nova esquema de tarifas de energia eléctrica que «muito poderia beneficiar» os consumidores mais informados e com capacidade de gestão, o que poderá significar um aumento de preços nas áreas de consumo doméstico e redução no consumo industrial e de serviços.

Nuno Ribeiro da Silva, que falava no congresso da Associação dos Hotéis de Portugal, acrescentou que «o consumo de electricidade em Portugal tem vindo a aumentar, com os preços reais da energia eléctrica a subirem mais que os dos derivados do petróleo». Contudo, lamentou o secretário de Estado da Energia, «nem por isso os utilizadores são mais racionais no consumo».

Em 1986, referiu, os consumos doméstico e de serviços representaram cerca de 20 por cento do consumo total nacional, que correspondem a 1,9 milhões de Toneladas Equivalente de Petróleo, em cuja produção o fuel óleo participou com 39 por cento e a electricidade com 37 por cento. Esta, segundo Ribeiro da Silva, é produzida sobretudo a partir de derivados do petróleo.

Por outro lado, disse ainda, desde 1980, nota–se uma gradual inversão da importância dos derivados do petróleo e da electricidade na energia final consumida nos sectores doméstico e de serviços, evolução que correspondeu a um aumento do consumo de electricidade em 42 por cento e à estagnação do consumo de produtos petrolíferos.

Uma racionalização da utilização de energia poderia reduzir o consumo de energia primária de 20 por cento, ou, em unidades de conta energéticas, de dois milhões de Toneladas Equivalentes de Petróleo, o que representaria a poupança de 14 milhões de barris de petróleo, 35 milhões de contos a preços actuais.

Simultaneamente, Ribeiro da Silva anunciou mais um esquema de incentivos dentro da área de economia de energia (o secretário de Estado é membro do CEEETA), chamado Sistema de Incentivos à Utilização Regional de Energia de Base Regional.

"Europartenariat" visa cooperação entre empresas europeias

«Europartenariat» é o nome de um novo programa da Comissão das Comunidades Europeias, que se pretende venha a ser anual e que visa permitir às empresas de determinado Estado membro da CEE encontrar parceiros noutros Estados membros, com vista à celebração de acordos de cooperação, contribuindo assim para o desenvolvimento da economia regional.

O «Europartenariat 88», a primeira edição desta nova iniciativa comunitária, é dedicado à Irlanda, aonde se deslocará, em fins de Junho próximo, uma missão empresarial integrada pelos restantes países da CEE. O número de empresas irlandesas que pretendem associar–se com empresas doutros países comunitários através desta iniciativa eleva–se a 120, abrangendo os seguintes sectores: electrónica, mecânica, papel, artes gráficas, embalagens, têxteis, recursos naturais, produtos de madeira, farmacêuticos e químicos.

Os projectos apresentados pelas empresas irlandesas foram sujeitos a uma selecção por parte da Agência de Desenvolvimento Industrial e especificam produtos fabricados, mercados, equipamento e tipo de cooperação desejado: técnica, financeira, comercial, «joint–venture», sub–contratação ou outra.

Reformados em "extrema pobreza" apesar da "propaganda oficial"

O dirigente do Movimento Unitário dos Reformados, Pensionistas e Idosos (MURPI), José Ferreira, disse, no Porto, que «a situação social e económica da esmagadora maioria dos reformados, pensionistas e idosos continua a ser de extrema pobreza, apesar da propaganda oficial se esforçar por o encobrir e minimizar».

Numa conferência de Imprensa em que traçou a situação social e económica daquele estrato etário José Ferreira disse que «num total de dois milhões de pensionistas existentes no País, cerca de um milhão e oitocentos mil recebe pensões que não ultrapassam, por mês, o valor do salário mínimo nacional».

Por outro lado, os reformados são penalizados pela falta de apoios sociais, nomeadamente pelo insuficientes valores dos complementos e outros subsídios, deficiente prestação de serviços de saúde e agravamento dos problemas de habitação.

A PERESTROIKA, PRINCÍPIOS E PERSPECTIVAS

Blanka Kalinova (*)

O impulso reformador que actualmente se desenvolve na URSS tem por origem principal o fracasso da política económica levada a efeito há décadas. Com efeito, vinte anos depois do projecto de reforma de 1965, a transição para um crescimento intensivo — baseada na utilização mais eficaz dos recursos disponíveis, principalmente em capital, matérias-primas e mão-de-obra — ainda não se realizou.

Foto de José Tavares

Ora a perestroika (reestruturação) actualmente iniciada parece de natureza diferente das medidas antes efectuadas na URSS e que se contentavam em trazer modificações parciais ao sistema de gestão. A **perestroika** parece ter em vista uma transformação profunda dos mecanismos económicos.

Precedida por certas modificações no domínio do comércio externo (1), o processo actual diz essencialmente respeito a uma reforma da economia interna.

Primeira pedra do edifício:; a lei sobre o estatuto da empresa. Em 25 artigos, esse texto define os direitos e obrigações das empresas e estabelece as regras da sua actividade. Princípio essencial: a autonomia financeira — crescimento das responsabilidades em matéria de produção, de venda e de utilização dos lucros — tendo por corolário lógico o risco: a possibilidade de falência está expressamente prevista.

Outro aspecto da lei, as relações das empresas com os órgãos de tutela cuja prerrogativas se encontram agora limitadas a três domínios: a fixação dos indicadores de controlo, a definição dos parâmetros e os contratos de Estado. A delimitação mais estrita do papel dos órgãos centrais constitui uma das manifestações do novo estado de espírito também ilustrado pela declaração de Mikhael Gorbatchev no seu discurso perante o plenário do comité central do partido comunista soviético, de Junho de 1987: «é permitido tudo o que não é proibido pela lei». Para mais, a lei sobre a empresa tem implicações sociais visto que dá grandes poderes aos conselhos colectivos de trabalhadores, entre outros o de participar na eleição e na revogação dos dirigentes.

Essa lei é um simples princípio. Ele deve, com efeito, inserir-se num conjunto mais amplo de reformas, principalmente a reforma do sistema de preços que ainda constitui o principal obstáculo à gestão eficaz das empresas. Um novo sistema de preços, a activação e a diversificação do sistema financeiro, a criação de um novo sistema de abastecimento, uma nova política de remuneração, serão progressivamente introduzidos até 1991 a fim de permitir ao plano quinquenal que se iniciará então, estabelecer-se em novas bases. Antes disso, a 19.ª conferência nacional do partido comunista convocada para o próximo dia de Junho terá feito o ponto dos progressos realizados.

Modelos ou referências

Para avaliar as possibilidades de êxito da **perestroika** e os escolhos que terá de contornar, é instrutivo debruçarmo-nos sobre as reformas já iniciadas nos países da Europa do Leste e na China. Uma comparação que tem naturalmente os seus limites na especificidade dos contextos económicos, sociais e políticos de cada país.

Europa de Leste

De um modo geral, a maioria dos problemas discutidos nos países de Leste empenhados num processo de reforma, também são objecto de um debate no quadro da *perestroika* soviética. Essa identidade nos temas abordados chega aos assuntos considerados mais sensíveis, como a necessidade de diversificar as formas de propriedade, o interesse de assegurar a convertibilidade da moeda nacional ou a supressão progressiva das subvenções principalmente destinadas aos produtos de consumo.

Mesmo que os dirigentes soviéticos mostrem uma certa reticência em se referir expressamente aos exemplos húngaro e polaco — países onde as reformas e as discussões foram levadas bastante longe, mas cuja situação económica se mantém extremamente difícil —, as propostas feitas na URSS estão, em grande parte, próximas das concepções mais radicais debatidas em Budapeste ou em Varsóvia. Graças ao seu potencial económico e à sua melhor situação exterior, a União Soviética dispõe, no entanto, para organizar uma verdadeira reforma, de uma maior margem de manobra do que esses dois países cujos esforços devem concentrar-se na melhoria das suas posições comerciais e financeiras externas particularmente degradadas.

China

A comparação entre o movimento de reforma que está a começar na URSS, e aquele que os chineses iniciaram há nove anos, é reveladora de certas divergências, principalmente em matéria de estratégia do desenvolvimento.

É certo que Moscovo e Pequim têm em comum o objectivo de modernizar o aparelho de produção. Para mais, algumas das suas preocupações são similares: a prioridade atribuída à agricultura, a «monetarização» da economia socialista (restauração do papel dos preços e restabelecimento da política de crédito), a parte social (maior atenção dada à satisfação das necessidades da população) e a transformação da política salarial (maior diferenciação dos ordenados).

As divergências situam-se essencialmente no domínio das relações económicas externas. Com efeito, apesar de certas reticências de uma parte dos dirigentes chineses, o postulado de partida era que a modernização do país necessitava do recurso à tecnologia importada e o contacto de certos sectores com a concorrência internacional. Essa política de abertura contrasta, pois, com a ausência de indicações sobre o papel das relações económicas externas na política económica soviética actual.

Aparentemente, os dirigentes soviéticos esperam realizar a modernização com uma melhoria do funcionamento do sector investigação-desenvolvimento, principalmente associando-o mais estreitamente com a produção. Embora ela tenha precedido a introdução da lei na empresa, a reforma do comércio externo soviético consiste antes de mais em modificar a organização das actividades neste sector, sem que seja realmente tratada a questão do papel do comércio com o estrangeiro no processo da modernização. A verdade é que uma política de investimento mais ambiciosa poderia criar um rápido aumento das importações.

Essas diferenças de concepção também transparecem, em matéria de legislação, nas sociedades mistas. A evolução da polfica chinesa neste domínio revela uma tomada de consciência, visto que, para atrair os investidores estrangeiros, as autoridades devem estar dispostas a inflectir as sua exigências do início e melhorar as condições de exploração dessas sociedades. Embora seja actualmente prematuro avaliar o alcance da recente legislação soviética, é provável que o desenvolvimento das sociedades mistas na URSS necessite de uma verdadeira política de acompanhamento que garanta às firmas, para além das condições favoráveis para o repatriamento dos seus lucros, o acesso ao mercado interno, em termos de abastecimento ou de escoamento da produção.

Perspectivas na URSS...

A maioria dos resultados da actividade económica, em 1987, não revelam de momento uma melhoria da economia soviética que seja digna de nota. Mesmo a curto prazo, não podemos esperar ver a economia e o comércio da URSS conhecer uma fase de crescimento particularmente importante.

Neste contexto, o efeito do sistema estatístico nos êxitos económicos merece ser mencionado. Os responsáveis soviéticos admitem agora as falhas do sistema estatístico durante muito tempo denunciado pelos economistas ocidentais. A reunião especial do Politburo, em Abril de 1987, consagrada às insuficiências dos serviços estatísticos centrais e aos remédios possíveis, desembocaria numa colecta mais escrupulosa dos dados provenientes das empresas, e numa maior atenção à evolução dos preços. Consequência provável: os êxitos da economia soviética podem surgir quantitativamente ainda mais modestos, sem que, no entanto, se possa considerar este fenómeno como um fracasso da reforma.

Entrada em vigor no mês de Janeiro de 1987, a inspecção da qualidade dos produtos industriais (*Gospriemka*) tem consequências similares. Este controlo trouxe à luz êxitos particularmente medíocres no sector industrial que registou resultados muito desconsoladores, sobretudo durante o primeiro trimestre do ano. A introdução mesmo parcial da reforma pode consequentemente traduzir-se, pelo menos num primeiro tempo, por um afrouxamento dos indicadores de crescimento. Essa situação poderia perdurar, pelo menos, até ao momento em que começarem a ter efeitos medidas, como a legalização parcial das actividades privadas.

Quanto às permutas externas, elas foram pouco dinâmicas em 1987, apesar de uma melhoria da balança comercial. Deve dizer-se que a reforma criou um «vazio institucional»: as empresas ou organismos beneficiários em 1986 dos direitos de comércio externo continuam a ter a peritagem necessária para enfrentar directamente e de maneira útil os mercados de exportação. A ausência de estratégia externa bem definida não faz augurar, mesmo a meio termo, uma expansão comercial rápida da URSS.

A reforma não conseguiu, pois, até hoje, injectar na economia soviética o desejado dinamismo. Os próprios dirigentes não mostram um excessivo optimismo, visto os objectivos do actual plano quinquenal (1986-1990), embora relativamente ambicioso em relação aos anteriores, não terem sido revistos. Em contrapartida, o próximo plano (1991-1996) deveria fixar novas orientações para o desenvolvimento.

As perspectivas da reforma mantêm-se, no entanto, incertas. Com efeito, ela pode entrar em conflito com os interesses dos meios conservadores cuja autoridade e prerrogativas podem ser postas em causa. A inércia, a ausência de espírito de iniciativa e, em geral, a atitude de expectativa, também constituem um severo obstáculo.

... e fora dela

A reforma soviética em curso parece ter certas repercussões nos outros países do Leste e no próprio seio da instituição do CAEM (2).

Por intermédio dessa organização, a URSS parece, com efeito, procurar encorajar os movimentos de reforma nos países parceiros, esforçando-se por activar a própria instituição.

Em especial, à falta de resultados ainda probatórios em matéria de cooperação interempresas entre os diferentes países, o CAEM abordou, por ocasião da sua 43.ª sessão em Outubro de 1987, os importantes problemas da fixação dos preços e da convertibilidade mútua das moedas europeias de Leste no quadro das transações intra-CAEM. Apesar disso os efeitos destas discussões parecem incertos e, na realidade, o processo de reforma no seio do CAEM promete ser longo devido à resistência de certos países parceiros.

No que diz respeito à evolução nos outros países parceiros do CAEM, é evidente que, tendo em vista o potencial económico e o peso político da URSS, o desenvolvimento da reforma neste país exercerá um papel importante. Em todo o caso, o ritmo e as modalidades da reforma serão decerto diferentes segundo os países, reflectindo a diversidade das suas situações económicas e sociais.

*** Direcção das permutas da OCDE.**

(1) No final de 1986, 70 empresas e 21 associações tiveram o direito de fazer comércio com o exterior e, em Janeiro de 1987,foi promulgada uma lei sobre as sociedades mistas.

(2) Conselho de Ajuda Económica Mútua, de que são membros, para além da URSS, a Bulgária, a Hungria, a Polónia, a RDA, a Roménia e a Checoslováquia, assim como Cuba, a Mongólia e o Vietname.

As três funções atribuídas aos órgãos centrais

1. Os indicadores de controle. Fornecidos a todas as empresas, no inicio de cada período quinquenal, pelas instâncias superiores, eles indicarão as principais orientações do plano em matéria de produção, de lucro, de proventos em dividas, de progresso técnico e de objectivos sociais.

2. Os parâmetros. Em contrapartida, as empresas deverão respeitar parâmetros - nível dos preços e das taxas de lucro em especial dos créditos bancários - fixados no início de cada plano. Tomando como base os lucros e proventos das empresas, outros parâmetros determinarão as taxas de imposição dos lucros assim como a parte dos proveitos destinados aos fundos de salários e de prémios. Estes parâmetros manter-se-ão estáveis durante o plano a fim de permitir à empresa estabelecer as suas próprias previsões.

3. Os contratos de Estado. Eles representam a obrigação mais penosa imposta às empresas pelos órgãos centrais. Com efeito, ao contrário do resto da produção - em princípio livremente gerida pelas empresas, na base dos contratos concluidos com os fornecedores e os consumidores - os contratos de Estado beneficiarão de um abastecimento centralizado, a preços préviamente fixados, e de um acesso privilegiado aos empréstimos.

Na agenda das reformas

1. Transformação do papel dos orgãos centrais. As intervenções administrativas directas dos ministérios na gestão das empresas estão em contradição com a autonomia das empresas garantida pela nova lei. De futuro os ministérios serão encarregados da política sectorial, principalmente em matéria de progresso técnico. Os diferentes comités de Estado, como o da planificação (Gosplan) ou o do abastecimento material e técnico (Gosnab) vão consagrar-se à elaboração dos objectivos, a médio e longo prazo, da economia nacional.

2. Reforma dos preços. Um novo processo de formação dos preços é actualmente julgado indispensável à realização da reforma. Tendo em vista as implicações sociais importantes da medidas que afectam os preços, a direcção soviética prevê o início de uma campanha de explicação junto da população. A verdade dos preços tanto dos bens intermedios como dos de cosumo é considerada como uma condição necessária para assegurar o fornecimento dinâmico e equilibrado da economia.

3. Reforma do Sistema financeiro. A autonomia financeira completa das empresas significa que estas últimas aguentarão o encargo financeiro, não só das suas despesas correntes mas também dos seus investimentos, sem recorrer ao financiamento através de abonos monetários. Uma tal situação implica que a moeda e o crédito bancário possam ter um papel mais activo. A diversificação em curso, do sistema bancário parece por isso indespensável.

4. Novo sistema de abastecimento (desenvolvimento do comércio em grosso). Este substituirá progressivamente o actual abono centralizado dos produtos intermédios e dos bens de investimento que está na origem do gasto exagerado de materiais, do crescimento excessivo de stocks e da insatisfação crónica da procura de equipamentos. O comércio em grosso permitirá confrontar a oferta e a procura e criar um verdadeiro «mercado socialista»: a parte do comércio em grosso deveria atingir 60% do volume total das vendas em 1990.

5. Nova política de remunerações. A tendência para a igualdade dos salários foi considerada pouco propícia para a aumento da produtividade, e a sua diferenciação é encorajada. O novo sistema de salários eplicado no início de 1988 por 15.000 empresas que representam 10 milhões de assalariados (isto é, uns 10% da população activa soviética) procura assim dar-se conta da quantidade e qualidade do trabalho de cada um dos assalariados, e dos resultados globais da empresa.

Dois soldados suecos tomam posições numa zona central de Estocolmo, durante uma operação simulada de invasão, a fim de ser testada a preparação da cidade para uma hipotética guerra.

Um projecto de reforma legislativa destinado a endurecer as actuais leis sobre o aborto foi derrotado na Câmara dos Comuns do Parlamento britânico. O projecto, apresentado pelo deputado liberal David Alton, pretendia reduzir a 18 as actuais 28 semanas de gravidez durante as quais é legal a prática do aborto ao abrigo de uma lei de 1967.O autor do projecto afirmou-se disposto a apresentar uma outra proposta para restrição da prática do aborto. De referir que já foram feitas 14 tentativas de restringir esta lei que acabaram todas por fracassar. Os últimos dados oficiais, relativos a 1986, referem que se praticaram na Inglaterra e País de Gales 172.286 abortos, dos quais 10.770, ou seja 6 por cento, ocorreram após as 17 semanas de gravidez.

O Papa partiu hoje de Roma com destino ao Urug uma visita de 13 dias que o levaráa alguns dos países ma América Latina. Na foto, um operário conduz um carrinh altar onde o Papa rezará uma missa, em Montevideu.

Afeganistão: solução militar "é inútil"

O presidente afegão, Najibullah, considerou inútil uma solução militar para o conflito que opõe o seu regime a rebeldes muçulmanos, e advertiu os mujahideen de que sofrerão um «grave revés» se continuarem a lutar. Falando aos jornalistas no final da sua visita de três dias à Índia, Najibullah afirmou que as forças governamentais reduziram as suas operações convencidas de que não haverá vitória militar para nenhum dos lados. «A experiência já nos ensinou que a solução militar para o conflito afegão é inútil», salientou. «Através de meios pacíficos poderemos alcançar mais rapidamente uma paz melhor», disse. Najibullah afirmou ainda que espera que os mujahideen reconheçam a inutilidade de prosseguir a luta armada, mas caso insistam nesta opção «estamos plenamente preparados para lhes inflingir um grave revés», acentuou. Ao recusar o acordo de paz recentemente assinado em Genebra pelo Afeganistão, pelo Paquistão, reduto dos rebeldes e pela URSS e EUA como garantes, a guerrilha muçulmana arrisca-se ao «suicídio político» através do isolamento.

Angola e Namíbia na cimeira de Moscovo

Angola e Namíbia serão temas a debater na cimeira entre Reagan e Gorbachev, a realizar de 29 de Maio a 2 de Junho, em Moscovo, segundo um comentário do correspondente da agência Novosti na capital britânica. No seu comentário, o jornalista da agência soviética refere que a inclusão desse tema na agenda da cimeira lhe foi transmitida por um diplomata soviético na capital britânica.

As conversações quadripartidas sobre Angola e a Namíbia, que reuniram esta semana em Londres representantes dos governos de Luanda, Havana, Washington e Pretória, foram consideradas positivas pelas partes envolvidas no processo negocial em curso, sublinhou o jornalista daquela agência soviética. No seu comentário, o correspondente da Novosti em Londres realça o facto de a UNITA se ter manifestado satisfeita com os resultados destas primeiras conversações, ao contrário da Organização de Libertação da Namíbia (SWAPO), que se mostrou prudente quanto ao desenvolvimento das actuais conversações.

Filipinas em estado de alerta

As Forças Armadas das Filipinas foram colocadas em estado de alerta. Em todos os aeroportos nacionais foi estabelecido um rigoroso controlo dos passageiros que chegam ao país. As autoridades filipinas viram-se obrigadas a tomar estas medidas receando a possibilidade de chegada ilegal ao país de membros da família do ex-presidente Ferdinando Marcos, cuja mãe morreu no passado dia 4 num dos hospitais da capital filipina. Não obstante o facto de alguns membros da direcção filipina, inclusive o vice-presidente Salvador Laurel, se terem manifestado a favor do regresso de Ferdinando Marcos ao país para participar no funeral, o gabinete de ministros apoiou a posição da presidente Corazón Aquinò, que excluiu por completo tal possibilidade. No entanto, a presidente declarou estar disposta a permitir que um filho ou filha de Marcos participem na cerimónia fúnebre. O comando das Forças Armadas das Filipinas expressou a sua atitude negativa para com a vinda às Filipinas de qualquer membro da família Marcos, receando que isto possa estimular a actuação dos adeptos do ex-presidente. Levando em consideração este facto, o ministro da Defesa das Filipinas, Fidel Ramos, e o comando da Polícia recomendaram à presidente Corazón Aquino proibir a entrada no país aos familiares de Marcos.

Polónia planeia proibir todas as formas de protesto

MANTÉM-SE A GREVE NOS ESTALEIROS DE GDANS MAS ALGUNS TRABALHADORES DESISTIRAM

Os trabalhadores em greve nos estaleiros Lenine, em Gdansk, na Polónia, continuam hoje no interior das instalações, as quais se encontram cercadas há três dias por um forte cordão policial. A noite passada decorreu calmamente embora os grevistas receassem uma intervenção policial semelhante à efectuada para pôr fim à greve dos metalúrgicos, na quinta-feira, em Nova Huta.

O moral dos trabalhadores, em greve desde segunda-feira, está a ser afectado pela escassez de alimentos e por indícios de que o Governo planeia intensificar as suas acções para acabar com a agitação laboral. Alguns grevistas têm estado a abandobar os estaleiros com receio de represálias.

Areacção dos trabalhadores é uma consequência da pressão que a administração do complexo e o Governo têm exercido para que a greve de ocupação terminasse.

Numa tentativa de pôr fim à agitação laboral no país, o Governo do general Wojcieh Jaruzelski está a preparar um projecto de lei sobre poderes de emergência, que inclui a proibição de realização de greves e outras acções de protesto até ao fim do ano.

O projecto, a que uma agência noticiosa Ocidental teve acesso, foi discutido por um conselho consultivo sócio-económico do SEJM (Parlamento) antes de ser alvo de debate parlamentar na próxima semana.

Ao abrigo dessa lei, o Governo passará a ter o direito de proibir qualquer tipo de manifestação e de punir os seus organizadores com um ano de cadeia.

Entretanto um dirigente do Solidariedade foi condenado a três meses de prisão devido à sua actuação nas paralisações dos últimos dias.

Bodgan Lis foi acusado de ter participado na organização da greve no centro siderúrgico de Nova Huta, esclarec eu a mãe do sindicalista.

A actual situação na Polónia tem sido objecto de críticas internas e externas.

Os bispos católicos criticaram o executivo e sugeriram que ele não cumpriu a sua palavra ao ordenar a intervenção policial na Siderurgia Lenine, perto de Cracóvia, quando a Igreja tentava desempenhar um papel de medianeira no conflito.

Em comunicado, os prelados salientam que o envio de cinco intelectuais católicos a Nova Huta e Gdansk foi aprovado pelo gabinete de Jaruzelski.

"Manifestamos a nossa profunda tristeza pela tentativa de diálogo ter falahado e não ter conduzido aos resultados esperados", acrescentaram lamentando o uso da força policial.

Em relatório sobre a situação na Polónia, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) renovou as suas críticas pelas "restrições excessivas impostas no direito à greve" e exortou Varsóvia a conceder maior pluralismo aos sindicatos.

A exemplo de anos anteriores, o relatório afirma que a legislação polaca impõe um sistema de unidade sindical que não respeita uma convenção da OIT, que apela aos signatários para garantirem o direito de associação e organização.

Vist

As saram Partid queria dialog tantes nicado blicad

O Liever Giova deral tenção os pró

"O Roma uma re tos at não ch pretad gativa'

Os cal dis os vist greves

Incursão no Líbano provoca contencioso no seio do Governo israelita

A recente incursão de tropas israelitas no Sul do Líbano, durante a qual pelo menos 40 guerrilheiros muçulmanos libaneses e três soldados israelitas foram mortos, provocou um contencioso no seio do Governo de Telavive, referem fontes governamentais.

Segundo as citadas fontes, o ministro da Defesa, Yitzhak Rabin, ordenou o «raid» de 48 horas, incluindo o assalto e destruição do reduto de guerrilheiros muçulmanos de Maidoun, sem consultar os restantes membros do governo.

Até mesmo o primeiro-ministro, Yitzhak Shamir, e o vice-ministro e ministro dos Negócios Estrangeiros, Shimon Peres, apenas tomaram conhecimento da operação quando esta já estava em curso.

Tanto Shamir como Peres deram o seu apoio à operação e afirmaram que esta não precisava da sua aprovação prévia, mas outros membros do governo protestaram contra o facto de não terem sido consultados.

As mesmas fontes adiantaram que um dos ministros que mais protestou contra o desconhecimento da operação foi o ministro do comércio e indústria, Ariel Sharon.

Entretanto, o Líbano qualificou de invasão sem justificação a recente incursão militar de Israel no seu território e exigiu a imediata retirada das tropas.

O Conselho de Segurança da ONU, que se reuniu a pedido do Líbano, continuará a debater esta questão na próxima segunda-feira, após analisar outro tema da agenda: o conflito entre o Irão e o Iraque.

Noruega

Queda de avião provoca 36 mor

Um avião pertencente à companhia «Wideroe», que efectuava um voo dom noite passada, noticiou a televisão noru as 36 pessoas a bordo.

Segundo o comunicado televisivo, o além dos três membros da tripulação, le geiros, todos cidadãos noruegueses, des quilómetros a sudoeste da cidade de Br

O avião era proveniente da cidade de ra Broennoeysund, no Norte do país.

«A equipa de salvamento, acompanha levados até ao local por helicópteros, i horas locais (22 de Lisboa), não se en sobreviventes», informou o chefe da P Soenderland.

A tragédia é tida como das mais grav ga desde a Segunda Guerra Mundial.

...ino ao Uruguai, no início de ...los países mais pobres da ...z um carrinho de mão junto ao ...ntevideu.

...DANSK

...co ...lu- ...elo ...ro- ...de ...ter ...ra- ...do ...ção ...er- ...re- ...es- ...no ...só- ...mo ...es, ...la- ...de ...ei- ...que ...an- ...o e

Vistos recusados

As autoridades polacas recusaram vistos a três membros do Partido Radical Europeu que queriam visitar a Polónia para dialogar com diversos representantes do país, revela um comunicado deste grupo político publicado em Bruxelas.

O senador radical Lorenzo Lievers, o parlamentar europeu Giovanni Negri e o secretário-federal Olivier Dupuis, tinham intenção de visitar a Polónia entre os próximos dias 9 e 14.

"O embaixador polaco em Roma comprometeu-se a dar uma resposta ao pedido dos vistos até ontem, mas como esta não chegou, o silêncio é interpretado como uma resposta negativa", afirma o comunicado.

Os membros do Partido Radical disseram que tinham pedido os vistos antes da ocorrência das greves que se verificam no país.

...avião ...6 mortos

...à companhia de aviação norueguesa ...a um voo doméstico, despenhou-se a ...televisão noruguesa, morrendo todas

... televisivo, o quadrimotor, que, para ...a tripulação, levava a bordo 33 passa- ...ruegueses, despenhou-se cerca de 15 ...a cidade de Broenneysund. ...e da cidade de Namsos e dirigia-se pa- ...Norte do país. ...to, acompanhada de quatro médicos, ...helicópteros, informou, cerca das 23 ...oa), não se encontrarem vestígios de ...u o chefe da Polícia de Bodoe, Olav

... das mais graves ocorridas na Norue- ...rra Mundial.

Síndroma de Le Pen contagia a extrema-direita italiana

Sergio Fernandes — Lusa

O sucesso de Jean-Marie Le Pen, na primeira volta das eleições presidenciais franceses, fez com que a extrema-direita italiana tenha passado a utilizar como principal argumento da campanha eleitoral, a necessidade de se conter o afluxo da imigração afro-asiática. No domingo, o líder da Frente Nacional francesa participará num comício do Movimento Social Italiano-Direita Nacional (MSI-DN), que, com vista às eleições locais parciais que decorrem em Itália a 29 e 30 do corrente mês, em que sete milhões de italianos são chamados às urnas, tem exigido ao Governo a imposição do visto de entrada a todos os cidadãos de países extracomunitários.

Actualmente existem em Itália cerca de 200 000 estrangeiros com autorização de residência, mas o Instituto de Estudos Políticos, Económicos e Sociais (ISPES) calcula em 750 000 o número de clandestinos, que segundo outras fontes deverá ultrapassar a casa do milhão de indivíduos.

Segundo o ISPES, o «exército» de clandestinos vem aumentando em Itália ao ritmo de 50 000 por ano, entre eles uma maioria proveniente de países asiáticos, como as Filipinas, e africanos, sobretudo do Norte do continente negro.

Em entrevistas e comícios feitos nas duas últimas semanas, o novo secretário-geral do MSI, Gianfranco Fini, de 35 anos, que há seis meses substituiu o fundador do partido, Giorgio Almirante, tem visado sobretudo a chamada «maré negra», sendo acusado, como Le Pen em França, de xenofobia e racismo primários.

«Não é racismo, é simples defesa da saúde e da segurança do país», replica Fini. «Não é mistério para ninguém que a Sida está presente de forma maciça nas populações de origem africana, como não o é que, entre estes imigrantes, pode existir quem ofereça um apoio local ao terrorismo, que possa constituir mão-de-obra para a criminalidade, por outras palavras, elementos de desestabilização social.»

Fini recusa-se a aceitar estar a tentar importar para Itália a «Moda Le Pen»:

«O que Le Pen fez em França já havia feito Almirante em 1972, quando o MSI atingiu o máximo índice de votos a nível nacional, 9,8 por cento. O método é o mesmo: dizer em voz alta o que a gente pensa. Não nos esqueçamos, também, que nos copiaram o símbolo: o próprio Le Pen pediu autorização a Almirante para utilizar a flama tricolor também para o seu movimento.»

Nos último dias, a Imprensa italiana tem-se interrogado sobre até que ponto o MSI começa a fazer eco de uma possível tendência da sociedade italiana à rejeição xenófoba e racista dos estrangeiros e poderá dela aproveitar em termos eleitorais.

Num estudo sobre o crescente fenómeno imigratório proveniente do Terceiro e do Quarto Mundo, os especialistas do ISPES afirmam que «o problema é grave, mas deve ser tratado sem alarmismos».

Um observador faz notar entretanto que «xenofobia e racismo estão a voltar num crescendo impressionante ao primeiro plano nos nossos jornais, nos comentários de factos políticos e desportivos, na crónica quotidiana e nos debates entre estudiosos».

Representantes de outros quadrantes políticos mostram-se, todavia, confiantes em que, apesar de atingir pontas de 20 por cento na região subtirolesa do Alto Adige e de 15 por cento em Nápoles, o eleitorado do MSI-DN permanecerá estabilizado na média nacional à volta dos 7 por cento, que tem registado nos anos 80.

Alegam, por isso, ser impossível em Itália um fenómeno como o de Le Pen: «Existe apenas um milhão de imigrados e não três milhões, como em França, falta o rastilho à mistura explosiva que criou o caso Le Pen», diz um deputado liberal, segundo o qual «o vinténio fascista e a memória histórica do período mussoliniano constituem a melhor vacina» contra uma eventual ascensão da extrema-direita.

O alto índice de 12 por cento de desemprego em todo o país, com pontas que atingem os 25 por cento na subdesenvolvida Itália Meridional poderia, no entanto, vir a ser o rastilho para a deflagração do fenómeno de rejeição que já se nota entre a camada menos privilegiada da população e que se reflecte em pixagens de parede nas cidades italianas do tipo: «Marroquinos voltem para casa».

Em Itália, observa um analista, «delineiam-se as condições favoráveis à imigração de trabalhadores do Terceiro Mundo», mas a forma como a sua população a ela reagir dependerá em grande parte da abolição dos graves desequilíbrios internos» — conclui.

Franceses escolhem amanhã presidente

Campanha termina ao rubro e esbate favoritismo de Mitterrand

A campanha eleitoral francesa terminou ontem ao rubro, com um confronto aceso entre o candidato da esquerda, o presidente François Mitterrand, e o da direita , o primeiro-ministro Jacques Chirac.

Os dois campos dividem a França em duas partes iguais, com uma vantagem mínima para a direita, no seu todo, materializada em menos de um por cento na primeira volta das eleições.

A vantagem atribuída a Mitterrand em todas as sondagens, umas 150 durante este ano, foi anulada ao aproximar-se a hora da verdade e, uma campanha um tanto descolorida de início, acabou por apaixonar o eleitorado.

Chirac dedicou o dia a percorrer as cidades de Agen, Perpinan e Clermont Ferrand, onde recebeu o apoio do ex-presidente Valey Giscard d'Estaing.

Giscard não foi reticente em dar o seu apoio a quem lho negou há sete anos e pediu á União para a Democracia Francesa (UDF), força política de tendência centrista, que compõe com o partido neogaullista de Chirac a actual maioria, um apoio unânime ao primeiro-ministro.

Mitterrand, por sua vez, reuniu umas 40 000 pessoas numa festa-comício nos arredores de Toulouse, cidade do sul da França, que o candidato presidencial definiu como «pólo da indústria aeronáutica e espacial».

«Aqui compreende-se a necessidade do progresso, da investigação, do êxito», disse Mitterrand ao dirigir-se à assistência, manifestando-se plenamente convencido de ser o vencedor nas eleições de amanhã.

Mitterrand mostrou-se menos agressivo que Chirac, mas nem por isso menos acutilante e, inclusivamente, depreciativo.

Mitterrand, mais calmo pelo seu temperamento e pela sua situação, apelou para um voto militante contra a intolerância e a dissensão civil de que considera mensageiro o seu rival.

Nova Caledónia

Os canacas da Nova Caledónia disseram, entretanto, que a morte dos 19 separatistas durante o confronto para a libertação de um grupo de reféns não fará parar a sua luta para conseguir a independência deste território francês do Pacífico.

Numa manifestação nos arredores da capital, meio milhar de canacas, exprimiu a sua solidariedade para com os extremistas que foram mortos quando tropas francesas atacaram na quinta-feira uma gruta para libertar 23 reféns franceses, ali retidos durante duas semanas.

A SEMANA

Segunda-feira, 2

Greves na Polónia - A Polícia prendeu vários dirigentes do Solidariedade em toda a Polónia, na sequência da entrada em greve de milhares de trabalhadores dos Estaleiros Lenine, em Gdansk, onde a central sindical foi criada. Ao fim da manhã, 3.000 trabalhadores ocuparam o estaleiro, inciando uma greve num cenário que recordava as paralisações históricas de 1980. As greves na Polónia seguiram-se a um apelo lançado por Walesa para que fossem encetadas acções de apoio aos 16 mil metalúrgicos em greve há vários dias na cidade de Cracóvia.

Terça-feira, 3

Conversações sobre Angola - Começaram em Londres as conmversações quadripartidas sobre a guerra em Angola e a independência da Namíbia. Sentaram-se à mesa de negociações, pela primeira vez, representantes de Angola, de Cuba e da África do Sul. A reunião, presidida pelo subsecretário de Estado norte-americano para os Assuntos Africanos, Chester Crocker, criou uma expectativa, mas responsáveis sul-africanos consideraram que "seria irrealista esperar acordos rápidos e imediatos da cimeira de dois dias na capital britânica. Observadores Ocidentais consideraram, por seu turno, que a reunião de Londres tinha apenas um carácter exploratório.

Quarta-feira, 4

Incursão israelita no Líbano - As tropas israelitas e os seus aliados das milícias libanesas capturaram uma povoação e posições nas colinas a poucos quilómetros das linhas sírias do vale de Bekaa, segundo testemunhas. O exército israelita e os seus aliados travaram uma feroz batalha durante vinte minutos contra guerrilheiros pró-iranianos, antes de conquistar a povoação de Maidoun e os montes circundantes, a cinco quilómetros das posições sírias, acrescentaram. Os israelitas bomardearam uma base das tropas sírias, mas não se registaram retaliações.

Quinta-feira, 5

Reféns franceses libertados - Três franceses retidos no Líbano há três anos, e cujo sequestro foi reivindicado pela organização pró-iraniana Jihad Islâmica, foram libertados, tendo no mesmo dia chegado a Paris. O jornalista e dois diplomatas libertados eram os últimos franceses retidos no Líbano. O facto de esta libertação ter ocorrido a quatro dias da segunda e última volta das eleições presidenciais francesas, tendo sido apresentada por Chirac como uma conquista pessoal, poderá dar a este candidato mais hipóteses nas eleições que se realizam amanhã. Um alto funcionário islâmico disse que Paris teria pago um resgate da ordem dos 150 mil milhões de francos franceses para a libertação dos reféns.

Sexta-feira, 6

Novas conversações sobre Angola - Fontes ...plomáticas na cidade da Praia declararam à agência Lusa ...e Cabo Verde poderá ser o país escolhido para a nova ronda ... conversações quadripartidas sobre o conflito angolano e a Namíbia, que deverá realizar-se no final do corrente mês. O delegado cubano às negociações de Londres afirmou entretanto que as tropas do seu país deixariam Angola num período de quatro anos desde que a África do Sul concedesse a independência à Namíbia.

Dois anos depois da catástrofe

GUERRA DE TRINCHEIRAS EM CHERNOBYL

Roger Cans

Dois anos depois da explosão de um reactor nuclear em Tchernobyl, na União Soviética, a região continua a viver em pé de guerra.

Um antegosto de fim do mundo. Logo que se penetra na «zona de regime especial» — um raio de 30 quilómetros à volta da central nuclear, — a vida pára. Tudo está silencioso, imóvel, entorpecido. Nas aldeias de coloridas paliçadas, as casas começam a perder as portas das janelas, e as hortas transformam-se em baldios, invadidas por ervas altas que o Inverno secou, de pé. À volta, os campos incultos voltam à estepe. Nas cabanas não há vivalma. As próprias cegonhas abandonaram os ninhos.

Em Pripiat, a cidade que recebia os empregados da central, a desolação é maior, porque a natureza ainda não voltou a ter os seus direitos nesse universo de betume e de betão. Aquela que os soviéticos consideravam a **«cidade atómica mais graciosa do país»** — na verdade uma cidade de casas de renda limitada que lembrava Sarcelles ou La Courneuve — tornou-se um cenário de filme de horror: fachadas com janelas abertas para o vazio, vidraças partidas, antenas torcidas onde os corvos pousam. Dos relvados e canteiros que alegravam o conjunto só restam campos cobertos de areia, de onde por vezes emerge um toboggan ou um baloiço. Dir-se-ia que os 49.000 habitantes de Pripiat abandonaram ontem a sua cidade depois desta ter sido saqueada por alguns bárbaros metódicos.

As estradas que atravessam essa **Noman's land** têm, pelo contrário, uma actividade febril. Os camions cruzam-se carregados de máquinas, de areia, de balastro, até de mobílias para evacuar. Entre eles muitos veículos militares e até alguns blindados para o acesso aos sectores mais contaminados. Camions-cisterna passam e voltam a passar para regar o betume, porque é preciso evitar a todo o preço que a poeira leve consigo os rádio-elementos que foram cuspidos pelo reactor louco. Aqui e além soldados com o rosto protegido por algodão branco controlam os pneus com os seus dosímetros em forma de «stick de hockey». No próprio céu varrido pelo vento de Inverno — que ainda não acabou na Ukrania — há helicópteros atravessando o espaço em busca de sinais radioactivos. Parece tratar-se de uma guerra atómica com os meios de uma guerra de trincheira...

Dois anos depois da explosão do reactor número 4, Tchernobyl continua em pé de guerra. O «Kombinat», que assegura ao mesmo tempo a produção de electricidade e a descontaminação do local, é de dez mil pessoas.

A essas dez mil pessoas juntam-se quatro mil homens encarregados do engenho civil e um número mantido secreto de militares — vários milhares, em todo o caso (1). Este pessoal está repartido entre a central nuclear (quatro mil empregados) e a cidade de Tchernobyl (reduzida de doze mil habitantes a algumas centenas de encarregados da administração à volta do estado-maior do Kombinat), três edifícios de (Pripiat onde se encontram também algumas centenas de funcionários), e, por fim, Zeleny-Mis (o cabo Verde), onde vivem alternadamente seis mil pessoas.

8 mil milhões de rublos

Essa cidade prefabricada situada junto ao «mar de Kiev», um lago-reservatório formado pelo Dniepre, a 36 quilómetros do epicentro, substituiu Pripiat no acolhimento dos trabalhadores da central. Primitivamente eles tinham sido alojados numa colónia de férias a uns quarenta quilómetros, e também em barcos de cruzeiro, no cabo Verde. Agora, longe das famílias, estes operários e técnicos vão diariamente para o trabalho, de autocarro, têm um horário de doze horas (incluindo o tempo das refeições), durante quinze dias a fio. Depois vão passar os outros quinze dias com as famílias, para não acumular no seu organismo demasiados rems.

«No dia que se seguiu ao do acidente, toleravam-se doses de 25 rems, explica Alexandre Kovalenko, director das relações internacionais do Kombinat. **Desde o dia 1 de Janeiro de 1987 não ultrapassamos a norma internacional de 5 rems por ano. Mas a dose média registada em 1987 foi de 1,5 rem e esperamos descer para 1,2 rem em 1988.» Para esse funcionário modelo que acorreu ao local voluntariamente, com a mulher, no dia seguinte àquele em que se deu o acidente, a descontaminação foi tão bem feita que o «ruído de fundo» radioactivo de Tchernobyl é simplesmente o dobro do de Kiev, esse mesmo o dobro do normal. «Mas o ar da praça Vermelha com o seu granito é mais radioactivo do que em Kiev»,** termina com uma piscadela de olho.

Os técnicos da descontaminação esforçam-se, antes de mais, por manter «activo» o perímetro da central. Mesmo na proximidade imediata do «sarcófago» (120 metros) — o reactor número 4 escondido debaixo de 300.000 metros cúbicos de betão, 13.500 toneladas de chumbo e com uma cobertura de aço, a dose actual seria de 2 milirems por hora, isto é, o equivalente de 17 rems por ano. Em todo o caso, a situação mantém-se evolutiva porque esse «bunker» não é totalmente estanque. Há uma circulação de ar para o arrefecimento do «centro», cujo calor residual seria de 35 graus a um metro do reactor. **«As fugas do sarcófago são muito inferiores às de uma central em actividade», afirma o engenheiro chefe Guennadi Yaroslavtsev, que só vê as suas curvas de produção: 20 mil milhões de kilowatt/hora produzidos desde a reactivação de três reactores (Dezembro de 1987) e os objectivos do plano («o plano 1987 foi realizado e o do primeiro trimestre de 1988 também»).**

Um vento de fronda

Mas são kilowatts particularmente dispendiosos. **«A catástrofe custon-nos trinta e dois mortos, duzentos e trinta e sete irradiados, cento e trinta e cinco mil evacuados e 8 mil milhões de rublos»,** resume secamente Alexandre Kovalenko. E não terminou: é preciso recomeçar constantemente a marcação das terras contaminadas, tomar mil precauções que entravam a produção e pagar o dobro a um pessoal obrigado a só trabalhar a meio tempo. Quanto às partes 5 e 6 da central — cuja carcaça incompleta se parece hoje com o reactor número 4 depois da explosão —, estão congeladas até 1991, pelo menos, ou até definitivamente abandonadas. Em todo o país, vozes autorizadas suplicam ao Ministério da Energia que não construa os seis reactores que ainda estão no programa da Ukrania. O governo, obrigado a um mínimo de «glasnost», terá pois de gastar tesouros de energia para convencer...

Também se levantou um vento de fronda entre os camponeses evacuados em 1986. Em Nebrat, onde visitámos os kolkhozianos instalados há pouco tempo, o alívio de terem uma casa e uma terra deu lugar à morosidade. **«Querem todos voltar à aldeia, mesmo as crianças»,** diz a directora da nova escola. **«O que os mina não são as radiações mas o exílio»,** diagnostica o médico da comunidade. Uma kolkhoziana com dentes de ouro resume a situação à sua maneira: **«A nossa nova casa talvez seja correcta, mas aqui não há hortas, não há rio, não há tanque, nem mesmo se pode ter uma vaca no estábulo.»** Alguns voltaram à sua aldeia de origem. As autoridades, tolerantes com os mais velhos, levam-lhes víveres e água mineral. Há hoje uns quinhentos «auto-retornados» na zona dos 30 quilómetros.

A «tragédia» de Tchernobyl, como dizem os soviéticos, continua à espera da sua solução.

(1) Trata-se, sobretudo, de reservistas ou de homens de mais de trinta anos. Os militares que não querem trabalhar na zona contaminada empregaram-se nas proximidades. Depois da explosão, um oficial e cinco homens recusaram-se a «limpar» a cobertura do reactor número 3.

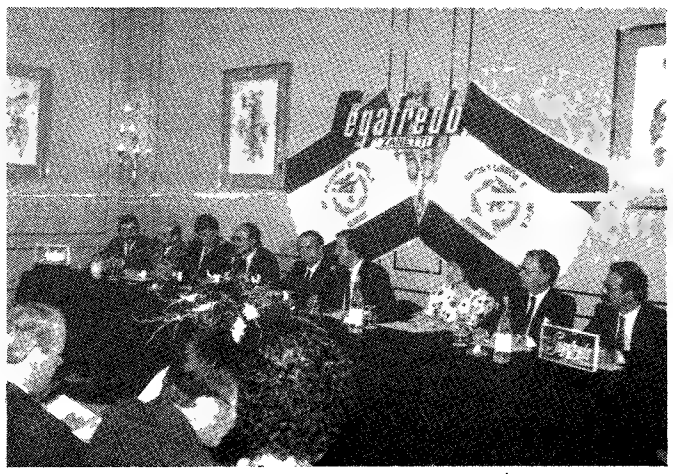


Foto de José Tavares

Gestores da Segrafedo e dirigentes do Benfica explicam como os golos poderão valer ouro

CAFÉ, GOLOS E OURO

Alves Henriques

Eusébio foi, mais uma vez, figura de proa. Desta vez nos salões do Hotel Tivoli onde decorria uma conferência de Imprensa convocada pela Segrafedo Zanetti e pelos dirigentes do Benfica, para ser anunciada a fórmula que permite a transformação de golos em ouro. Na verdade, o famoso futebolista que, na década de sessenta, regalou o olhar de milhões de pessoas através da arte, engenho, talento e virtuosismo com que se exibia nos palcos futebolísticos, concentrava todas as atenções de jornalistas portugueses e holandeses e dos muitos estrangeiros presentes naquela luxuosa unidade hoteleira.

Motivo da conferência: o anúncio **Segafredo,** feito através do administrador-delegado daquele grupo internacional, dr. Ângelo Barbedo César Machado (acompanhado da eng.ª Elisa Marques e de José Luís Kendall), da instituição de um prémio de 1 quilo de ouro por cada golo marcado pelos futebolistas do Benfica (atenção que não conta nenhuma fífia na baliza de Silvino!) em caso de triunfo e durante todo o encontro (prolongamento incluído).

Na sala, estava toda a «equipa» liderada por João Santos e ainda os técnicos Toni, Eusébio e Jesualdo Ferreira. Quanto a futebolistas apenas se apresentaram Shéu, Veloso e Álvaro.

O Grupo **Segafredo Zanetti** (fundado há 40 anos pelo italiano Massimo Zanetti), sediado em Lausanne e com uma facturação anual de 50 milhões de contos, presta, deste modo, um importante apoio aos futebolistas da camisola rubra e isto porque João Santos fez questão de informar de que o prémio reverterá exclusivamente para a equipa.

Delta a voar com o Benfica

Naturalmente que é grande a onda de entusiasmo que gira em torno da presença do Sport Lisboa e Benfica na final da mais prestigiosa competição internacional de futebol e a empresa **Cafés Delta,** propriedade de Manuel Nabeiro e sediada em Campo Maior, também resolveu entrar na corrida dos «apoiantes» alugando um avião «Lockeed» de 240 lugares para o transporte da comitiva rubra a Estugarda.

Durante uma reunião com os jornalistas — que teve lugar nas instalações da Luz — o Benfica, representado por João Santos, Marcel de Almeida e Mário de Oliveira, e os Cafés Delta por Manuel Nabeiro e seu filho, foi divulgado o programa da viagem a Estugarda, tendo o presidente benfiquista referido que é desejo do Benfica repetir o feito histórico de Berna em 31 de Maio de 1961 e de Amesterdão no dia 2 de Maio de 1962, por forma a proporcionar a alegria que é merecida por benfiquistas e demais portugueses e, de forma particular, pelos milhares de emigrantes portugueses espalhados por todo o Mundo.

Velhas glórias serão convidadas

Aqui se fez recentemente o apelo a João Santos para que sensibilizasse o seu «homem das finanças» (dr. Álcino António) para retirar dos cofres do clube uns continhos destinados a proporcionar a presença em Estugarda dos «heróis» de Berna e de Amesterdão e sabemos que o alvitre encontrou total receptividade junto dos dirigentes benfiquistas. Deste modo, entre os «vits» lá estarão os muito importantes Costa Pereira, Mário João, Ângelo, Germano, Neto, Cruz, José Augusto, Santana, Águas, Coluna, Cavém, Eusébio, Simões e certamente outros mais que participaram naquelas gloriosas campanhas de «orgulho nacional». Um gesto bem digno da forma prestigiante como o actual executivo benfiquista dirige a grande colectividade.

N'DINGA: processo arquivado

O Conselho de Disciplina da FPF resolveu mandar arquivar o processo de inquérito sobre a inscrição do zairense N'Dinga (Vitória de Guimarães) instaurado por denúncias feitas oportunamente pelo Felgueiras e pelo Varzim que alegavam irregularidade fundamenta nna falta do certificado internacional.

Feito o esclarecimento, finda um caso que parece não ter preocupado minimamente os dirigentes da colectividade minhota por estarem certos de terem actuado dentro de toda a legalidade.

Futebol: jornada n.º 33

BRAGA VÊ "EUROPEUS" POR UM CANUDO

• *Benfica com oito titulares lesionados*

Para já, tome o amigo leitor nota do «programa» da I Divisão: Hoje, pelas 16.30 horas, terá começo a ronda n.º 33, com a realização do encontro Braga-Benfica, enquanto que a partir das 21 horas será dado o primeiro silvo em Alvalade, para o chuto inaugural do confronto Sporting-Marítimo.

Amanhã teremos, a partir das 16 horas, o início dos demais 8 jogos, que são os seguintes: Penafiel-Porto, Espinho-Boavista, Académica-Belenenses, Chaves-Setúbal, Farense-Guimarães, Elvas-Portimonense, Rio Ave-Varzim e Salgueiros-Covilhã.

...E poderá acontecer que os «dragões» festejem, de forma antecipada o S. João, bastando para tanto que vençam em Penafiel e o Benfica perca na capital minhota.

No que se refere à dezena de clubes que ocupam o «comboio do adeus» (curiosa definição do firme companheiro de «A Bola», Alfredo Farinha) é bem provável que a confusão seja ainda mais alargada.

Mas, como sempre, recusamos arriscar qualquer palpite.

Notícias de Norte a Sul

CASTIGOS: na sua reunião de ontem, o Conselho de Disciplina da FPF resolveu aplicar as seguintes punições: **quatro jogos** a Kostadinov (Braga); **dois jogos:** Germano e Saucedo (Covilhã), Quinito (AAC), Quim e José Maria (Varzim), Bráulio e Horácio (Elvas), Toni (Braga) e Fernando Mendes (SCP); **um jogo:** João Gouveia (Covilhã) e Venâncio (Sporting).

INTERDIÇÃO: O órgão disciplinar da FPF mandou interditar preventivamente o Estádio do Varzim e ordenou a instauração de um processo disciplinar.

MULTAS: Quanto a outras punições, o CD estabeleceu que o Salgueiros terá que entregar 20 contos nos cofres federativos e o Espinho oito.

BENFICA: O técnico Toni tem fartas razões para andar preocupado já que são 10 os futebolistas de primeiro plano que se encontram lesionados. Eis os nomes dos «indisponíveis» para Braga: Álvaro, Mozer, Elzo, Diamantino, Chiquinho, Tueba, Rui Águas, Magnusson, Chalana e Nunes. Tal contrariedade forçou Toni a convocar estes 17: Bento, Silvino, Veloso, Carlos Pereira, Fonseca, Edmundo, Dito, Samuel, Shéu, Hajry, Tó Portela, Paulo Guilherme, Marlos, Pacheco, Vando, Augusto e Mariano. Significa isto que os minhotos não terão direito a ver o «Benfica de Estugarda» e isto porque o Departamento Clínico do clube benfiquista garante que até ao dia 25 todos estarão «operacionais».

BELENENSES: Marinho Peres não poderá contar com a participação dos brasileiros Dudu e José Mário que se encontram lesionados.

FC PORTO: Geraldão, André e Jaime Magalhães não foram ainda dados como «aptos» pelo que não actuarão amanhã em Penafiel. Entre os convocados por Tomislav Ivic não figuram Jaime Pacheco e Plácido.

V. SETÚBAL: o técnico Allison resolveu manter Neno como titular da camisola n.º 1 mesmo depois de Meszaros haver cessado o impedimento por castigo disciplinar. Entretanto, Rui Pedro deverá actuar amanhã ocupando o lugar de Manuel Fernandes que, como se sabe, se encontra lesionado; outros lesionados são: Zezinho, José Rafael e Jordão.

SC BRAGA: por se encontrarem a cumprir punição federativa não jogarão hoje, frente ao Benfica, Toni e Kostadinov. Quanto aos demais, Vítor Manuel não tem problemas a enfrentar.

SALGUEIROS: enquanto se desmente que tenha havido já a formalização do contrato entre os dirigentes e Fidalgo com vista à continuidade deste à frente do sector futebolístico (apenas existem alguns contactos) Santos Cardoso (castigado pela FPF) não jogará na Covilhã. Quanto a lesionados, encontram-se: Matias e Casimiro.

GUIMARÃES: segundo revela o jornal «A Bola», o brasileiro Jair Pereira poderá ser o futuro técnico da equipa. Quanto a ausências para o jogo de Faro, apenas o brasileiro René (lesionado num joelho).

RIO AVE: a única baixa na turma liderada por Mário Reis é Paulo César devido a ter contraído uma microrrotura.

ESPINHO: Quinito já pode contar com a participação de Carvalho, Marcos António, Aziz e Walsh, dado que se encontram totalmente recuperados das lesões sofridas.

SPORTING: Carlos Xavier foi convocado para integrar o grupo dos 17 convocados por Morais para o encontro desta noite. Fernando Mendes está «indisponível» por via disciplinar.

Chaves prepara próxima época

O búlgaro Slavkov e o caboverdiano César renovaram ambos os seus contratos por mais um ano com o Chaves.

Slavkov, que já foi «bota de ouro», encontra-se actualmente em fase de recuperação de uma intervenção cirúrgica, devendo regressar aos relvados apenas na próxima temporada.

O avançado César, de 26 anos, milita no Chaves desde a época de 84-85, sendo considerado um jogador de grande utilidade na manobra ofensiva da equipa.

A mesma fonte confirmou que Celso Maciel, do Covilhã, assinou já um contrato-promessa com o Chaves, o mesmo devendo acontecer brevemente com outros jogadores em negociações com os flavienses.

Em contrapartida, o jogador Vermelhinho regressa ao FC Porto, Garrido irá para o Benfica e Vivas ingressará no Olhanense.

Por último, o guarda-redes Fonseca vai abandonar a sua carreira de jogador e na próxima época será adjunto de Raul Aguas na equipa técnica, conjuntamente com Simões Oliveira.

Ademir e Benfica: «namoro» continua

O presidente do Benfica, João Santos, confirmou a existência de negociações com o Vitória de Guimarães para a aquisição do futebolista brasileiro Ademir.

«É um namoro que já dura há três ou quatro meses», disse João Santos, mas acrescentando ser «prematura» qualquer notícia sobre a contratação do jogador brasileiro.

O médio Ademir Alcântara, de 25 anos, cumpre esta época no Vitória de Guimarães, com o qual tem contrato até Julho de 1990, a sua segunda temporada no futebol português. O presidente do clube da Luz referiu que estão a decorrer negociações, mas Ademir **«não está contratado».**

A verba da transferência e outras condições postas pelos vimaranenses, como a cedência de três jogadores, são os pontos em torno dos quais giram as negociações.

Segundo o presidente do Vitória de Guimarães, um guarda-redes, um defesa e um avançado, cedidos pelo Benfica, fariam parte do negócio de transferência de Ademir para a Luz.

●

Entretanto, prosseguem (também) os «nacionais» das II e III divisões e aqui fica a «programação»:

Divisão 2

Zona Norte: Fafe - Lourosa (0-0, na 1.ª volta); Macedo de Cavaleiros - Famalicão (0-3); Ermesinde - Gil Vicente (0-1); Paços de Ferreira - Tirsense (1-1); Desportivo das Aves - Vianense (0-0); Trofense - Lixa (0-1); Felgueiras - Marco (0-0); Moreirense - Freamunde (0-4); Vizela - Leixões (2-2); e União de Lamas - Bragança (0-1).

Zona Centro: Peniche - Mirense (2-2, na 1.ª volta); Torreense - União Oliveirense (4-0); Feirense - Caldas (1-2); Beira Mar - Marinhense (0-0); Guarda - Mangualde (1-1); Oliveira do Bairro - Estrela de Portalegre (1-4); Académico de Viseu - Águeda (1-2); União de Leiria - Estarreja (2-2); União de Santarém - Vilafranquense (0-0); e «Os Marialvas» - União de Coimbra (2-0).

Zona Sul: Sacavenense - Nacional (0-0, na 1.ª volta); União - Samora Correia (1-3); Silves - Oriental (1-1); Esperança de Lagos - Lusitânia (0-1); Montijo - União de Santiago (1-1); Costa de Caparica - Cova da Piedade (0-3); Amora - Santa Clara (1-2); Barreirense - Olhanense (0-2); Atlético - Louletano (1-1); e Estrela da Amadora - Estoril (0-1).

Divisão 3

Série A: Esposende - Delães (0-1, na 1.ª volta); Associação Desportiva Oliveirense - Amares (0-1); Vinhais - Merelinense (0-1); Valenciano - Valpaços (2-1); Valdevez - Vieira (2-3); Mirandês - Murça (2-3); Neves - Ponte da Barca (0-1); Santa Maria - Monção (4-0); «Os Liminanos» - Mirandela (0-1); e Joane - Celoricense (0-1).

Série B: Régua - Paivense (1-1, na 1.ª volta); Cesarense - Pedrouços (1-2); Grijó - Lamego (0-1); Amarante - Vila Real (1-1); Infesta - Maia (0-0); Lousada - Leça (0-2); Valonguense - São Martinho (0-0); Oliveira do Douro - Paredes (0-1); Cinfães - Sandinenses (0-4); e Esmoriz - Ribeirão (0-5).

Série C: Tondela - Seia (0-5, na 1.ª volta); «Os Vilanovenses» - Tabuense (2-3); Luso - Santacombadense (0-0); Ovarense - Belmonte (0-3); União Desportiva Oliveirense - Viseu e Benfica (2-3); Cariense - Anadia (0-2); Poiares - Vilar Formoso (1-2); Pessegueirense - Oliveirinha (2-1); Oliveira do Hospital - Mealhada (0-2); e Gouveia - Alba (2-1).

Série D: Alcanenense - Naval (0-5, na 1.ª volta); «Os Nazarenos» - Beneditense (0-3); Gavionenses - Ferrel (0-2); Benfica de Castelo Branco - Marrazes (1-2); Mirandense - Lousanense (1-0); Portalegrense - Sourense (3-2); Fundão - Nisa e Benfica (1-0); Vieirense - Alcains (0-4); Alcobaça - Guiense (0-1); e Usseira - Paroquial de Fátima (0-1).

Série E: Sport Lisboa e Olivais - Bombarralense (0-0, na 1.ª volta); Eléctrico de Ponte de Sor - Campomaiorense (0-3); Alverca - Olivais e Moscavide (0-2); Malveira - Quimigal (0-1); Odivelas - Sport Lisboa e Cartaxo (1-2); Vialonga - Santa Iria (0-0); Fronteirense - Sintrense (0-6); Praiense - Estrela de Vendas Novas (1-1); Vitória de Lisboa - Cacém (1-3); e Futebol Benfica - Marinhais (2-0).

Série F: Piense - Sesimbra (2-3, na 1.ª volta); Imortal - Juventude (0-2); Campinense - Moura (0-6); Alvorense - Torralta (0-2); Palmelense - Seixal (1-1); União de Montemor - Serpa (1-1); Vasco da Gama - Pinhalnovense (2-1); Aljustrelense - Leões Futebol Clube de Tavira (0-2); Lusitano de Évora - Quarteirense (0-1); e Reguengos de Monsarás - Lusitano de Vila Real (0-1).

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
5.º JUÍZO CÍVEL

ANÚNCIO

Proc. n.º 9219
3.ª Sec.

Por este Tribunal, na execução que CARLOS ALBERTO DA COSTA SIMÕES E MULHER move contra LUÍS FILIPE PEREIRA e mulher CRISTINA MARIA CANELHAS MARQUES PEREIRA, residentes na Rua Casal do Choupo, 11-2.º Dt.º — Amadora, correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos daquele executado para, no prazo de dez dias posterior aos dos éditos, virem à execução deduzir os seus direitos.

Lisboa, 28 de Abril de 1988

O Juiz de Direito,
Eduardo Nunes da Silva Batista

O Escrivão de Direito, Adj.,
Vasco António do Rosário

«DL» 7/5/88 — 2.ª Pub.

Segundo o "Corriere Dello Sport"

GONÇALVES PEDIU UM MILHÃO DE DÓLARES PELO PASSE DE FRANK RIJKAARD

● *Cruyff quer o futebolista no "Barça"*

O empresário Jorge Gonçalves, que adquiriu o passe do holandês Frank Rijkaard para o Sporting, pediu oito milhões de dólares (cerca de um milhão de contos) pelo jogador — segundo noticia o jornal italiano «Corriere Dello Sport».

«**Inicialmente, Gonçalves pedira quatro milhões de dólares, mas 48 horas depois a soma já subira para seis milhões**», escreve o jornal, acrescentando que o preço do internacional holandês está agora nos oito milhões.

O «Corriere» dá conta dos esforços feitos pelo presidente do Milão, Silvio Berlusconi, para convencer o técnico do clube, Arrigo Sacchi, a integrar na equipa o argentino Claudio Borghi, contratado em 1987.

«**Se falta algo à equipa é um homem que traga ritmo ao meio-campo, e o jogador ideal é Frank Rijkaard**», terá rebatido Sacchi.

O jornal desportivo italiano informa ainda que, não estando disposto a entrar no negócio de Jorge Gonçalves, Berlusconi assinou uma promessa de contrato com outro jogador holandês, Aaron Winter, de 22 anos, substituto de Rijkaard no Ajax, e, tal como Rudd Gullit, originário do Suriname.

A promessa de contrato, cujo prazo expira a 20 de Maio, prevê o pagamento pelo Milão de 3,7 milhões de dólares.

A concretizar-se esta transferência, Winter seria o terceiro holandês da equipa no próximo ano, ao lado de Gullit e Van Basten.

Cruyff pretende «recuperar» o ex-pupilo

Johan Cruyff, que finalmente tomou esta semana posse do cargo de técnico do Barcelona, afirmou desejar a aquisição do holandês Frank Rijkaard, actualmente com vínculo ao Sporting, pelo clube catalão.

Segundo Cruyff, que já foi técnico de Rijkaard no Ajax, o médio actualmente emprestado pelo Sporting ao Saragoça, seria uma pedra importante no seu esforço de tirar o Barcelona da crise futebolística em que se encontra.

Rijakaard abandonou o Ajax após um confronto com o técnico Cruyff durante um treino, em Dezembro, sendo depois contratado pelo empresário Jorge Gonçalves para o Sporting, após meses de negociações.

Cruyff abandonou por seu turno o Ajax em Janeiro, após divergências sobre a renovação do seu contrato, e em declarações agora proferidas numa conferência de Imprensa procurou retirar importância ao seu conflito anterior com Rijkaard.

«**O conflito nessa sessão de treino foi apenas o culminar de outros factos, mas estou certo de que Rijkaard adoraria vir para Barcelona**», disse Cruyff.

O médio holandês, um dos pilares da jovem equipa do Ajax que com Cruyff conquistou a taça dos Vencedores de Taças no ano passado, é um dos nomes na sua lista, disse o técnico holandês, o terceiro treinador do Barcelona esta época. Porém Cruyff declinou referir outros jogadores.

Ciclismo: Volta a Espanha

Alexandre Rua: 6.º lugar na etapa

O britânico Sean Yates, depois de encetar uma fuga com o seu compatriota Dino Davie a 20 quilómetros da meta, ganhou a 12.ª etapa da Volta à Espanha em Bicicleta.

Yates percorreu os 197,5 quilómetros da tirada entre Logrono e Jaca no tempo de cinco horas, 36 minutos e 35 segundos, tendo Davis sido cronometrado com mais dois segundos.

O holandês Mathieu Hermans, à cabeça do pelotão e a comandar a perseguição aos fugitivos, foi 3.º classificado, com apenas mais um segundo que Davie.

O espanhol Laudelino Cubino conservou a camisola amarela, tendo poupado forças na tirada a pensar certamente nas dificuldades para a etapa de montanha (178 quilómetros) que hoje se disputará.

A tirada começou praticamente com a fuga do espanhol Jose Del Ramo logo no primeiro quilómetro, tendo o ciclista rolado sozinho durante 175 quilómetros, tendo chegado a ter um avanço de 15 minutos em relação ao pelotão.

Ramo, 128.º da geral, com mais de uma hora de atraso em relação a Cubino, acabou por quebrar, fisicamente, tendo sido absorvido pelo pelotão nos últimos 22 quilómetros.

Cubino continua a ter um avanço confortável de dois minutos e quatro segundos em relação ao irlandês Sean Kelly (2.º classificado).

Classificações

Na etapa: 1.º Sean Yates, Grã-Bretanha, 5.36.36; 2.º Dino Davie, Grã-Bretanha a 02; 3.º Mathieu Hermans (Caja Rural) a 03; 4.º Javier Quevedo (CLAS) m.t.; 5.º B. Van Brabant (Zahor), m.t.; 6.º ALEXANDRE RUA (SICASAL), m.t.; 7.º Sean Kelly (KAS), m.t.; 11.º AMÉRICO SILVA (CLAS), m.t.; 23.º PAULO PINTO (SICASAL), m.t.; 37.º JORGE SILVA (SICASAL), m.t.; 75.º MANUEL CUNHA (CLAS), m.t.; 81.º MANUEL NEVES (SICASAL), m.t.; 91.º ACÁCIO SILVA (KAS), m.t.; 97.º ANTÓNIO ARAÚJO (SICASAL), m.t.; 139.º ANTÓNIO PINTO (SICASAL), m.t.

Geral individual: 1.º CUBINO (BH) 49.49,19; 2.º Kelly (KAS) a 02,04; 3.º Fuerte (BH) a 02,16; 4.º Dietzen (TEKA), a 02,24; 5.º Parra (Kelme) a 03,10; 6.º Arroyo (Reynolds) a 03,15; 7.º Millar (Bea-Rose) a 03,19; 8.º Blanco (TEKA) a 03,53; 9.º Cordoba (BH) a 04,52; 10.º Pino (BH) a 06,26; 44.º MANUEL CUNHA (CLAS) a 35,26; 54.º AMÉRICO SILVA (CLAS) a 39,33; 76.º ACÁCIO SILVA (KAS) a 49,35; 84.º JORGE SILVA (SICASAL) a 51,49; 98.º ANTÓNIO ARAÚJO (SICASAL) a 58,06; 110.º ANTÓNIO PINTO (SICASAL) a 1.04,45; 120.º ALEXANDRE RUA (SICASAL) a 1.10,39; 134.º PAULO PINTO (SICASAL) a 1.25,46; 136.º MANUEL NEVES (SICASAL) a 1.28,34; 151.º Roger Ilegems (Dormilon) a 1.52,08.

Em causa estava a lei de bases do sistema desportivo

Ministro esclareceu Federações

As dúvidas e preocupações manifestadas por responsáveis de 22 federações quanto à lei de bases do sistema desportivo português ficaram «**totalmente esclarecidas**» durante a audiência que lhes foi concedida pelo ministro da Educação, Roberto Carneio.

Esta foi a leitura da generalidade dos participantes na reunião, que durou duas horas e colocou frente a frente Roberto Carneiro, o director-geral dos Desportos, Mirandela da Costa, e os presidentes de onze federações desportivas, mandatados pelas restantes.

Os responsáveis federativos mostraram-se satisfeitos com as informações prestadas por Roberto Carneiro, qualificando o encontro de «frutuoso», «esclarecedor», «positivo» ou «útil», enquanto para o ministro a reunião permitiu ultrapassar eventuais «ambiguidades».

A causa fundamental dos receios das federações residia no incremento que o ministro pretende dar ao desporto escolar, por temerem que aquela aposta se reflectisse numa diminuição dos apoios ao desporto federado e, em particular, à alta competição.

No tempo do encontro, Roberto Carneiro congratulou-se por ambas as partes terem concordado em que o desporto juvenil é fundamental para qualquer sociedade e reiterou o seu apoio ao movimento associativo. «**A alta prioridade do desporto escolar é inquestionável para qualquer responsável político e satisfaz-me saber que essa era já uma preocupação das federações**» — afirmou o ministro da Educação, adiantando que os dirigentes federativos revelaram disposição para colaborar no fomento do desporto entre as camadas mais jovens.

Para Roberto Carneiro, «**o percurso desportivo tem de partir da base, para posteriormente ser feita a selecção de valores e apoiar os jovens que mostrem invulgares capacidades físicas, pois sabemos de antemão que nem todos poderão ser uma Rosa Mota ou um Carlos Lopes**».

«**Queremos começar a programar a tempo e horas a actividade, com base em quadriénios olímpicos, pelo que se impõe trabalhar já para os jogos de Barcelona (1992)**» — assegurou aquele responsável governamental.

A atitude dialogante e disponibilidade reveladas por Roberto Carneiro foram destacadas por José Castel Branco, Luís Santos, presidentes das federações de patinagem e andebol, dois dos dirigentes mais preocupados antes do encontro.

«**Estão apagadas todas as dúvidas que tínhamos**» — referiu Castel Branco, acentuando que o ministro da Educação garantiu «**estar empenhado em continuar a apoiar a alta competição e que o irá provar com os contratos-programas a estabelecer com as federações**».

José Castel Branco manifestara-se particularmente receoso por a nova regulamentação transferir responsabilidades no capítulo da formação juvenil sem a devida correspondência nos subsídios estatais.

Tanto para Castel Branco como para Luís Santos, as federações acabariam por receber na prática menos dinheiro do que em anos anteriores, já que os encargos passarão a ser muito maiores, situação que se estende à generalidade das federações.

Contudo, após a reunião, o ambiente entre os dirigentes desportivos é de optimismo, «**apesar de não ter havido mudanças de atitude, mas apenas esclarecimento de situações**».

Na reunião participaram ainda os presidentes das federações de atletismo, tiro com arco, actividades subaquáticas, canoagem, ginástica, pentatlo moderno, lutas amadoras, judo e equitação.

Na sua agenda

Hoje

ANDEBOL: Campeonato Nacional da I Divisão — Belenenses - Sporting, Académico de Braga - Benfica e Passos Manuel - Salgueiros, às 17.00; e F.C. Holanda - Académico do Porto, às 21.30 horas.

BASQUETEBOL: Campeonato Nacional da I Divisão — Benfica - Futebol Clube do Porto, no Estádio da Luz, às 17.30 horas.

Torneio de Competência — 2.ª volta — Barreirense - Sanjoanense e Estrelas da Avenida - Esgueira, às 17.30 horas.

BOXE: Campeonato Regional, no Pavilhão do Sport Grupo Sacavenense, às 21.30 horas.

CICLISMO: I Grande Prémio Agostinhos de Portugal — 1.ª etapa, com partida às 9.30, frente à Câmara Municipal de Loures.

FUTEBOL: jogos antecipados — Campeonato Nacional da I Divisão — Braga - Benfica, no Estádio 1.º de Maio, às 16.30 e Sporting - Marítimo, no Estádio José Alvalade, às 21 horas.

Campeonato Nacional da II Divisão: Fafe - Lusitânia e Ermesinde - Gil Vicente, às 16.00; Vizela - Leixões, no Campo Agostinho de Lima, às 17.00; e Feirense - Caldas, às 16 horas.

Campeonato Nacional da III Divisão: Vasco da Gama - Pinhalnovense, no Campo Municipal n.º 1 (Grândola), às 16 horas.

Campeonato Nacional de Juniores: Sporting - Académica, no Estádio José Alvalade, às 16 horas.

HÓQUEI EM PATINS: Oliveirense - Noia às 16.30 a contar para a Taça das Taças e Paço de Arcos - Darmstadt, da RFA, a partir das 21 horas.

RÂGUEBI: Jugoslávia - Portugal a contar para o campeonato europeu da FIRA — grupo B.

Amanhã

ANDEBOL: FC Porto - Vitória de Setúbal (16 horas) no Pavilhão das Antas.

RÂGUEBI: «finalíssima» do campeonato nacional de juniores, entre o CDUL e o Belenenses, com começo marcado para as 16 horas no Estádio Universitário de Lisboa.

CICLISMO: campeonatos nacionais por equipas em Loulé (profissionais) e Cascais (seniores).

Hipismo em Cascais

O XXII Concurso de Saltos Nacional da Juventude terá lugar nos dias 7 e 8 no Hipódromo de Cascais.

No sábado, com início às 10,30 horas, realizam-se quatro provas, uma reservada a cavalos novos e as restantes três a juvenis, juniores e iniciados, respectivamente.

No domingo (dia 8) o programa envolve de novo quatro provas, do mesmo modo dedicadas a cavalos novos.

TOTAL
LUBRIFICANTES TOTAL
GTS PLUS ■ DIESEL 2001 ■ BOL D'OR...

HÁ 20 ANOS

Tumultos em Paris

Cerca de 1500 manifestantes bloquearam o Boulevard Saint-Germain, principal artéria do bairro estudantil de Paris, na margem esquerda do Sena.

Autocarros foram abandonados nas ruas pelos motoristas, condutores e passageiros, receosos de serem envolvidos nos tumultos. Até às 22 horas e trinta minutos de ontem, mais de cem pessoas haviam sido feridas, muitas em confrontações entre a Polícia e grupos de estudantes.

Foram feitas 109 prisões no Quartier Latin. Entre os detidos figuram 33 estrangeiros. Entretanto, em diversas cidades da província, entre as quais Grenoble, Estrasburgo e Dijon, houve também manifestações de solidariedade.

É muito provável que o presidente De Gaulle discuta hoje, na reunião habitual do Gabinete, a situação considerada crise nacional. Mais tarde, a questão será discutida no Parlamento francês, onde o ministro da Educação, Alain Peyrefitte, responderá a algumas críticas.

Kennedy: 1.ª vitória

O senador Robert Kennedy acaba de alcançar, no Indiana, uma vitória notável, mas não decisiva, sobre o seu antecessor e rival na oposição à administração Johnson, o senador Eugène McCarthy, e, ao mesmo tempo, por interposta pessoa, sobre o vice-presidente Hubert Humprey, de quem o governador Roger Branigin ostentava as cores, embora sem carácter oficial.

E assim, na primeira compita eleitoral desde que entrou na corrida presidencial, em Março, o senador por Nova Iorque não quebrou a tradição familiar de triunfos ininterruptos. Deu a prova de que o apelido dos Kennedy e a organização que montou, graças a meios financeiros avultados, e o termo da alternativa que apresentou aos eleitores lhe permitiram numa prova triangular, a bem dizer sem precedentes, atrair ao seu campo 42 por cento dos eleitores democráticos.

Luta em Saigão

Uma bandeira vietcong flutuava provocadoramente a seis quilómetros do palácio presidencial de Saigão e foguetes lançados pelos helicópteros não conseguiram deitar abaixo a bandeira, hasteada no bairro chinês.

O vietcong entra hoje no quarto dia de violentos ataques a Saigão, enquanto o Vietnam do Norte e os Estados Unidos fazem os últimos preparativos para iniciarem em Paris as conversações preliminares para um acordo de paz.

Entretanto em Saigão declaram-se imensos incêndios, enquanto a luta prossegue. Centenas de refugiados abandonam o bairro, massacrado pelos combatentes.

EFEMÉRIDES

1514 O rei D. Manuel I concede Foral à vila do Barreiro.

1800 O superintendente-geral dos Correios de Portugal, José Diogo de Mascarenhas, reforma os serviços de correios, criando o lugar de «portador», posteriormente designado por carteiro.

1833 Nasce o compositor alemão Johannes Brahms.

1834 D. Pedro IV, de Portugal, publica um decreto extinguindo a Organização Corporativa dos Mestres por «não se coadunar com os principios da Carta Constitucional da Monarquia».

1866 Em Portugal, é preso o fora da lei João Brandão.

1915 Os alemães afundam o transatlântico britânico «Lusitania», ao largo da costa irlandesa, matando mais de 1.100 pessoas.

1919 Em Portugal, é publicado o decreto que estipula a obrigatoriedade das oito horas de trabalho diário.

1940 Portugal e a Santa Sé assinam um acordo missionário.

1945 O exercito alemão rende-se incondicionalmente, assinando a rendição de Reims. Esta posição viria a ser confirmada no dia seguinte., em Berlim, por Keittel, A rendição da Alemanha nazi é assinada, em Reims, pelo general Jodl perante o comendante-chefe das forças aliadas, general Eisenhower.

1954 No Vietname, as forças francesas perdem a cidade de Dien Bien Phu a favor dos norte-vietnamitas.

1974 O chanceler alemão federal Willy Brandt é substituido no cargo pelo ministro das Finanças, Helmut Schmidt, na sequência de um escandalo de espionagem que envolveu o seu secretário.

1983 Na sequência do envio de 34.109 cartas para o referendo interno no PS, 17.159 militantes (11,37 por cento) votam a favor da aliança com o PSD e 2.428 (11,37 por cento) votam na aliança com o PCP. Entretanto, o secretário-geral socialista, Mário Soares, envia uma carta a Mota Pinto propondo a abertura de negociações com vista à formação de um Governo de coligação, o IX Constitucional.

1984 O facho olimpico é acesso na colina sagrada da antiga olimpia, na Grécia, entre protestos de centenas de pessoas que acusam os EUA de comercializar a chama olimpica, no seu percurso para Los Angeles.

1986 O presidente brasileiro, José Sarney, recebe o grau de doutor «honoris causa» pela Universidade de Coimbra.

- Morre, com 75 anos, o politico socialista francês Gaston Deferre, presidente da Câmara Municipal de Marselha, que se candidatara à presidência da República.

EM PORTUGAL

	Mín.	Máx.	Prec.	Às 13 h.
Bragança	11	11	0,0	Chuva
V. Castelo	14	14	0,0	Nevoeiro
Vila Real	11	12	0,0	Encob.
Porto	13	14	0,0	M. nub.
Coimbra	14	14	0,0	M. nub.
C. Carvoeiro	14	14	0,0	M. nub.
C. Branco	12	12	0,0	Neblina
Portalegre	10	11	0,0	Chuva
Lisboa	13	14	0,0	M. nub.
Évora	12	12	0,0	Encob.
Beja	13	13	0,0	M. nub.
Faro	15	15	0,0	Neblina
Sagres	13	15	0,0	Chuva
P. Delgada	10	14	0,0	Chuva
Funchal	16	16	0,0	M. nub.

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 20, Porto 20, Faro 20, Ponta Delgada 19, Funchal, 20.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

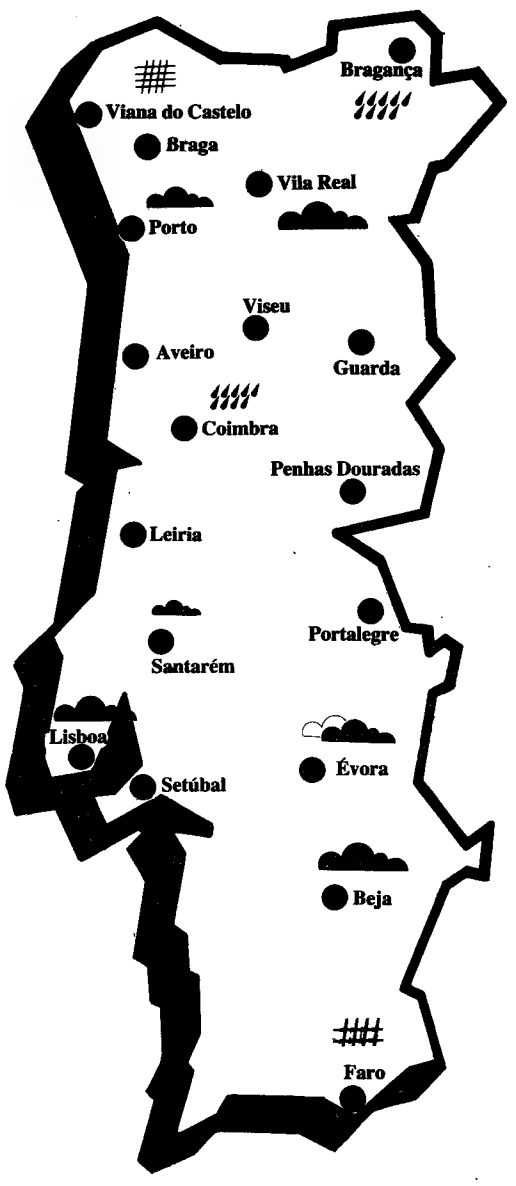
	Mín.	Máx.	Às 18 h.
Madrid	11	11	Neblina
Londres	7	7	Nevoeiro
Paris	10	12	Limpo
Bruxelas	8	9	Pouco nub.
Amesterdão.	4	8	Neblina
Genebra	6	10	Pouco nub.
Roma	–	–	—
Oslo	5	6	Neblina
Copenhaga	8	8	Chuvisco
Estocolmo	6	7	Encob.
Berlim	8	10	Neblina
Viena	14	14	Aguaceiros
Varsóvia	7	13	Muito nub.
Atenas	17	17	Pouco nub.
Moscovo	9	16	Muito nub.

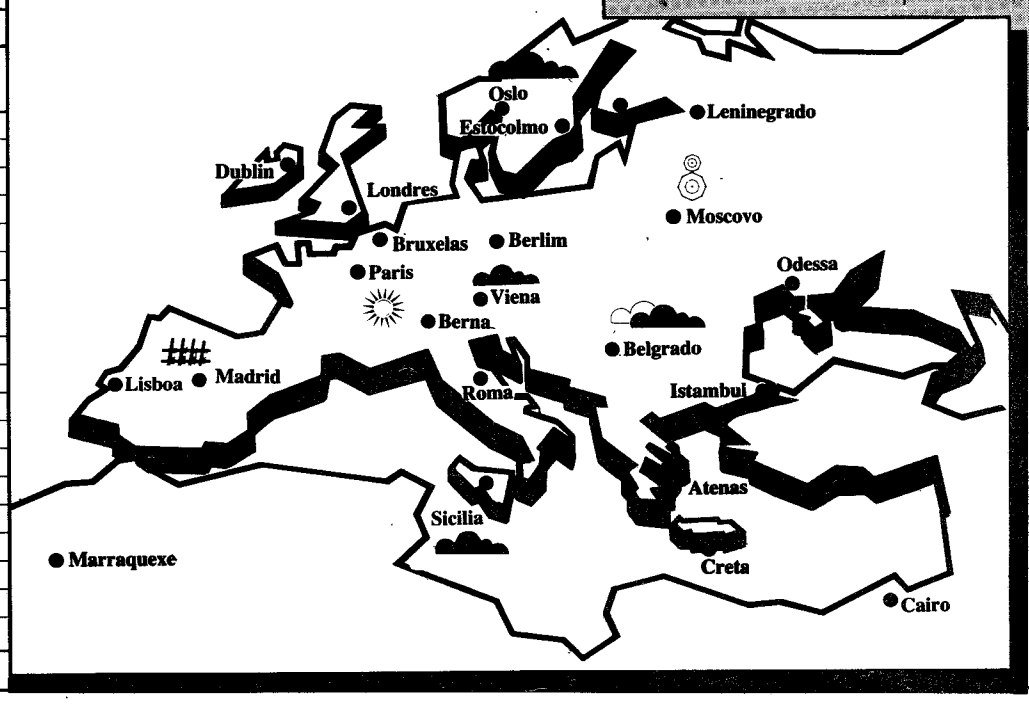
Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NO MUNDO

	Mín.	Máx.	Às 13 h.
Caracas	20	30	Nublado
Joanesburgo	7	21	Limpo
Los Angeles	14	21	Nublado
Montreal	7	20	Limpo
Nova Deli	25	38	Limpo
Nova Iorque	8	21	Nublado
R. de Janeiro	20	33	Nublado
S. Francisco	9	16	Nublado
São Paulo	–	–	—
Tóquio	16	20	Nublado

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm





TEMPO

HOJE

Regiões do Norte: Céu muito nublado, apresentando-se com abertas para a tarde. Vento fraco. Aguaceiros.
Estado do mar: Mar encrespado e ondulação noroeste com 2 metros.
Regiões do Centro e Sul: Céu muito nublado. Vento geralmente fraco. Aguaceiros e possibilide de trovoadas.
Estado do mar: Mar encrespado e ondulação noroeste com 2 metros na costa ocidental e encrespado ou de pequena vaga com ondulação de 1 a 2 metros na costa sul.

Nos Açores:

Grupos Ocidental e Central: Céu muito nublado. Vento sudoeste moderado por vezes forte. Períodos de chuva.
Estado do mar: Mar cavado. Ondulação oeste de 3 a 4 metros.

Grupo Oriental: Céu muito nublado. Vento sudoeste fraco a moderado. Períodos de chuva fraca.
Estado do mar: Mar de pequena vafa a cavado. Ondulação noroeste de 3 metros.

Na Madeira:

Períodos de céu muito nublado. Vento norte moderado. Aguaceiros fracos nas vertentes viradas a norte.
Estado do Mar: Mar de pequena vaga a cavado. Ondulação noroeste de 3 a 4 metros.
Costa sul: Mar de pequena vaga. Ondulação sudoeste de 1 a 2 metros.
Funchal: Períodos de céu muito nublado. Vento geralmente fraco.

AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado. Vento geralmente fraco. Aguaceiros também fracos.

DEPOIS

Céu pouco nublado temporariamente muito nublado nas regiões do interior, com possibilidade de aguaceiros fracos. Vento geralmente fraco de norte.

MARÉS

Hoje

Praia-Mar		Baixa-Mar	
06.50	3,5 m	12.22	1,3 m
19.07	3,7 m	— —	— —

Amanhã

07.44	3,4 m	01.00	1,2 m
20.03	3,6 m	13.17	1,5 m

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

• Informação da agência Lusa

COME-SE CADA VEZ PIOR EM LISBOA?

Rogerio Vidigal

Come–se cada vez pior em Paris? Um reputado crítico gastronómico francês assegura que sim. Trata–se de Jean Ferniot, do «Figaro Magazine», que recentemente publicou um artigo extremamente duro contra os cozinheiros parisienses, lembrando, entre outras coisas, que eles são mais facilmente encontráveis no programa «Apostrophes» (uma rubrica de literatura da televisão francesa) do que no seu lugar de eleição e de profissão: a cozinha.

Trata–se, certamente, de uma síntese perfeita do que pensa o cronista francês e que encontrou eco quase imediato em dois outros conhecidos críticos espanhóis, Xavier Domingo e Nestor Luján, respectivamente da «Câmbio 16» e da revista que acompanha a edição dominical de «La Vanguardia», de Barcelona.

Claro que em qualquer dos casos, os dois gastrónomos espanhóis seguem o raciocínio de Jean Ferniot, explicam–no e aplicam–no às realidades do seu país, concluindo que o mal atravessou facilmente os Pirenéus para se instalar nos grandes (e tradicionalmente bons) restaurantes do país vizinho.

No caso de Nestor Luján, ele acaba mesmo a sua crónica de 24 de Abril lembrando que todos os vícios que ameaçam tão gravemente a cozinha francesa «não são exclusivamente parisienses». E diz ele: «Observo os milhares de restaurantes barcelonenses e penso que uma vez mais seguimos em culinária o caminho da França».

O que não deixa de ser curioso se quisermos estabelecer um paralelo entre a culinária francesa e a nossa. Se é certo que muitas das boas receitas que utilizamos hoje em Portugal foram importadas de Paris, não é menos verdade que muitos dos maus hábitos tiveram a mesma origem, como não podia deixar de ser. Parece–nos ser essa a situação actual: as modas que pegaram na capital francesa (como noutras, com os hambúrgueres e quejandos) rapidamente assentaram arraiais em terra lusa.

As explicacões são fáceis, desde a tentação da novidade por parte do consumidor aos lucros fáceis que ela renderá, inevitavelmente, ao comerciante. Assim estamos como estamos na grande parte, quase totalidade, dos restaurantes portugueses. Não há cozinha de quase género nenhum que se mantenha conforme os cânones, nem a regional nem qualquer outra.

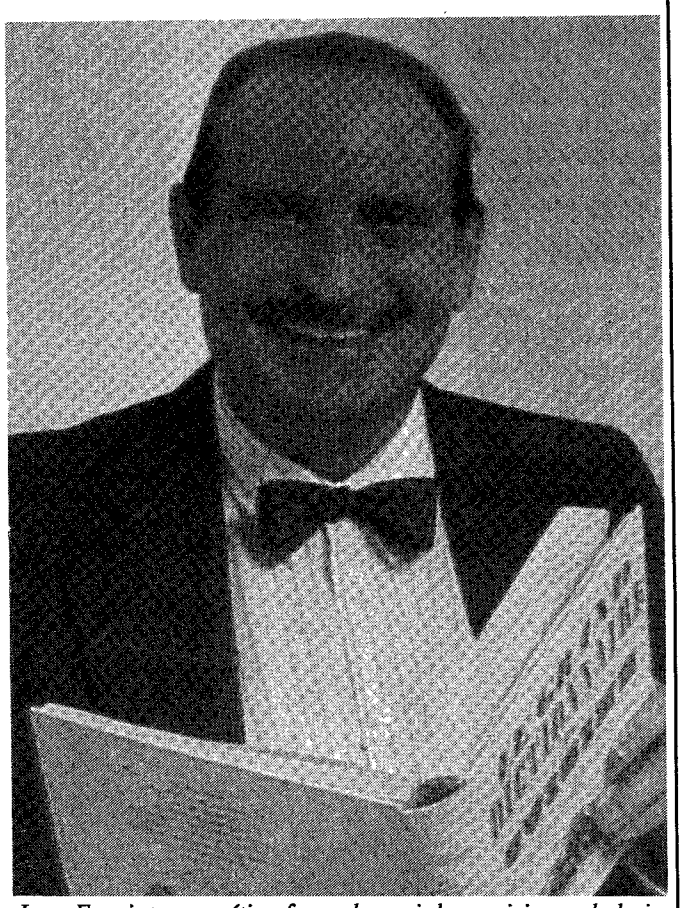
As razões de Ferniot

É claro que as teses de Jean Ferniot vêm contraditar profundamente as usanças de hoje em terras francesas e caem como fogo sobre as alegrias de quantos celebram os presentes êxitos da gastronomia francesa que apesar de ter perdido grande parte dos seus elos de ligação com o passado e com as tradições, continua a querer colher os respectivos dividendos. Neste caso com a apresentação de «novidades».

Ferniot reconhece, naturalmente, que se come melhor do que nunca em França quando o juizo se refere a parâmetros exclusivamente nutricionistas ou do domínio da dietética. Situação com que a gastronomia necessariamente não se compadece, como resulta claro e evidente.

Lembra o cronista que nunca os cozinheiros foram mais adulados, os produtos mais controlados, as técnicas mais aperfeiçoadas e a arte culinária mais solenemente celebrada. Só que tal não lhe basta e escreve que a maioria dos cozinheiros se converteram em manipuladores ou histriões, e em alguns casos, em ambas as coisas ao mesmo tempo.

Lamenta, desde logo, o desaparecimento dos tradicionais «bistrots» parisienses com o seu habitual «pot au feu», a manteiga branca, as suculentas tripas, as sopas, os grandes enchidos e a a «bouillabasse» provençal.



Jean Ferniot, um crítico feroz da cozinha parisiense de hoje. Ele tem em mãos o clássico «Dicionário gastronómico» de Alexandre Dumas

No caso desta última especialidade, assinala o cronista do «Figaro Magazine», só um restaurante a confecciona actualmente em Paris com a necessária perfeição. Dois, segundo assegura, apresentam uma chucrute correcta e só num sabem dar o acabamento indispensável às tripas à moda de Caen.

O mal dos grandes e constelados chefes da actualidade, diz Ferniot, é que brilham pelo ilusionismo , pela literatice e pelas orgias da imaginação, o que representa uma desarticulação total das firmes estruturas do ofício.

Glória demasiado fácil

Antigamente, diz o cronista, para ter uma reputação e uma impecável maestria eram necessários anos. Hoje, graças aos meios de comunicação, à literatura gastronómica, à heterodoxia pela heterodoxia, jovens de 20 anos chegam á glória e é por isso que esses prestígios «murcham» tão rapidamente como floresceram.

Mas a verdade, lembra, é que conseguem fazer fortuna rapidamente. Eles misturam a seu belo prazer sabores estranhos e às vezes contraditórios. Desprezam o paladar e privilegiam o aspecto, com apresentações á maneira das mais variadas nacionalidades e regiões.

Por fim e em resumo, o grande lamento de Floriot vai para o facto de Paris ter perdido as três bases esenciais da sua gastronomia: a alta cozinha, a burguesa e a popular dos «bistrots».

Para ele, torna–se grave que as preparações culinárias de hoje tenham que ocultar sempre uma surpresa quando lhe parece que a culinária não é mais do que fidelidade, respeito pelos sabores dos produtos, eqiulíbrio e graça.

Vê o leitor como é perfeitamente aplicável, esta crítica contundente, aos nossos restaurantes?

Borrego é motivo para Semana Gastronómica em Estremoz

O que se realizou em Estremoz foi mais do que uma feira, mais do que uma semana gastronómica, mesmo mais do que uma mostra do artesanato local. Passe o tom «banha–de–cobra» e ponha–se na carta que se tratou de tudo junto numa iniciativa a todos os títulos notável.

Um das grandes riquezas da região é o borrego? Pois, então, o borrego foi motivo central central da Feira Internacional de Agro–Pecuária que se realizou em Estremoz entre o dia 30 e hoje. O artesanato, de barro, de mármore ou de madeira constituem uma actividade a preservar e a estimular? Então, paralelamente, lá esteve ele reforçar o mais que há a mostrar, a dar e a vender.

Assinale–se, por exemplo, que a nível da pecuária, mais concretamente no que aos ovinos respeita, aqui, em Estremoz, está sediada a maior associação de criadores do país, sendo que tal se traduz numa actividade constante, como é o caso do esforço desenvolvido na melhoria das raças, aliás patente no decurso da Feira.

Quanto ao artesanato, veja–se só pelos números: estiveram presentes neste certame 40 artesãos, alguns dos quais de deslocam de concelhos vizinhos.

No que ao aproveitamento da carne de borrego se refere, ou seja, a sua aplicação à gastronomia, os restaurantes locais deram a prova. Além do conhecido Restaurante Aliança, mais a Tasca do Isaías, o esforço foi evidente, por parte de uma «entidade» que, seguindo as usanças das suas congéneres, seria pouco. Escrevemos sobre a Pousada Rainha Santa Isabel, dirigida pelo nosso amigo Luís Abílio. Ele veio a Lisboa com as «forças vivas» da região, para explicar aos jornalistas o que pretdendem fazer este ano. É hábito, no Alentejo, trazer um copo. E eles trouxeram, com os belos petiscos que em Estremoz se preparam: mãozinhas de borrego, panadas e de tomatada; costeletas de borrego à Ville Roi; cabeça de porco enformada; queijo de fígado de porco; enchidos e queijos regionais; encharcada conventual; e vinhos de Estremoz que estão em fase de relançamento, já que diversos produtores se preparam agora para lançá–los no mercado. Foi óptimo. Mas é, mais ou menos, sempre encontrável lá por aquelas bandas.

Suiça traz ao Meridien (Lisboa) semana gastronómica e cultural

Desde o dia 5 e até 14 de Maio, por iniciativa do Hotel Meridien de Lisboa, decorrerá na sua «Brasserie des Amis» uma semana gastronómica e cultural Suiça, representativa dos 25 cantões deste país.

Para o efeito deslocaou–se expressamente ao nosso país o chefe Rastello que trata de garantir ementas diariamente renovadas, tendo como pano de fundo especialidades fixas: «raclette» e «viande des grisons».

Porto aposta no «hoje há tripas»

Quem conhece o Porto e grande parte da região Norte certamente se lembra do célebre «hoje há tripas» que era possível encontrar em muitos tascos, frequentemente como legenda diária.

Infelizmente, nem sempre os padrões de qualidade e de quantidade (dos que as laboram) se mantiveram e hoje, por aquelas bandas, umas tripas legítimas e com todos não são fáceis de encontrar.

O facto terá sido constatado lá pelo Porto? Se não, o resultado foi o mesmo. Aí está uma iniciativa da Câmara Municipal do Porto em conjunção com a União das Associações da Indústria Hoteleira e Similares do Norte, sob a forma de concurso e com a o lema «Hoje há tripas».

Está marcado para 29 e 30 de Junho. Boa oportunidade para ver, verificar... e lembrar.

Restaurante Delicia Oriental
COZINHA INDIANA
EXÓTICA...
ORIENTAL...
DELICIOSA...
ÚNICA NO GÉNERO
COZINHA AFRICANA
AV. S. JOÃO DE DEUS, 41-F 1000 LISBOA
(Junto à Av. de Roma, em frente ao Hotel Roma)
TEL. 89 00 78
CARNE (MEAT) HALAL

PINTO D'OURO Restaurante
SNACK-BAR ♦ CAFETARIA
GELATARIA
COZINHA REGIONAL
PORTUGUESA E GOESA
Com os melhores cumprimentos da Gerência:
ENCERRADO AOS DOMINGOS
RUA LUZ SORIANO, 36 ♦ TEL. 36 46 17 ♦ 1200 LISBOA

TI BAIÃO
Restaurante
A mais variada
e castiça Cozinha
Regional, extraída
do Coração das
Branhas Alentejanas
Os mesmos Pratos e
condimentos
de há séculos
Ainda há caça
Informa:
Rua 1.º Dezembro
36-B — AMADORA
Tel. 493 68 84

Como ela é feita, tintim por tintim

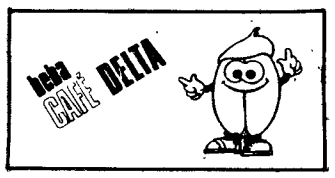
ALHEIRA DE MONCORVO MELHOR QUE A DE MIRANDELA

— *diz-se na Terra Quente*

Dizem em Moncorvo que a alheira local é superior à de Mirandela, ou pelo menos fazem questão de o demonstrar na prática, que nestas coisas é à mesa. É, todavia, da alheira de Mirandela que mais se ouve falar em Lisboa: ela, a «alheira de Mirandela», tem fama por esse País fora e mesa instalada à sua espera. Integra já as ementas, onde se lê: «Alheira de Mirandela com...»

Aqui paramos: desde já, para dizer, como ouvimos em Moncorvo (onde um grupo de jornalistas foi à descoberta do acolhimento da Terra Quente e da hospitalidade de quem muita espera dos turistas) que o melhor acompanhamento para a alheira, pelo menos para a de Moncorvo, não é batata frita e ovo estrelado, ou algo que se pareça, mas grelinhos e batata cozida. Esse complemento foi-nos servido na Escola Primária de Torre de Moncorvo, um domingo de Abril — de águas mil que o País sentiu de Norte a Sul, mas que não chegou àquela vila do distrito de Bragança.

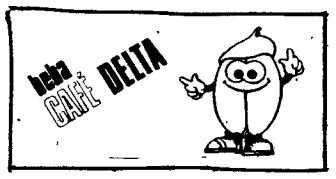
A alheira é o «ex libris» do chamado fumeiro transmontano: é o produto mais conhecido. Mas muitos outros há, desde o azedo, a também chamada alheira pobre (porque a alheira moncorvense é quase uma alheira real, tão variada de carnes e condimentos), ao palaio (feito de ossos do lombo, que pouco tem a ver com o paio de carne de lombo por excelência).



Rica que é em fumeiro, a província de Trás-os-Montes, passe a variação, oferece-nos ainda a tabafeia (a alheira de Bragança) que, segundo voz avisada transmontana, leva as mesmas carnes da chouriça (língua, bofe, lombo e coração entre outras partes) e o tempero do chouriço.

Íamos no azedo, passámos pela tabafeia e, de raspão, pelo palaio, sem explicar a composição do primeiro: trata-se de uma alheira mais pobre, com gorduras de porco, que se seca para comer cozida, no Verão. Leva vinho tinto, de onde talvez lhe venha o nome, que no Norte de Bragança passa a putelo, a outra designação por que o azedo é conhecido na região.

À fala com Maria da Fonseca e Maria dos Anjos Pereira, mulheres com carreira feita a cozinhar alheiras e a sentir-lhes o gosto esmerado de Moncorvo (que aliás muitos dos habituais gastrónomos dos festivais de Santarém bem conhecem), ficamos a saber como gira à volta da dita... alheira.



O nome rescende-lhe do muito alho que a tripa, cheia de carne de várias espécies, leva. A alheira que muitos dos lisboetas comem, ou frita ou incorporando o cozido à portuguesa, tem ambas as aplicações em Moncorvo e é vendida com esse fim. Convém, em qualquer dos casos, que a sua preparação seja requintada, seja genuína. No fundo: que não altere a sua origem e os cuidados postos na sua confecção pelos judeus que se acolheram à região escapando à sanha da inquisição.

Daí que, primordialmente, a carne de porco não entrasse na sua composição. É diferente hoje, mas uma alheira no estrito sentido do termo, tendo o alho por base e a tripa a envolver, a aconchegar, comporta diversas carnes: vitela, porco, coelho e galinha. Mais peru e presunto seco.

Com tudo isso à mão, Maria da Fonseca e Maria dos Anjos Pereira explicam o resto, ante o professor Reis, vereador da Câmara Municipal de Moncorvo (PS) incumbido do pelouro de educação, cultura e informação: é tudo cozido em água e sal, e enriquecido com cebolo, alho e malagueta (nos últimos tempos, porque antes disso este condimento não constava da «ementa»).

Junta-se-lhe pão de mistura de trigo ou só de trigo em fatias, obviamente finas, que antes passaram pela água onde se cozeu a alheira. Depois acrescenta-se salsa picada, colorau doce e picante (comprado em Espanha), mexendo-se tudo, de modo a que os temperos se harmonizem, a cor sobressaia e o cheiro convide.

Moncorvo está prestes a arrancar com uma cooperativa de fabricantes de alheiras e não só: também de amêndoa (melhor que a algarvia, dizem do lado de lá do Douro e do Pocinho), coberta ou peladinha, preservando as suas artes culinárias, que, aliás, fazem parte dos Cursos de Formação Profissional patrocinados pelo respectivo fundo europeu que a Câmara Municipal gere e adequa, através de António Reis.

Só assim será possível manter viva a riqueza do fumeiro transmontano e a variedade dos seus enchidos, com o porco a entrar em todos e o vinho a ajudar. A tabafeia passa por vinho (e uma semana de fumeiro), o palaio por vinha-de-alhos, o azedo também por tinto, como o salpicão (uma semana de vinho, outra de fumeiro) e as bochas, outro tipo de enchido da região bragançana ou brigantina, que há quem designe por bucha. É muito conhecida em Gouveia a chouriça de bocha...

JR

Três recantos gastronómicos da rica cozinha transmontana

A posta mirandesa, aparentemente simples de preparar, tem os seus segredos: fora de Miranda e/ou longe de Moncorvo, não é a mesma coisa. D. Aurora e o seu marido Oliveira Martins do Escondidinho, em Sesimbra, tentaram introduzi-lo no seu restaurante mas desistiram da ideia. Por uma única razão: é que a essência (segundo ela) do segredo está na própria carne.

Fica a referência, passageira, para se falar do Artur dos Carviçais, o mais afamado apresentador da posta mirandesa na Terra Quente de Brangança, onde a proposta gastronómica da casa — qualquer delas — é a posta, mas há alternativa: cabrito na brasa.

São dois pratos, duas especialidades, nada mais. Um dia, contou o director do «Sete» na viagem de Lisboa a Bragança, perguntaram-lhe pela lista. Artur de Carviçais não esteve com meias medidas: «O senhor vem comer ou vem ler?».

A interrogação perdura, ganhou fama, é hoje contada em tudo quanto é sítio de gastrónomos por excelência ou de candidatos a tal. Peixe não há no Artur de Carviçais, que serviu à mesa, há questão de dias, duas dezenas de representantes da Comunicação Social idos de Lisboa que ficaram estarrecidos — não é exagero — com o tempero da posta, um gosto abençoadamente estranho. A carne é alta, selecta, a assadura quante baste, pelo que um sujeito come uma e não vai além das duas, na melhor das hipóteses. Fica-lhe nas pupilas um sabor diáfano: vê azeite, muito azeite, mas não é a isso que lhe sabe.

No Artur, no penúltimo dia da visita promovida pela RDP — Antena Um, com a colaboração da RN e o apoio da Câmara Municiapl de Bragança, foi isso que nos ficou. No dia anterior havíamos sido obsequiados no Campos Monteiro (restaurante-café ao lado de uma residencial com o mesmo nome, que noutros tempos foi colégio) com uma açorda de cabrito, prato também transmontano, mas ali de feição especial, pela madrugada fora, antes de «invadirmos» a discoteca da vila que só fecha quando o último cliente sai. Açorda de chibo, para melhor concretizar o prato, não se sabendo que melhor apreciar à mesa (em ferradura) do Passarinho: se o chibo, se o pão envolvido por azeite que ali é fio de ténue acidez, mais a hortelã, as gemas de ovos — dando à açorda um tom amarelo reforçado pela luz —, as folhas de hortelã e a malagueta.

O primeiro almoço desta descoberta transmontana foi na Lareira, de Manuel Joaquim Branco, que fechou para nos receber. É um restaurador que trocou a França por Moncorvo e tem fé. Começamos (depois de um vinho fino de 40 anos como aperitivo que deu para entontecer) com uma sopa de vagens secas de feijão encarnado (sopa de cascas) e continuámos com migas de bacalhau, diferentes de outras migas com o mesmo peixe que se comem noutras partes do País.

Batata aos bocados e massa fina acolhiam em caldo o bacalhau de migas, apresentadas em tijelas de barro. Pão de trigo demolhado, alho e colorau davam cor ao bacalhau desfiado, sem espinha, coberto pelo loiro, o azeite.

O bacalhau à Lareira, churrasco à angolana, escalopes com com «champignons» (a influência da cozinha francesa aqui) e a feijoada à transmontana estavam ne ementa da Lareira, onde se pode (e deve) pedir ementa, pelo que se constata. Nela se encontrarão ainda a alheira com todos, borrego e cabrito assado, bem como carne de porco com feijão pequeno que não explicamos aqui porque a descrição vai longa.

A RECEITA DA SEMANA

Patrocínio GALPgás

uma chama mais viva

Fígado de vitela em bifes recheados à transmontana

Meio quilo de fígado de vitela cortado em bifes não muito finos; três ovos cozidos cortados às tiras sobre o comprido; 120 gramas de febra de presunto crú; um alho migado; um ramo de salsa; 50 gramas de manteiga; meio grama de pimenta moída; uma colher, das de chá, de sal fino; uma cebola mediana picada.

Enrolam-se os bifes pondo dentro uma tira de ovo cozido, outra de presunto crú, um bocadinho de alho, um pouco de salsa picada, pouco sal e pimenta. Espetam-se os bifes enrolados com um palito para não se desenrolarem. Faz-se um refogado com a manteiga e a cebola e em estando loura juntam-se três colheres, das de sopa, de água. Colocam-se numa travessa de ir ao forno os bifes enrolados, deita-se o refogado feito por cima indo ao forno a cozer por 15 a 20 minutos, deitando-se à saída do forno 3 gemas de ovos mexidos com o sumo de meio limão e serve-se quente rectificando os temperos de sal e pimenta do molho produzido.

In «Culinária portuguesa», de Olleboma

uma chama mais viva
GALPgás

GRUPO JUVENIL DE DANÇA NO DIA 9, NO MARIA MATOS

O Grupo Juvenil de Dança Ciclorama apresenta na segunda-feira, dia 9, às 21.30, no Teatro Maria Matos, o seu trabalho «Puzzles d'Água».

Os bailados de «Puzzles d'Água» são feitos sobre 13 temas de sete compositores: José Afonso («Galinhas do Mato» e «No combóio descendente»), Emílio Cao («Vals do Mencer» e «Sol de Maio»), Mike Oldfield («Etude from the Killing Fields», «Cuckoo Song», «Good News» e «Tauros 3»), Penguin Cafe Orchestra («Perpetuum Mobile» e «Oscar Tango»), Suzanne Vega («Tom's diner–reprise»), Meredith Monk («Pine tree lullaby from the Dolmen music») e Frederic Chopin (concedrto para piano e orquestra nº 1, em Mi menor, «opus 11»).

O espectáculo, com a duração de aproximadamente uma hora, tem coreografias de Luis Xarez e Isabel Merlini, e é a primeira iniciativa do Grupo Juvenil de Dança, constituido por 12 elementos e que conta com o apoio da Câmara Municipal de Lisboa e da Junta de Freguesia de S. Domingos de Benfica.

Teatro português em França

A peça «Noite Branca», do dramaturgo português António Júlio Vilarinho, vai ser levada à cena em Novembro, em Paris, pelo «Theatre de La Source», informou uma fonte ligada ao projecto.

Em actividade em Toulouse desde 1986, o «Theatre de La Source», anteriormente denominado «Theatre Itinerant», tem nos seus quadros o português Rui Fernandes, um dos fundadores da companhia, autor de várias peças de teatro, encenador e actor.

Fundamentalmente vocacionada para a criação de obras de teatro contemporâneas, a companhia levou à cena, nas duas primeiras temporadas, «Audience», de Vaclav Havel e «Le Bal Des Monstres», de Rui Fernandes e propõe-se, num futuro próximo, apresentar peças de autores de língua portuguesa.

Com tradução e adaptação de Rui Fernandes, «Noite Branca» (Nuit Blanche) tem encenação de Alain Lahye e cenografia e guarda-roupa de Ana Silva e Sousa.

Nascido em Viseu em 1948, António Júlio Vilarinho é autor de obras como «A Grande Marcha», «Quadros Heroicos do Povo em Luta», «A Terra» (prémio do Teatro Universitário do Porto, 1978), «O Artilheiro» (prémio de Teatro do Ministério português da Cultura, 1979), «Noite Branca» e «As Portas do Sol», entre outras.

Ainda no capítulo teatral, tem para publicação «Os Mercadores de Sonhos» e «A Última Ponte». Também poeta, Vilarinho escreveu, entre outros títulos, «A Vida nas Ilhas» e «Degelo».

Do Brasil para o Casino Estoril... em exclusivo

Roberto Carlos em três noites de gala

É já nos próximos dias 5, 6 e 7 de Maio que Roberto Carlos estará no salão preto e prata do Casino Estoril, para três espectáculos que aqui fará em exclusivo, nesta sua terceira visita ao nosso país.

As primeiras, foram nos anos de 1979 e 1983, respectivamente para dois espectáculos no Coliseu e para actuar no Porto, em Portimão e no Estádio de Alvalade.

Indiscutível líder de audiência, popularidade e vendas, no Brasil, Roberto Carlos, justamente chamado O Rei da MPB, vem agora cantar ao Casino, em três noites que se prevêem de lotações esgotadas, trazendo consigo todo um mundo do espectáculo, de que se destaca particularmente a sua banda de vinte músicos, dirigidos pelo maestro Eduardo Lage, de actuações tão brilhantes, que decerto terá contribuído para que Roberto Carlos também seja conhecido como «O Sinatra brasileiro»...

Nascido a 19 de Abril de 1943 em Cachoeiro do Itapemirim, uma cidade 400 km a nordeste do Rio de Janeiro, Roberto Carlos começou a sua «carreira» aos 6 anos de idade, na estação de rádio local, onde cantava êxitos dos artistas brasileiros que admirava. Na sua juventude, foi viver para o Rio de Janeiro e, trabalhando em conjunto com Erasmo Carlos, depressa teve os primeiros sucessos («Splish Splash», «Parei na Contra-Mão», «Calhambeque» e o inesquecível «Quero Que Vá Tudo P'ro Inferno»), a que se seguiram dezenas de outros, sempre destinados a alcançarem a maior popularidade!

No Casino Estoril, os espectáculos de Roberto Carlos farão, não só a retrospectiva da sua carreira até aos anos 80, recordando sucessos como «Calhambeque», «Café da Manhã» ou «Detalhes», mas também se basearão numa escolha de temas dos seus dois últimos álbuns, «Apocalipse» e «Coisas do Coração». Roberto Carlos, que acaba de dar grandes espectáculos nos EUA, México e Canadá, prepara actualmente, com Julio Iglesias, um álbum que deverá ser editado em finais deste ano.

É pois este cantor de sempre, romântico mas não só, que resiste ao passar dos anos e evolui, atraindo as novas gerações, que vem agora, de novo, ao reencontro de um público português que lhe tem sido fiel, nos seus mais de vinte e cinco anos de carreira.

Pode fazer já as suas marcações, através doos serviços de «Front-Desk» do Casino Estoril (Tel.: 2684521), pois a lotação da sala será rigorosamente respeitada.

TEATRO NACIONAL D. MARIA II

5as ás 15 h. - Sabs ás 16 h.

Encenação, cenários e figurinos Ruy de Matos
Música Jorge Machado
com
LUZ FRANCO - IGOR SAMPAIO - LÚCIA MARIA - PAULO LAGES - LUÍS BANDEIRA - AFONSO DE MELO - DIOGO VARELA - CARLOS COSTA - JOÃO DE CARVALHO CARLOS PIMENTA - CARLOS AURÉLIO - VICTOR TELLES JAIME ROSA - GUIDA MARIA - ANTÓNIO ANJOS.

TEATRO NACIONAL D. MARIA II

dia 9 de Maio ás 21,45 h.

CONCERTO DA EUROPA

OBRAS DE AVONDANO, MENDELSSOHN E ROUSSEL
ORQUESTRA DE CÂMARA "LA FOLIA"
DIR.: MIGUEL GRAÇA MOURA

CANÇÕES POPULARES DE BEETHOVEN

HELENA VIEIRA, ANA PAULA RUSSO, SUSANA TEIXEIRA

CARLOS GUILHERME, JOSÉ FARDILHA, JOÃO LOURENÇO

LUÍS SANTOS, IRENE LIMA, JOÃO PAULO SANTOS

BILHETES EM DISTRIBUIÇÃO NA BILHETEIRA DAS 13 às 20 HORAS, DIAS 6, 7, 8, 9 de MAIO

teatro da Cornucópia

TRÊS IRMÃS de A. Tchekov

«Um grande espectáculo de actores.»
Eugénia Vasques/«Expresso»
«Um espectáculo que se vê com a respiração suspensa.»
M. H. da Mesquita/«O Diário»
«A exigente qualidade habitual na Cornucópia.»
Valentim Lemos/«D. Notícias»

ÚLTIMO MÊS
Terça a sábado às 21 horas
Dom. – 16 horas / Desconto a grupos e jovens
Teatro do Bairro Alto
Rua Tenente Raul Cascais, 1-A (à Rua da Escola Politécnica)
1200 Lisboa – Sub/Sec

PAPELARIA CLAU – XANA
QUELUZ – MASSAMÁ
RECEPÇÃO DE ANÚNCIOS
VENDE O DIÁRIO DE LISBOA
Rua Direita de Massamá, 181 – Casal do Belo — Massamá

Câmara de Lisboa organiza

JAZZ NA CIDADE

Pegando numa tradição já de muitos anos noutros municípios europeus, decidiu o pelouro da cultura da Câmara Municipal de Lisboa (coordenado pelo vereador social-democrata Vítor Reis) iniciar uma aventura (no bom sentido) que se espera desde esta primeira edição vir a constituir um sucesso: trata-se da realização de um festival de jazz nas suas várias modalidades estilísticas, baptizado com o nome «Jazz na Cidade 88», e que decorrerá em vários locais da capital durante seis dias. O seu produtor artístico é o mesmo que vem organizando o «Jazz em Agosto» da Gulbenkian, o que é considerado uma garantia de qualidade: Rui Neves.

Os nomes agendados para esta nova aposta cultural do município alfacinha prometem alguns grandes momentos musicais: o saxofonista britânico Courtney Pine, actualmente em fase de ascensão (o que será com certeza interessante testemunhar) ficou com a tarefa de abrir o ciclo pelas 21 e 30 do próximo dia 24, no Teatro Municipal São Luiz. No serão seguinte, pelas 22 horas e no mesmo local, é a vez dos portugueses, com o decateto de Mário Laginha, que Lisboa já conhece, com presença nacional prevista também para 26, desta feita com o quarteto de Carlos Martins, marcando encontro para o pavilhão de futebol do Belenenses, às 21 e 30. Depois da sua prestação inicial, ocuparão o palco o guitarrista John McLaughlin (que tem estado um tanto eclipsado nestes últimos anos, mas que os amantes do jazz e até do rock conhcecem bem dos tempos da Mahavishnu Orchestra e do grupo Shakti, que o músico compartilhou com instrumentistas indianos) e os seus dois acompanhantes: o baixista Jeff Berlin e o percussionista e baterista Trilok Gurtu.

Soberba vai ser a noite de 27, também no pavilhão do Belenenses, onde a partir das 21 e 30 actuará um trio entre Archie Shepp, Niels- Henning Orsted Pedersen e Horace Parlan, constituído de propósito para este concerto. Quem conhece o fabuloso saxofonista que é o negro-americano Archie Shepp, alguém que depois de ter sido um dos porta-estandartes fundamentais do movimento free consegue ainda hoje ser um dos músicos mais inventivos e sofisticados do jazz, sabe que Shepp gravou um disco a duo com Pedersen (contrabaixista) e outro com Horace Parlan (pianista), duas pérolas para qualquer colecção. Pôr os três a tocar juntos é um feito de que Rui Neves se está a orgulhar muito.

Logo de seguida, como se Shepp não bastasse, tocará o septeto do pianista, compositor e orquestrador sul-africano Abdullah Ibrahim (Dollar Brand antes de se ter convertido ao islamismo). Na sua banda alguns músicos do topo: o saxofonista tenor e alto Ricky Ford, o barítono Charles Davis, Craig Handy no tenor e na flauta e o trombonista Dick Griffin.

A sessão de 28 de Maio também será de arromba. Toca, novamente no Belenenses (sim,o leitor tem razão: seguir-se-á a estratégia da aliciação do grande público, coisa inédita em Portugal desde pelo menos o fim dos anos de ouro do Festival de Jazz de Cascais), o quarteto do maior dos bateristas do jazz - Max Roach, que é também dos melhores quartetos deste género de música, pois nele trabalham um Cecil Bridgewater (trompete), Odean Pope (saxofone tenor) e Tyrone Brown (que toca um baixo eléctrico vertical).

A seguir ao intervalo, vez para o quarteto (acústico) de Larry Coryell, guitarrista que depois de ter actuado numa área musical de características mais comerciais (e mais fáceis), volta ao jazz dos «grandes». Será acompanhado por gente como Stanley Cowell (piano), o contrabaixista Buster Williams e o bateria Billy Hart, cada um deles um cabeça de cartaz. Coryell, esse, apresentar-se-á em Lisboa com uma Ovation... acústica, e saiba desde já, amigo leitor, que ele também a sabe usar muito bem.

As despedidas serão feitas em ambiente cordato e despreocupado. No Jardim da Estrela, a 29, em cujo coreto «soprará» a Young Tuxedo Brass Band, pelas 16 horas, à boa maneira do velho dixieland de Nova Orleães. Atenção: a entrada será livre.

Os preços para os restantes concertos oscilam entre os 500$00 (no segundo concerto do S. Luiz) e os 1300$00 (uma plateia no pavilhão do Belenenses). As assinaturas para todos os espectáculos custam entre 3000$00 e 4000$00. No Conservatório Nacional de Lisboa, dia 28, Niels-Henning Orsted Pedersen e Horace Parlan dirigirão seminários de música e o maestro Jorge Costa Pinto dará uma aula de introdução ao jazz. Admissão livre.

Vítor Reis, em nota distribuída pela Imprensa, refere-se a este novo festival de jazz como «uma aposta na música, que se inclui noutra, mais vasta, que é a animação da cidade». E justifica-se que a Câmara inicie estes ciclos musicais porque, escreve, «são infelizmente poucas as ocasiões que vamos tendo para apreciar jazz desta qualidade - nomeadamente se atendermos aos excelentes executantes que temos e ao facto de existir em Lisboa vasto número de apreciadores». Acrescenta ainda: «Esta iniciativa representa, da nossa parte, um contributo que esperamos venha a ser decisivo - para alterar tal estado de coisas.»

Quem é quem

Mas vejamos quem é quem: Courtney Pine é um músico britânico e é negro. Facto de assinalar, já que nos últimos anos os negros residentes nas ilhas britânicas têm enriquecido unicamente as fileiras da música pop, acentuando-lhe um certo travo soul e funky, até há pouco exclusivos da música vinda dos Estados Unidos. E Courtney Pine é um jovem músico, vindo continuar em solo europeu o que é já um fenómeno em terra americana, com gente muito nova que consegue ser genial na manipulação dos seus instrumentos.

O seu primeiro disco, «Journey to the urge within», vendeu mais de 700 mil exemplares, auxiliado por um marketing inusitado nesta área da música e pelo menos no que diz respeito à Grã-Bretanha. O estilo revelado é vigoroso e exuberante, fundamentado na matriz dos Jazz Warriors, com quem Art Blakey tocou (quem o não conhece?). O baterista gostou da força do jovem Pine e recomendou-o a Elvin Jones, outro dos gigantes do jazz.

Foi apenas em 1986 que tudo isto aconteceu, e hoje Courtney Pine é um rei do jazz em Inglaterra, multiplicando-se em entrevistas e tendo o desplante de confessar que não precisa de praticar nem de ouvir a música dos outros. Há quem diga que ele é o novo Winton Marsalis, mas nos saxofones e deste lado do grande Atlântico.

Que dizer, agora, de Mário Laginha? Que é certamente o nosso pianista de jazz mais exímio e inventivo depois de António Pinho Vargas e que, voltamos ao mesmo, é um jovem turco da geração dos vinte anos. O jazz não é a sua única paixão, já que este pianista português também tem conquistado nome no sector da música erudita. É ele próprio quem o diz: «Sucede que vim para a música clássica através do jazz e para o jazz através de Keith Jarret. Comecei a tocar piano aos 5 anos tendo sempre tido uma relação muito exaustiva com ele, embora não pensasse em vir fazer uma carreira. Quando fiz o Propedêutico vi na televisão um concerto de Keith Jarret e gostei imediatamente sem saber que aquilo era jazz..»

O curioso é que Jarret é também um intérprete de música erudita e afinal estes dois universos não estão tão longínquos quanto se imagina e Laginha faz lembrar que a harmonia do jazz não surgiu do nada. Chopin já fazia acordes de nona menos.

Carlos Martins, outro músico nacional, colocado entre os mais promissores, é dos poucos que não se contenta com a simples citação dos modelos reinantes de um jazz por de mais ouvido. Saxofonista tenor, tem estado presente em curiosas experiências que associam a música com o teatro e a escultura, o que caracteriza bem o tipo de intervenção que procura ter. Mais um jovem, o que também explica muita coisa: como as suas prestações musicais na cisterna (recuperada) da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, que tem um óptimo índice de reverberação, ou no átrio da estação de comboios do Rossio.

McLaughlin: uma aventura que nasceu em 1969 com dois combatentes grandes de um certo rock: Jack Bruce e Ginger Baker, com quem um certo jazz (Carla Bley) se apaixonou. É um virtuoso, mas um virtuoso inspirado e emotivo, capaz de tocar com uma intensidade e uma velocidade impressionantes. Emparceirou com Miles Davis, quando este começou a «electrificar» o seu som, e essa foi para o guitarrista britânico que a América adoptou uma condição básica.

Mais tarde vira-se para as músicas e as filosofias orientais, passando a usar métricas mais livres e complexas e «abrindo» a sua maneira de tocar a novas possibilidades. Foi talvez o músico mais feliz desse estilo ambíguo e perigoso a que se chamou de «fusão». No material que criou é difícil distinguir o que é jazz, o que é rock ou o que veio da música hindu, por exemplo.

Os instrumentistas que o acompanham merecem registo. Jeff Berlin é a nova descoberta do baixo eléctrico depois da morte de Jaco Pastorius, sendo particularmente atraente nos seus solos. Trilok Gurtu, que no grupo de etno-jazz Oregon substituiu o malogrado Colin Walcott, o que não é fácil, é um poli-instrumentista de percussão sobre o qual se voltam as atenções. Especialidade: as tablas, esse duplo tambor indiano com que John McLaughlin se tem feito acompanhar todos estes anos.

Ricky Ford: O jazz na cidade

A nata

Agora, a nata: Archie Shepp com Niels- Henning Orsted Pedersen e Horace Parlan, o jazz elegante, sóbrio, fecundo e reflexivo. Shepp, depois de ter sido um dos «malditos» da revolução free, é hoje um «neo-modernista», no seu propósito de revisitar a estilística do bebop com um outro tipo de aproximação, preocupado sobretudo com as texturas tímbricas e os ritmos percussivos de ambos os seus saxofones, o tenor e o soprano. Nele é toda a história do jazz que é articulada, revisitada, referida, mas sempre projectada para novos invólucros e horizontes. Factor dominante: o lirismo harmónico e melódico.

Sobre o pianista Horace Parlan diz dele o musicólogo Jorge Lima Barreto que é um «herói mingusiano», reputado pela extraordinária importância que dá à mão esquerda no piano e pela transpiração de blues que denota a sua arte, como pelo facto de ter tocado com Charles Mingus, um dos génios do jazz. Orsted Pedersen é comumente considerado como um dos maiores contrabaixistas de sempre nestes domínios, com a vantagem de ter o dom da ubiquidade: aparece nos contextos mais diversos, no maior dos à- vontades.

Abdullah Ibrahim, vulgo Dollar Brand: influenciado por Duke Ellington e Thelonious Monk (o pianista louco), este sul-africano de Cape Town, optou por dar ao jazz uma direcção acentuadamente africana. Pianista polirritmíco, associa os ciclos repetitivos básicos da música negra sul-africana com preocupações harmónicas e melódicas que também lhe são próprias. É hoje um músico introvertido e, diga-se mesmo, religioso.

Introduziu a graciosidade e a simplicidade no jazz, através da utilização de frases musicais que ficam no ouvido. Os arranjos da sua orquestra de sete elementos são claramente inspirados no exemplo de Ellington, o que faz de Ibrahim um seu directo herdeiro. Atenção, no seu grupo, a Ricky Ford, um dos melhores saxofonistas da nova geração.

Mais: a bateria melódica de Max Roach, que soube colocar a percussão em igualdade de papéis com os outros instrumentos. Ninguém toca como ele ou se atreveu a copiar os seus jogos de coordenação e polirritmia.

Diz dele o crítico de jazz Raul Vaz Bernardo: «O poder sugestivo de sons de limitada afinação são explorados ao seu máximo: assim todas as possibilidades orquestrais de efeitos melódicos surgem na música, sem recurso a escalas, intervalos e harmonias.»

Será interessante observar o trabalho que no quarteto de Max Roach irá desenvolver o tenor Odean Pope, um saxofonista particularmente interessado nas texturas musicais e que tem desenvolvido uma técnica instrumental a que dá o nome de multifonias.

Larry Coryell. Podemos encontrá-lo nalguns contextos interessantes, como foram a Jazz Composers Orchestra Association ou as suas colaborações com Charles Mingus e Stephane Grapelly. O seu grupo de jazz-rock, Eleventh House, não foi tão feliz, pois insistiu em soluções que primaram pela redundância e o esgotamento. Mas falemos dos músicos que estarão a seu lado. Billy Hart: tocou com Wes Montgomery, Stan Getz, Miles Davis, Herbie Hancock, o que é uma boa carta de apresentação. Buster Williams: um contrabaixo de som amplo, «hábil na tessitura de motivos rítmico-melódicos surpreendentes», segundo Lima Barreto. Stanley Cowell: a versatilidade, de Art Tatum a Cecil Taylor, mãos dadas com o lirismo.

Sem dúvida alguma: este «Jazz na Cidade 88» vai fazer história.

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

IMPÉRIO DO SOL
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30, 21.30 e 00.30

Alfa 2

VIAGEM NO TEMPO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45
24.00 h

Alfa 3

O FEITIÇO DA LUA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.45 e
00.15 h

Alfa 4

ATRAÇÃO FATAL
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e
00.15 h

Alfa Club

A CIDADE DO VÍCIO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e
24.00 h

Amoreiras 1

O FEITIÇO DA LUA
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30,
21.45 e 24.00 h

Amoreiras 2

TRÊS HOMENS E UM BEBÉ
(maiores 6 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.30 e
24.00 h

Amoreiras 3

VIAGEM NO TEMPO
(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45,
21.45 e 00.15 h

Amoreiras 4

MACARONI
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e
00.15 h

Amoreiras 5

IMPÉRIO DO SOL
(maiores 12 anos)
15.15, 18.15, 21.30, e 00.30 h

Amoreiras 6

ESPERANÇA E GLÓRIA
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30,
21.30 e 24.00 h

Apolo 70

ESPERANÇA E GLÓRIA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.00

Ávila

— T. 539930

NA VIGÍLIA DA NOITE
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.45 e
23.45 h

Berna

— T. 776098

KING KONG VIVE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

" NA VIGÍLIA DA NOITE " um thriller clássico com laivos de romance
S. Jorge 1 - Quarteto - Àvila - Babilónia (Amadora)

Capitólio

— T. 372358

SEKA – HOSPEDEIRA DA CAMA
(Porno)
(maiores 18 anos)
15.15, 17.30, 19.00, 21.30 e
23.00 h

Castil

T. 530194

ESPERANÇA E GLÓRIA
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Cinebolso

GESTOS INTERDITOS
(maiores 18 anos)
Pornográfico
12.30, 14.30, 16.45, 19.00,
21.30 e 23.30 h

Cine Camões

T. 324194

O CAMINHO DA VERDADE
(maiores 13 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Cine 222

— T. 533253

CESAR FOGO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
AS MINAS DE SALOMÃO
(maiores 12 anos)
24.00 h

Cine Portela

— T. 9434773

Estúdio Antena

TAL FILHO TAL PAI
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza

O GLADIADOR
(maiores 16 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

O SOL DA MEIA-NOITE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e
23.45 h

Condes

— T. 322523

O ÚLTIMO IMPERADOR
(maiores 12 anos)
14.15, 18.15 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

O BOMBARDEIRO
(maiores 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

ATRACÇÃO FATAL
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

LOUCA
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

Sala 1

O ÚLTIMO IMPERADOR
(maiores 12 anos)
14.15, 17.45 e 21.00 h

Sala 2

ATRACÇÃO FATAL
(maiores 16 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

CONTINUARAM A CHAMAR-LHE TRINITÁ
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
2.ª semana

Forum Picoas

FESTIVAL DE CINEMA ESPANHOL
19.00 e 22.00 h

Gemini

— T. 734009

GRITA LIBERDADE
(maiores 12 anos)
15.00, 18.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 806847

Sala 1

A INSUSTENTÁVEL LEVEZA DO SER
(maiores 16 anos)
14.30, 18.00 e 21.30 h

Sala 2

WALL STREET
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.00, 21.30 e
23.45 h

Império

— T. 555134

O BOMBARDEIRO
(maiores 13 anos)
14.30, 16.30, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

A INSUSTENTÁVEL LEVEZA DO SER
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Sala 2

WALL STREET
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.45 h

Londres

— T. 801313

A INSUSTENTÁVEL LEVEZA DO JER
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

Sala 1

VIAGEM NO TEMPO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Sala 2

JEAN DE FLORETTE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Sala 3

DIABO NO CORPO
(maiores 16 anos)
13.45, 16.15, 19.00 e 21.30 h

Nimas

— T. 574362

TRÊS HOMENS E UM BEBÉ
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

SÓ PARA SÓCIOS
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olímpia

T. 325309

NO PARQUE É QUE É BOM
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Pathe

— T. 821933

ROBOCOP – O POLÍCIA DO FUTURO
(maiores 18 anos)
14.00 e 21.00 h

Politeama

T. 326305

O ESCORPIÃO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto

T. 771378

Sala 1

A CIDADE DO VÍCIO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e
23.30 h
COMBOIO EM FUGA
(maiores 12 anos)
00.45 h

Sala 2

A VIGÍLIA DA NOITE
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 21.30 e 23.30 h
ROSA PÚRPURA DO CAIRO
(maiores 12 anos)
23.30 h

Sala 3

AS ASAS DO DESEJO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
OS MARGINAIS
(maiores 12 anos)
00.45 h

Sala 4

O JOGO FATAL
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.30 e
23.30 h
SOMBRAS BRANCAS
(maiores 13 anos)
00.45 h

Roma

T. 889192

O MEU CHAUFFEUR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

Sala 1

NA VIGÍLIA DA NOITE
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

ATRAÇÃO FATAL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.45 h

Sala 3

O FEITIÇO DA LUA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

7.ª Arte

— T. 730715

TRÊS HOMENS E UM BEBÉ
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.45 e
23.45 h

Star

— T. 804210

JEAN DE FLORETTE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

A LEI DO REITOR
(maiores 16 anos)
15.00, 17.30 e 21.30 h

Tivoli

— T. 570595

TRÊS HOMENS E UM BEBÉ
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim

T. 706666

8 MILHÕES DE MANEIRAS PARA MORRER
(maiores 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.30 h

Xenon

T. 368480

ENCERRADO PARA REMODELAÇÃO E AR CONDICIONADO

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro Lido — «Continuaram a Chamar-lhe Trinitá», às 15.00 e 21.30 h (maiores de 6 anos).
AMADORA — Cinestúdio Lido — «Edição Especial», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).
AMADORA — Babilónia — «Debaixo d'Olho», às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h (maiores de 12 anos)
ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — «Gansos Selvagens II», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).
CACÉM — Cinestúdio Flores — «A Bamba», às 15.00, 18.00 e 21.30 h. «Emprestame o Teu Motorista», às 24.00 h (maiores 18 anos)
MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «O Tanque de Guerra», às 15.30, 18.00 e 21.30 h (maiores 12 anos).

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril — «O Renegado», às 18.15 e 21.15 h (maiores 6 anos).
ALGÉS — Cinema 2000 — «O Renegado», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos).
LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «Arizona Júnior», às 15.30 h (maiores 16 anos). Minirevista c/Octávio de Matos «O Pirata Sou Eu», às 21.30.
OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «Grita Liberdade», às 15.15 e 21.30 h.
Sala 2 — «Força Especial de Intervenção»,às 15.30 e 21.45 h (maiores 12 anos)
NOVA OEIRAS — Cine Palmeiras — Sala 1 — «Marados no Paraíso», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)
Sala 2 — «O Declínio do Império Americano», às 15.30 e 21.45 h (maiores 12 anos)
CARCAVELOS — Atlântida Cine — «Na Vigília da Noite», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).
CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «A Insustentável Leveza de Ser», às 15.15, 18.45, 21.30 e 24.00 h (maiores 12 anos).
Sala 2 — «Edição Especial», às 15.00, 18.00 e 21.30 h (maiores 16 anos).

Outra Banda

ALMADA — Academia — «Grita Liberdade», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 12 anos).
ALMADA — Incrível Almadense — «Olhos Indiscretos», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos).
COVA DA PIEDADE — Clube Piedense — «Atracção Fatal», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos). «Sexo na Caserna», às 24.00 h (maiores 18 anos).
COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «Grita Liberdade», às 15.45 e 21.30 h (maiores 12 anos).
Sala 2 — «Macaroni», às 15.00 e 21.15 h (maiores 12 anos).
BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «Guerreiros do Sol», às 15.00 e 21.15 h (maiores 6 anos).

ESCULTURA DE TERESA VASCONCELOS

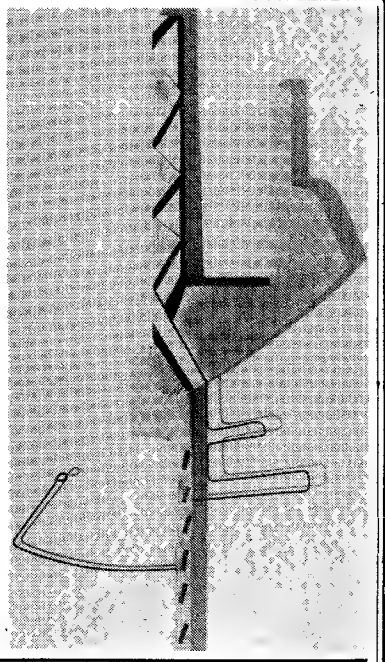
Na Galeria de Santa Justa (R. de Sta. Justa, 93-2º) encontra–se patente até ao próximo dia 11, todos os dias excepto domingos entre as 15 e as 20 horas, a exposição de Escultura «Espaço–Forma», de Teresa Vasconcelos.

Licenciada pela Escola Superior de Belas–Artes de Lisboa, esta artista que tem agora a sua segunda exposição individual, participou em inúmeras colectivas e está representada em várias colecções particulares.

Possuidora de um curriculo onde se apontam interesses de ordem artística como cinema, artes gráficas e cenografia, apresenta–nos agora algumas obras de notável qualidade estética, resultado de aturada investigação no domínio das artes plásticas.

Tendo como professores de Escultura na ESBAL Euclides Vaz, Clara Menéres, Helder Batista, entre outros, Teresa Vasconcelos soube, de cada um em particular e da Escola na globalidade, aprender a técnica, a inventiva e a seriedade que qualificam actualmente o seu trabalho.

Rocha de Sousa escreveu um dia que «Teresa Vasconcelos é uma escultora cuja formação inicial passa pela exploração do «volume cheio», pelo efeito visual da massa, manipulando de um modo claramente acentuador aquilo a que podemos chamar a «topografia» das aparências antropomórficas, sobretudo através do nu feminino. O barroquismo desse trabalho, sensorialmente ligado ao ritmo visual do nosso temperamento, poderá oscilar entre a «crise» dramática, algo literária, e o olhar irónico prévio à caricatura».



EXPOSIÇÕES

PALÁCIO DA AJUDA: até 31 de Maio, a exposição «Arte Portuguesa do Século XIX», aberta ao público todos os dias (excepto segundas-feiras) das 10 às 17. De terça a sexta, entre as 10 e as 12, reservada às escolas.

MUSEU DE ARTE ANTIGA: até 5 de Junho, a exposição «Faiança Portuguesa em Amesterdão: 1600-1680».

MUSEU NACIONAL DO TEATRO: exposição «A Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro».

MUSEU DE ETNOLOGIA (Av. Ilha da Madeira-Restelo): a exposição «Timor de Ruy Cinatti».

MUSEU NACIONAL DO TRAJE: em colaboração com a Câmara Municipal de Vila Verde, a exposição «Lenços de Namorados».

MUSEU NACIONAL DOS COCHES: até 10 de Maio, a exposição «Apontamento sobre D. Cristina de Bragança» integrada nas comemorações do 350º aniversário do nascimento da princesa portuguesa que foi rainha do Reino Unido.

MUSEU MUNICIPAL DE LOURES: a exposição «Almeida Garrett».

BIBLIOTECA NACIONAL (Campo Grande): até 6 de Maio, a Galeria R 75, em colaboração com a Biblioteca Nacional apresenta uma exposição das mais recentes aguarelas de Paulo Ossião.

GALERIA MUNICIPAL DA AMADORA: até 8 de Maio, das 15 às 23, a exposição «Na Fotografia, a Diferença» com trabalhos de Alberto Picco, Américo Silva, Clara Azevedo, Eduardo Nery, Ernesto de Sousa, Fernando Curado Matos, Filipe Jorge, Helena Almeida, Irene Buarque, Monteiro Gil e Sérgio Eloy.

PÁTEO ALFACINHA: até 22 de Maio, pintura de Raul Rodrigues (com a participação do pintor Raul Taveira) patente todos os dias das 15 às 22 horas.

CAFÉ SÁRÁVÁ (Miraflores-Algés): até 26 de Maio, das 8 às 24 horas, uma exposição de Cerâmica com trabalhos de Elsa Gonçalves, Martim Santa Rita, Paulo Guilherme e Victória Farias.

PARQUE EDUARDO VII (Estufa Fria): até 15 de Maio, o XVI Salão de Velharias e Objectos de Colecção, patente ao público das 17 às 24 horas.

PAVILHÃO DOS CORUCHEUS (R. Alberto de Oliveira-Alvalade): a exposição de Alberto Calderon Dinis «Tipos de Lisboa do Meu tempo».

CENTRO DE ESTUDOS JUDICIÁRIOS (Largo do Limoeiro): até 27 de Maio, a exposição de Desenho e Pintura «Lupus», de Vítor Π, patente de segunda a sexta das 10 às 19,30.

CERVEJARIA TRINDADE: até 30 de Maio, das 16 às 24 horas, a exposição de José Manuel Soares com motivos de «Monsanto, a aldeia mais portuguesa», no seu cinquentenário.

INSTITUTO FRANCO-PORTUGUÊS: Pintura de Fernando Pinheiro.

COVILHÃ (R. José Ramalho, 107-s/cave): para inauguração da sua galeria, o Centro Cultural da Beira Interior apresenta até 20 de Maio uma exposição de Escultura e Desenho de Carlos Barreira, Carlos Marques, João Antero e Zulmiro de Carvalho.

BRAGANÇA (Museu do Abade de Baçal): até 14 de Maio, Litografias e Gravuras de Marçal.

GALERIA 12 A (Costa do Castelo, 12-A): até 27 de Maio, a exposição de Fotografia de João Avelino Marques.

GALERIA ESCADA (R. da Bela Vista à Graca, 81-A): até 7 de Maio, Pintura de César Veloso e escultura de Paula Pinheiro. De segunda a sexta das 14 às 20, sábados das 10 às 14.

GALERIA ANA ISABEL (R. da Emenda, 111-1º): até 20 de Maio, Pintura de René Bertholo, de segunda a sábado das 14 às 19.

GALERIA S. FRANCISCO (R. Ivens, 40): até 7 de Maio, Pintura de Margarida Cepêda, de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19, sábados das 10 às 13.

GALERIA DE COLARES: até 15 de Maio, às sextas, sábados e domingos e feriados das 14,30 às 19,30, uma exposição de desenhos da autoria de Xana.

GULBENKIAN (exposições temporárias): até 22 de Maio, uma exposição de 35 desenhos do pintor Joaquim Bravo. Na «Zona de Congressos», Fotografia de Pereira de Sousa com o título «Longe da Terra, Cá pela Serra»

MÓDULO (Av. da Boavista, 854-Porto): até 12 de Maio, Pintura de Pedro Saraiva, de segunda a sábado das 16 às 20.

GALERIA S. MAMEDE (R. da escola Politécnica, 167): até 9 de Maio, óleos de Manuel Amado, das 10,30 às 13 e das 15 às 19,30 (encerra ao domingo e reabre segunda-feira às 15).

GALERIA ALTAMIRA (R. Filipe Folque, 48-A): até 18 de Maio, pintura recentes de António Viana, de segunda a sábado das 10 às 19.

GRAVURA-Cooperativa de Gravadores Portugueses (Tv. do Sequeiro, 4): gravuras de Mariana Quito, que também lança um album com 20 gravuras originais executadas durante a sua permanência no Brasil.
às 20.

ATELIER 2 (R. da Emenda, 66-3º): até 12 de Maio, de segunda a sexta das 14 às 20, pintura e desenho de Manuel Vieira.

IMPREVISTO (Tv. da Laranjeira, 35): até 15 de Maio, aguarelas de Ana Mor, de terça a domingo das 19 às 24.

GALERIA SANTA JUSTA (R. de santa Justa, 93-2º): até 11 de Maio, a exposição «Espaço-Forma» de Teresa Vasconcelos, de segunda a sábado das 15 às 20.

GALERIA RESTAURAÇÃO (Av. Guerra Junqueiro, 18-C): até 18 de Maio, de segunda a sexta das 9 às 13 e das 15 às 19, sábados das 9 às 13, Pintura de Francisco Gaia.

GALERIA ATELIER E. C. (Várzea de Colares): até 15 de Maio, exposição dedicada aos Descobrimentos, Pintura e Escultura em metal de Carlos Alberto Santos e Carlos Maia. Patente às quartas das 16 às 19, sextas, sábados, domingos e feriados das das 11,30 às 21.

ALMANCIL (Centro Cultural S. Lourenço): até 20 de Maio, a exposição de Pintura «Cinco Mulheres do Alentejo» com trabalhos de Coca david, Catherine Henke, Margarida Lagarto, Helena Lousinha e Geraldine Zwanikken.

INTERNI (R. Rodrigo da Fonseca, 51): até 31 de Maio, das 15 às 20, exposição de de Rogério de Freitas «Pinturas 87».

HOTEL ALBATROZ (Cascais): até 15 de Maio, uma exposição de Pintura de Pinheiro de Santa Maria.

GALERIA S. MAMEDE (R. Escola Politécnica, 167): exposição de óleos de Sérgio Telles.

COOPERATIVA ÁRVORE (R. Azevedo de Albuquerque, 1-Porto): até 11 de Maio, patentes duas exposições: a de fotografia, «Temas» de Eduardo Perez Sanchez e os trabalhos realizados no atelier de João Nunes e Né Santelmo, de design, fotografia, comunicação, designada «Nitidez».

BOCA DE CENA (R. Duque de Palmela, 6-A): até 20 de Maio, de segunda a sábado das 16 às 18,30, desenhos de António Castro.

GALERIA CAPITEL (Leiria): até 9 de Maio, todos os dias das 10 às 13 e das 15 às 19, Pintura de Maria Fernanda Amado.

GALERIA TRIANGULO 48 (Av. D. Vasco da Gama, 48-A): até 24 de Maio, Pintura de Maria Beatriz, de terça a sábado das 14 às 20.

PALÁCIO FOZ: exposição dos fotógrafos mexicanos Juan Rulfo e Victor Flores Olea

GALERIA CÓMICOS (R. Tenente Raul Cascais, 1-B): até 4 de Junho a exposição «A Sombra na Água», pintura de Pedro Cabrita Reis.

ESPAÇO 43 (R. Elias Garcia, 43-Parede): até 15 de Maio, de terça a sexta das 17,30 às 19,30 e sábados e domingos das 15 às 19,30, Cerâmica de Myriam Fialho.

GALERIA ALMADARTE (Shopping Center Marimar-Costa de Caparica): até 14 de Maio, às sextas, sábados e domingos das 15 às 22 horas, Pintura de Maria Viana. Patente, ainda, a exposição permanente da Almadarte.

MOSTEIRO DE ALCOBAÇA (ala sul): a exposição «Tapeçarias de Irene Sá Natividade».

GALERIA NASONI (R. Galeria de Paris-Porto): a exposição «Obras-Primas - 1» com a participação de trabalhos de Almada, Alvarez, Amadeo de Souza-Cardoso, Armando Basto, Arpad Szenes, D´Assumpção, Dórdio Gomes, Rduardo Vianna, Francis Smith, Joaquim Rodrigo, Júlio Resende, Mário Eloy, Mily Possoz, Sara Afonso e Vieira da Silva. Na Sala Atlântica, Pintura e Escultura de Sebastião Resende.

LABIRINTO (R. Nª Senhora de Fátima, 334-Porto): para inauguração deste espaço, a exposição de Escultura/Desenho com obras de Carlos Barreira, Carlos Marques, João Antero e Zulmiro de Carvalho, intitulada «Quatro Variações.

ARCADAS DO PARQUE DO ESTORIL: a Junta de Turismo da Costa do Estoril apresenta até 17 de Maio a exposição de Mayela Leiva, «A cerâmica como meio escultórico».

GALERIA MONUMENTAL (Campo Mártires da Pátria, 101): até 15 de Maio, de terça a domingo das 15 às 20, Pintura de João Queiroz.

SNBA (R. Barata Salgueiro, 36): até 15 de Maio, uma exposição de tapeçaria apresentada pelo «Grupo 3.4.5. - Associação de Tapeçaria Contemporânea Portuguesa». Patente de terça a domingo, das 14 às 20.

ESPECTACULAR

ESPECTACULAR

MARIA JOSÉ BAIÃO, na **Manhã Livre** da **Antena 1,** não grita, não proclama, não se põe em bicos dos pés, não interrompe por tudo e por nada os entrevistados, não entrecorta os discos com apartes mais ou menos disparatados. O recurso à participação musical não se pratica de forma sectária, com exploração exaustiva desta ou daquela maneira: o espectro é largo para satisfazer o mais vasto leque de audiência. Recolho-me por vezes à **Manhã Livre** como quem procura um beiral em dia de tempestade. A agressividade na Rádio, em geral, está a atingir nível perigoso — e ela aumenta na razão directa da imaturidade. Considerado o carácter envolvente deste meio de comunicação, finíssima teia a que nos entregamos as mais das vezes sem resistência; suponha-se daó o desequilíbrio emocional que essa agressividade comporta. Mesmo nas entrevistas, o ambiente, é de um conversa sem arrebatamentos como se o microfone estivesse não no estúdio, mas no quarto ou na salinha onde nos encontramos. E não se suponha que **Manhã Livre** se furta à reflexão grave. Foi, na realidade, muito útil a entrevista com Emílio Salgueiro, psiquiatra infantil. O problema das crianças irrequietas («uma criança irrequieta é uma criança inquieta...») foi levantado de modo a não fazer somente reflectir, mas a ensinar a resolver. «É preciso — foi dito — criar uma ambiente que absorva a irrequietude da criança...» Certo. Infelizmente, as nossas escolas, em regra, sofrem do complexo de penitenciária. E a «reclusão» é má conselheira... Pensar a criança é a maneira mais grave de pensar a vida. E a mais urgente.

José Mirandum

MÉDICO DE URGÊNCIA

CLÍNICA S. JOÃO DE DEUS

☎ 76 61 71
76 61 78
76 61 79

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE (Sábado) — AREEIRO - APEADEIRO: Nova Lisboa, R. Guilhermina Suggia, 12 (T. 887721); **SAPADORES: Zema**, R. General Justiniano Padrel, 21-A (T. 832580); **CAMPO DE OURIQUE: Lobel**, R. de Infantaria 16, 98-B (T. 688807); **ESTEFÂNIA: Mundial**, L. D. Estefânia, 10 (T. 545578); **LUMIAR: São Tomé**, E. do Desvio, lote 12-C (T. 790704); **JOÃO XXI: Onilda**, Av. João XXI, 13-A (T. 886848); **MARTIM MONIZ: Ferrão**, R. da Mouraria, 12-16 (T. 860464); **MERCADO DO CHILE: Alcalis**, R. Carvalho Araújo, 46-B (T. 841708); **OLIVAIS NORTE: Central dos Olivais**, R. Alferes Barrilaro Ruas, 7-C (T. 315539); **PALHAVÃ: Aguiar**, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (T. 720934); **PARQUE EDUARDO VII: Gomes**, R. Rodrigo da Fonseca, 101-A (T. 682333); **SANTO AMARO: Correia Azevedo**, R. Luís de Camões, 42-B (T. 638625); **CARNAXIDE: H. Amaral**, Pt. António Boto, 11-A (T. 4104556); **COLINA DO SOL - BRANDOA - AMADORA: Vidal Reis**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 35 (T. 996540); **ODIVELAS: Nabais Vicente**, R. A, lote 19-A, loja E, Urbanização Codivel (T. 9816803); **PONTINHA: Pontinha**, E. de Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220).

PERMANENTE (Domingo) — ALAMEDA - FONTE LUMINOSA: Ibéria, R. Barão de Sabrosa, 235-235-A (T. 888277); **ALVALADE: Alvalade**, Av. da Igreja, 18-A (T. 892070); **ANJOS - LISBOA GINÁSIO CLUBE: São José**, R. dos Anjos, 41-A (T. 570730); **BAIXA: Internacional**, R. do Ouro, 228-230 (T. 322017); **BEATO: Grijó**, R. do Grilo, 25 (T. 385264); **BENFICA - CHARQUINHO: Macedo**, R. da República da Bolívia, 69-C (T. 713697); **CALVÁRIO - ALCÂNTARA: Calvário**, R. José Dias Coelho, 4 (T. 631635); **CHELAS - AVENIDA DR. AUGUSTO DE CASTRO - CARRIS: Sacramento**, R. Actriz Palmira Bastos, lote 42 (T. 850904); **ESTRELA - POSSIDÓNIO DA SILVA: Tagus**, R. Possidónio da Silva, 162-A (T. 669485); **LAPA - SANTOS: Eduardo A. César**, R. das Trinas, 102-A (T. 662631); **LUMIAR - QUINTA DAS MOURAS: Matos Viegas**, Av. Rainha D. Amélia, 34-B (T. 794174); **SALDANHA: Cruz Nunes**, P. Duque de Saldanha, 14-15 (T. 521845); **CARNAXIDE: H. Amaral**, Pt. António Boto, 11-A (T. 4104556); **ODIVELAS - QUINTA DO MENDES: Almeida**, Av. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, lote 110; **PONTINHA: Cruz Correia**, E. de Santo Elói, 41-A (T. 992453).

Outra Banda — ALMADA: Algarve, R. Fernão Lopes, 1 (T. 2750271). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Morgado**, R. Cabo da Boa Esperança, 25-A (T. 2767356). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Nova**, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Moderna**, R. Dr. António Elvas, 8-A (T. 2290305). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Moderna**, R. D. Henriqueta Gomes de Araújo, 12 (T. 2073443). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Nova Fátima**, E. Nacional, 244-A (T. 2040141). Até às 19 horas; **CORROIOS: Lino**, Vale de Milhaços. Até às 19 horas; **AMORA: Nobre Guerreiro**, R. Dr. Emídio G. Mendes, 314 (T. 2212923). Até às 22 horas; **ARRENTELA: Lusitana**, P. Cândido dos Reis, 10 (T. 2210007). Até às 22 horas; **MONTIJO: Diogo**, R. Almirante Reis, 50 (T. 2310032). Até às 22 horas; **MOITA: Parque**. Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 2340100). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Higiene**, R. Frei Agostinho da Cruz, 51 (T. 22408). Permanente; **Bonfim**, Av. Rodrigues Manito, 12 (T. 24558). Permanente; **Bairros**, R. Rodrigues F. Costa, 27 (T. 233308). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Almeida Nifo, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 64 (T. 2112070). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Moderna**, Av. 25 de Abril, 30-C (T. 4191235). Permanente; **CAXIAS: Nova**, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 2433839). Permanente; **OEIRAS: Oeiras**, L. Henrique de Paiva Couceiro (T. 2430485). Permanente; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **PAREDE: Aisir**, Av. Gago Coutinho, Bairro das Caixas de Previdência (T. 2472948). Permanente; **CASCAIS: Misericórdia**, R. Regimento 19, 41 (T. 280141). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Helénica, R. Elias Garcia, 372 (T. 4933613). Permanente; **DAMAIA: Lemos**, R. de Goa, 21-A (T. 971121). Até às 22 horas; **Girassol**, R. Elias Garcia, 17-C (T. 974161). Até às 22 horas; **QUELUZ: Queluz**, Av. Miguel Bombarda, 123-A (T. 965849). Permanente; **CAMARATE: Flores**, Av. das Forças Armadas, Vivenda Mor, Catujal (T. 2510850). Até às 19 horas; **CACÉM: Silva Duarte**, R. Elias Garcia, 167 (T. 9248120). Permanente; **MEM MARTINS: Cristina**, Av. Victorino Nemésio, 14-A (T. 9214820). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Cargaleiro Lourenço**, C. da Rinchoa, 38 (T. 9262006). Até às 22 horas; **SÃO PEDRO DE SINTRA: Valentim** (T. 9230456). Permanente.

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Banha, Av. de Moscavide, 22-A (T. 2518518); Permanente.

TEATROS

Teatro Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 538586

De 3.ª a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00

«CRIADA PARA TODO O SERVIÇO», de Barrilet e Grédy. Adaptação e encenação de Armando Cortez.

Ritz Clube

Rua da Glória, 57 — Tel. 32 51 40

De terça a domingo, às 21.30; domingos, às 17.00

«O BAILE«. Pelo Grupo «A Barraca». Guião e encenação: Hélder Costa. Intérpretes: Maria do Céu Guerra, Maria João Luís, Paula Sousa, Teresa Faria, António Cardoso, Luís Tomar, Victor Torres.

Teatro ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 22.45; sábados, domingos e feriados, às 16.00

«CHEIRA A LISBOA», de César de Oliveira, Henrique Santana e Gonçalve Preto. Música de Ferrer Trindade, Jorge Machado e Casal Ribeiro. Interpretação de Carlos Miguel, Natalina José e Joel Branco, entre outros.

Casa da Comédia

R. S. Francisco Borba, 22-24 — Tel. 60 72 99 / 67 74 81

De 3.ª a sábado, às 21.45; domingo, às 17.00

«NOITES DE ANTO», de Mário Cláudio. Música de João Paulo Soares. Um espectáculo de Filipe la Féria.

Teatro do Bairro Alto

R. Tenente Raul Cascais, 1-A — Tel. 66 15 15

De Terça a sábado, às 21.00; domingo, às 16.00

«AS TRÊS IRMÃS«, de Anton Tcheckov. Tradução de Augusto Sobral, Carol Loff e Rui Mendes. Encenação de Rui Mendes. Cenários e figurinos de Vera Castro. Música de Paul Brandão.

Sala Manuela Porto

De 3.ª a 6.ª, às 15.00 (para as escolas); sábado, às 16.00; domingo, às 21.30

«ACENDE A NOITE«, de Ray Bradbury. Encenação de José Caldas. Cenários de José António Cardoso. Interpretação de Teresa Mónica, Fernando Luís, João Cabral e o músico Manuel Lourenço. Espectáculo integrado no projecto «Para Acender a Noite».

Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37

Todos os dias, às 21.45; dom. às 16.

CALCINHAS AMARELAS, de José Vilhena, com Camilo de Oliveira, Adelaide João, Carlos Gonçalves, Paula Marcelo, Jorge Nery, Herlinda D'Almeida, Isabel Santos e Lena Pires.

Porto — Teatro dos Modestos

R. Gonçalo Cristóvão, 190 — Tel. 204 12

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

Preço: 400$00

«O PÁSSARO VERDE«, de Carlos Gozzi. Pelo grupo «Os Comediantes». Encenação de João Paulo Costa.

A Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00.

«O DESTINO MORREU DE REPENTE», de Alves Redol. Adaptação, dramaturgia e encenação: João Mota. Música: Carlos Mendes. Figurinos: Carlos Paulo. Coreografia: Cristina Graça. Ilusion.: José Vilhena. Intérpretes: Abel Neves, Almeno Gonçalves, Alfredo Brisso, Carlos Paulo, Cecília de Sousa, Cucha Carvalheiro e João Mota, etc.

TIL — Teatro Infantil

R. Leão de Oliveira, 1 — Tel. 63 99 74

Sextas e sábados, às 21.45

«O TIO SIMPLÍCIO«. Pelo TIL

Sábados e domingos, às 16.00

«O CHOUPO ANDARILHO«, de Ferreira Caetano. Encenação de Kim Cachopo. Interpretação de Carlos Macedo, Maria João Vieira, Henrique Macedo e Kim Cachopo.

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46

Às 5.ªs, às 15.00; aos sábados, às 16.00

«ZACA, ZACA«. Peça infantil.

Torre de Belem

Praça do Império — Tel. 61 70 20

De 3.ª a domingo, às 21.30

«SEGISMUNDO NA TORRE DE BELÉM (DE KINGO KONG A KING)«, sobre o texto de Calderón de la Barca «A Vida É Sonho». Encenação de Jorge Listopad. Figurinos de Vera Castro e Nuno Carinhas. Música de Carlos Zíngaro. Coreografia de António Miguens.

Alg s — 1.º Acto Clube de Teatro

R. Eduardo Pedroso, 16 — Tel. 211 50 33

Às 6.ªs e sábados, de Maio até 10 de Junho, às 21 30

«MEMÓRIAS DE GUERRA«, de Ruzante e **«O DESERTOR DA GUERRA«** e **«DIÁLOGOS DE FORAGIDOS«**, de Bertold Brecht.

Vasco Santana

Av. da República, na Feira Popular — Tel. 76 86 09

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.0(

«AS DUAS CARTAS», de Júlio Diniz. Pela Companhia Teatro Estúdio de Lisboa. Encenação de Luzia Maria Martins. Interpretação de Manuel Mendonça, Carlos Vieira, Helena Félix, Luísa Ortigoso Maria Dulce, António Machado, Vera Azevedo, Carlos Santos e José Brás.

Teatro Aberto

P. de Espanha — Tel. 77 09 69

De 4.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

«A RUA«, de Jim Cartwright. Pelo Novo Grupo. Versão de João Lourenço e Vera San Payo de Lemos. Encenação de João Lourenço. Cenografia de José Carlos Barros. Figurinos de Maria Gonzaga. Música de Eduardo Paes Mamede e Simon Wads.

Torre de Belem

Praça do Império — Tel. 61 70 20

De 3.ª a domingo, às 21.30

«SEGISMUNDO NA TORRE DE BELÉM (DE KING KONG A KING)«, sobre o texto de Calderón de la Barca, «A Vida É Sonho». Encenação de Jorge Listopad. Figurinos de Vera Castro e Nuno Carinhas. Música de Carlos Zíngaro. Coreografia de António Miguens.

Setúbal — Coro Alto do Conv. de Jesus

6.ª e sábado, às 21.30

«O MARINHEIRO«, drama estático em um quadro, de Fernando Pessoa. Pelo TAS — Teatro de Animação de Setúbal. Encenação de Carlos Curto. Cenários de Eurico Coelho.

Casa dos Tabuenses

R. dos Poiais de S. Bento, 75-B, telef. 601866. De 3.ª a sáb. às 21,30; dom. às 16.

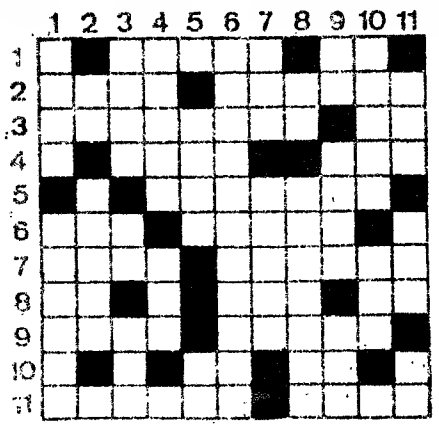
LISBOA MONUMENTAL, de Fialho de Almeida, pelo grupo de teatro Maizum. Enc. de Silvina Pereira, dramaturgia de Manuel

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 17 333

HORIZONTAIS:

1 Artigo definido. Justiça. Concede.
2 Deus supremo da religião fenícia. Falseada.
3 Acariciarão. Prefixo de negação.
4 Espécie de feijão de Moçambique. Calote.
5 Axilas.
6 Cabelos brancos. O mesmo que porcos (prov.).
7 Rio dos Estados Unidos. Diz-se do cavalo cujo pelame é branco, vermelho e preto.
8 Abreviatura de Santíssimo. Sua Senhoria. Carta de jogar.
9 Dança indígena de Cabo Verde. Gorgulhos tropicais.
10 Caminhar. Quinhentos e um em romano.
11 Abane. Catafalco.



VERTICAIS:

1 Nome do Nilo Azul na sua origem. Lombo.
2 Antes do meio dia. Rei de Israel.
3 Vínculo (fig.). Nota musical. Trezentos em romano.
4 Espíritos. Ovários dos peixes.
5 Grande afeição. Idem.
6 Cruzara.
7 Agora. Sorte.
8 Preposição e artigo. Medroso.
9 Quinhentos e um em romano. Costurei. Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia.
10 Transferes para outro dia. Em as.
11 Patrão. Pronome pessoal. Bário (s.q.).

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **17 332**

HORIZONTAIS:

1 QUEM. CANTA.
2 Urraca. Arca.
3 Anal. Se.
4 Dar. It. Abaí.
5 Aeróstato.
6 Om. Sir. Ali.
7 Serpa. Achar.
8 Liara. Ao.
9 Sorna. Ársis.
10 At. Aoro.
11 Mareasses.

VERTICAIS:

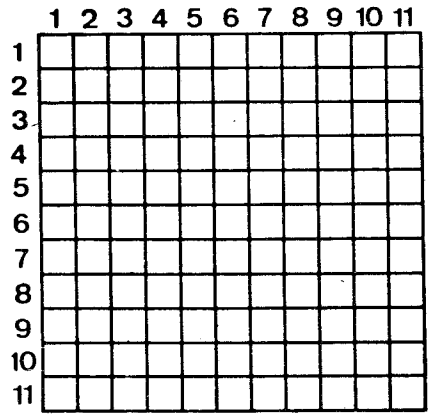
1 Quadros. SEU.
2 Urna. Melo.
3 Erara. Riram.
4 MAL. ESPANTA.
6 Castor. Ge.
8 Na. Atacaras.
9 Trabalhosos.
10 AC. Atiá. Irê.
11 Avio. Risos.

PROVÉRBIO: Quem canta, seu mal espanta.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 16 154

HORIZONTAIS:

1 Antes de Cristo. Derrotávamos.
2 Marcar o peso da tara em. Inunda.
3 Pequena barra de oiro que serve de moeda entre os japoneses. Pertences. Prefixo de negação.
4 Atmosfera. Juntava.
5 Montão. Prendes.
6 Atirai.
7 Tremeremos de frio.
8 Escuros. Centiare.
9 Executarás. Voltas.
10 Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia. O mesmo que até. Tempo do verbo ir.
11 Pessoa muito parecida com outra. Amolgadura.



VERTICAIS:

1 Levar à toa. Canapés.
2 Freguesia do concelho de Castro Daire. Divisão territorial da Gália.
3 Rádio (s.q.). Assassinaras.
4 Bário (s.q.). Galinha de raça pequena (bras.).
5 Medida de superfície. Côdea.
6 Remediais.
7 Seguia. Item.
8 Renque de árvores. Desperto.
9 Ruim. Prendem. Chefe etíope.
10 Figura formada por dois arcos que se cortam superiormente. Escavais.
11 Carumas. O mesmo que peneira.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **16 153**

HORIZONTAIS:

1 Bar. Eiras.
2 Moesses.
3 Rs. Áster. Ga.
4 Rum. Panar.
5 Am. Li. Uva.
6 Orar. Orça.
7 Ega. Sio.
8 EC. Ara. Br.
9 Cós. Me. Ara.
10 Amarrotaram.
11 Soleiras. Sá.

VERTICAIS:

1 Erra. Pecas.
2 Sumo. Como.
3 Am. Re. Sal.
4 Roa. Laga. Ré.
5 Aspirar. Ri.
6 Esta. Amor.
7 Isentos. Eta.
8 Rera. Ris. Ás.
9 Ás. Ruço. Ar.
10 VA. Bras.
11 Papa. Aramá.

Rádio

Antena Um

16.00: Vivósábado; **19.00**: Actual; **20.00**: Sábado suave e música portuguesa; **23.30**: Tempo de teatro.

Desdobramento em Onda Média-Emissores do Litoral Continental

20.00: No estúdio e no estádio. Noticiários de hora a hora.

Rede Nacional-FM2 Estéreo

16.35: Álbum musical; **17.00**: Uma hora, com Robert Schumann; **18.00**: Momento de sonata; **18.40**: Música de câmara; **19.30**: Música sinfónica; **20.40**: Obras, para guitarra; **21.00**: Ângulos e reflexos; **22.00**: Música e músicos portugueses; **22.30**: Concerto, para violoncelo e orquestra; **23.00**: Intercâmbio musical; **00.15**: Música barroca, para flauta de bisel; **00.50**: Concerto nocturno; **02.00**: Disco compacto. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL Onda Média (283, 290 e 397m)

15.00: Fim-de-semana; **19.00**: Quando o telefone toca; **20.00**: Genérico; **21.00**: Fim-de-semana; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: Música portuguesa; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

16.00: Lança-chamas; **18.00**: Top do TNT; **19.00**: Música da América; **20.00**: Luso-clube; **22.00**: Regresso ao futuro; **00.00**: Um toque de classe; **02.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

14.00: Frente desportiva; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: A hora dos clássicos; **20.00**: Sombra/sol; **20.30**: Conversa de amigos; **21.00**: Vozes na música; **22.00**: Encontros; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Suplemento especial da BBC; **23.55**: Meditando.

RFM-Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo

14.00: Fábrica de música; **18.00**: Obla-di-obla-da; **19.00**: Colar de pérolas; **21.00**: Rios negros; **22.00**: Os amigos de Alex; **23.58**: A vida também se diz.

Voz do Alentejo

15.00: Largo da Sé; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Especial.

Voz do Alto Tâmega

14.00: Frente desportiva; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Sintonia vesperal.

Voz de Lisboa

15.00: Clube fim-de-semana; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Meia de jazz; **19.00**: Bric-à-brac; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Certo, nas horas incertas.

Voz do Minho

15.00: Tarde desportiva; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Pedras vivas.

TELEVISÃO

RTP1

15.30 - Petzi
10º Episódio

15.45 - Sessão da Tarde
«As Crianças de An Lac»: Trata-se de mais uma história da guerra do Vietname. O orfanato de An Lac acolheu centenas de crianças. À sua frente, Madame Ngai desenvolveu um intenso trabalho de educação, no que foi ajudada por duas mulheres americanas: Betty Tisdale, que garantiu fundos para An Lac e Ina Balin, uma actriz que trabalhou como voluntária no orfanato. Com o fim da guerra e a iminência da invasão de Saigão pelo Viet Cong, as três mulheres têm uma gigantesca tarefa suplementar: proceder à evacuação dos orfãos.

Realização de John Llewellyn Moxey

17.20 - Capitão Pawer
7º Episódio

18.10 - Vivamúsica
19.10 - Sete Folhas
19.45 - Totoloto
20.00 - Jornal de Sábado
21.10 - O Tempo
21.20 - Sim Senhor Primeiro Ministro
3º Episódio:

21.55 - Clubíssimo
Henrique Viana, António Feio, Helena Isabel, Fernando Ferrão e José Pedro Gomes são os principais animadores deste novo clube .

22.55 - Cinema da Meia Noite
«Morangos Amargos»: Simon estuda numa Universidade americana. Um dia, ai regressar ao seu quarto, encontra o seu companheiro, Charlie, na cama com Linda. Ela está envolvida na ocupação do edifício da administração da Universidade. Mais tarde, Simon deambula pelo edifício, mas é afastado pela polícia por querer tirar fotografias. Impulsivamente, decide aderir à greve. Encontra Linda e ambos são encarregados de ir buscar comida para os grevistas.

Interpretação: Bruce Davison, Kim Darby, Bud Cort, Murray MacLeod, Tom Foral.

RTP2

16.00 - Troféu
A primeira hora desta edição de «Troféu» irá ser apresentada com uma transmissão directa da Quinta da Gandarinha, em Cascais, onde se realiza um Concurso Hípico. Segue-se, entre as 17 e as 18, natação com a transmissão também em directo da piscina dos Olivais do Troféu TAP. A meia hora que se segue será preenchida com golfe. Finalmente entre as 19 e as 20, será transmitido o jogo de voleibol entre Portugal e a URSS.

Amanhã no 1º canal às 09.01, «Juventude e Família»

20.00 - Music Box Especial
Com Madona

20.55 - Uma Boa Ideia
21.20 - Os Caminhos do Exílio
1º Episódio: Montworency. Noite de 8 para 9 de Junho de 1762. Rousseau, então com 50 anos, é bruscamente acordado. O Maréchal de Luxembourg ordena-lhe que se apresente o mais depressa possível junto da sua mulher.

«Emile», o seu último livro, acaba de ser condenado pelo Parlamento de Paris e vai ser queimado. O próprio Rousseau está sob ordem de prisão e tem de sair de França imediatamente. Começa o longo exílio.

Realização de Claude Goretta

22.20 - Concordo ou Talvez Não
«A Guerra Colonial»

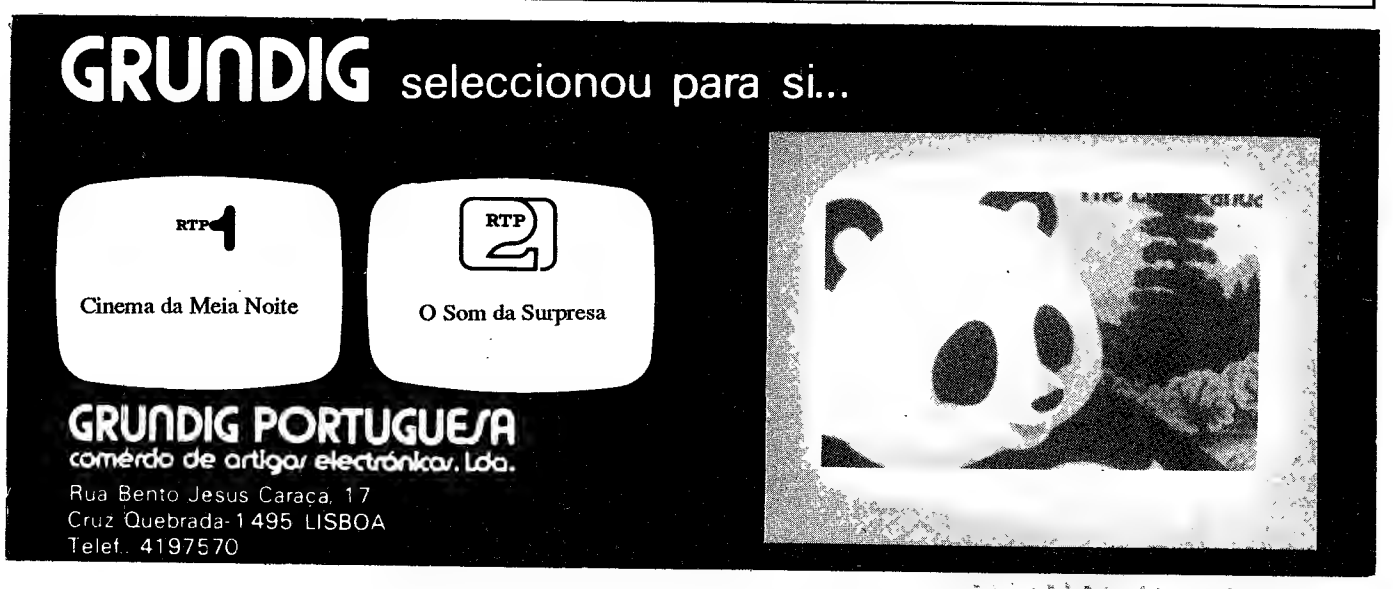
23.50 - O Som da Surpresa
Entrevista com António Valente, vereador da Cultura e do Turismo da Câmara Municipal de Évora, a propósito da realização dos «Encontros de Jazz de Évora-88». Será também transmitada a última parte do concerto do «Quarteto de Jan Garbarek, integrado no «Jazz em Agosto», realizado na Fundação Gulbenkian em 1987, com a participação de Jan Garbarek, Lars Jansson, Eberhard Weber e Nana Vasconcelos.

No 1º canal às 21.20, o 1º episódio da série «Os Caminhos do Exílio»

AMANHÃ

RTP-1
09.01 - Juventude e Família
11.00 - Eucaristia
12.05 - 70X7
12.30 - TV Rural
13.00 - Notícias
13.10 - PME - Uma Aposta no Futuro
13.35 - Casa de Irene
13.55 - O Mundo da Natureza
14.50 - Primeira Matiné
«O Capitão de Kopenick»
16.05 - Clube Amigos Disney
18.05 - Dia da Guarda
19.05 - Procissão do Senhor Santo Cristo
20.00 - Jornal de Domingo
20.30 - O Tempo
20.40 - Humor de Perdição
21.55 - Pavilhões Distantes
23.00 - Domingo Desportivo

RTP-2
09.01 - Music Box
10.00 - Troféu
12.30 - O Meu Carro Tem Cem Anos
13.00 - Music Box
14.00- Caminhos
14.30 - Novos Horizontes
15.00- Troféu
17.00 - O Mundo de Smithsonian
17.55- 5ª Dimensão
18.45 - Dink Gog
19.05 - Piano Bar
20.05 - Quem Sai aos Seus...
20.35 - Artes e Letras
21.15 - CineClube
«O Testamento do Médico e do Monstro»



PORTE PAGO

DL

Fundador Joaquim Manso

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SA
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54/ 5 — 32 02 71/ 2/ 3 — Publicidade: 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro 32 11 54 Redacção: 32 02 71/ 2/ 3
Endereço Telegráfico: DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS, Rua do Norte, 115-1.º — 1200 LISBOA
TELEFONES 32 21 00 — 32 22 04 — 32 07 84
Preço do «DL» nos Açores e Madeira: 65$00
DEPOSITO LEGAL: 1426/82

Director A. Ruella Ramos

Director adjunto Fernando Piteira Santos

ÚLTIMA HORA

Pelo menos 20 pessoas foram mortas em consequência dos combates violentos travados hoje por facções rivais xiitas pelo controlo dos subúrbios a sul de Beirute. Um cessar fogo conseguido ontem, entre a milícia Amal e o movimento extremista Hezbollah foi violado ao amanhecer, quando a milícia avançou para recuperar posições perdidas no distrito de Hay Madi. Granadas de morteiro e fogo de artilharia fustigaram a zona.

Rede de contrabando de Aveiro

Detidos mais três elementos da GF

Três soldados da Guarda Fiscal pertencentes à tripulação de uma das lanchas de fiscalização da corporação foram detidos quinta-feira em Aveiro, revelou a Polícia Judiciária.

Os três soldados da Guarda Fiscal tinham como missão fiscalizar as entradas e saídas do porto e ria de Aveiro e, segundo a PJ, foram detidos em consequência da operação anticontrabando, denominada «Águas Turvas». A prisão de novos elementos da GF era esperada há alguns dias, admitindo-se que novas detenções venham ainda a ocorrer no seio daquele corpo militar.

Os soldados foram presentes ao juiz de Instrução Criminal de Aveiro, que confirmou as suas prisões. Estas prisões, a que acrescem as de três civis, ligados a actividades industriais na zona do Porto, detidos no princípio da semana, vêm confirmar mais uma vez que a rede de contrabando de Aveiro ainda não está totalmente desmantelada, ganhando cada vez mais relevo a ideia de que os seus principais «cérebros» e «protectores» continuam em liberdade.

Eleva-se a mais de duas dezenas (Polícia Marítima, Guarda Fiscal, e civis) o número de presumíveis implicados na rede.

Um viciado em heroína gasta 1 a 5 contos por dia

Um viciado em heroína gasta por dia 1 a 5 contos, forma de toxicodependência esta que tem crescido em Portugal nos últimos tempos — disse um responsável pelo Centro de Atendimento das Taipas, em Lisboa.

Luís Patrício, da Comissão Instaladora daquele Centro, indicou que a estrutura, desde a sua criação em Junho do ano passado, já realizou 14 mil consultas, tendo presentemente inscritos 2800 toxicodependentes.

Patrício informou que foi aberto recentemente um centro de atendimento em Faro, «região que — frisou — tem casos bastantes violentos» de penetração da dependência à droga, em particular heroína.

Acentuou que o consumo de droga em geral «tem aumentado em Portugal», o que levou o Estado a «aumentar a capacidade de resposta» ao seu combate e prevenção.

Adiantou que, além dos centros de Lisboa e o de Faro — este situado na Praça José Afonso, 12, junto ao hospital novo —, existem centros idênticos ou semelhantes no Porto e Coimbra.

Disse ainda que na região algarvia os principais locais de incidência do consumo de droga são os eixos Lagos/Portimão, Albufeira/Quarteira e Faro/Olhão.

Câmara de Mafra processada por ilegalidades

A Secretaria de Estado da Administração Local e do Ordenamento do Território confirmou ao "DL" a detecção de alvarás de loteamento urbano irregularmente aprovados pela Câmara Municipal de Mafra. Na reportagem que ontem publicámos sobre aquele concelho faziamos referência à possibilidade, então não confirmada, desta autarquia se encontrar entre aquelas onde a Direcção Geral do Ordenamento do Território localizou ultimamente a existência de ilegalidades na concessão de loteamentos.

Neste momento estamos também em condições de confirmar que a Inspecção Geral da Administração do Território enviou nos últimos meses alguns processos para tribunal referentes a outras ilegalisdades cometidas pela Câmara de Mafra na área da construção civil.

DE CARAS

KRUS ABECASIS vai empossar, na terça–feira, dia 10, a primeira direcção da régie cooperativa «Sinfonia», constituída no passado dia 20 de Abril com participações do Estado, Câmaras dde Lisboa, Porto e Braga, CGD, RDP e RTP. Destina–se a desenvolver todas as actividades que se prendam com a produção, promoção e divulgação da música em Portugal.

FERNANDO PEREIRA vai actuar, em Junho, no Canadá. Trata–se de uma mais uma digressão por países onde se regista a presença de uma forte colónia portuguesa, O imitador Fernando pereira actuará em Toronto, onde já o ano passado obteve assinalável êxito.

CARLOS DO CARMO encontra–se no Brasil, tendo ontem sido entrevistado pelo «Jornal da Tarde», de São Paulo. «O fado é um desses géneros musicais que atingiu profundamente a todos, do mais modesto àquele que triunfou, e tem uma característica de tal sorte que resistiu ao avanço tecnológico e da industria da música», afirma o fadista na entrevista, na qual acrescenta que procura restituir ao fado as suas caracter´siticas do princípio do século.

MADONA estreou–se na Broadway e desencadeou uma verdadeira guerra entre dois dos principais críticos de teatro de Nova Iorque. Apenas Frank Rich, do «New York Times», enalteceu o desempenho da artista pop na sua estreia na Broadway, considerando cómico e inteligente. Mas esta posição provocou uma reacção do crítico do «Daily News», que afirmou que Rich, depois de uma tal crítica, deveria pedir desculpa a todos os artistas de quem, até hoje, disse mal.

ARONS DE CARVALHO defendeu a existência de Televisão priva em Portugal. Aquele membro do secretariado nacional do PS, falando em Setúbal, disse que o seu partido só não propôs até hoje a legalização da TV privada «porque o actual quadro constitucional é limitativo».

OTELO deverá receber, até ao início das férias judiciais, antes do Verão, portanto, a Resposta do Supremo Tribunal de Justiça ao recurso apresentado pelo seu advogado tendo em vista a sua possível libertação. Ao que se afirma, e ao contrário de notícias anteriormente tornadas públicas, Otelo também não se oporia a uma eventual amnistia.

Recuperação de imóveis degradados deixará de fora 45% dos casos

Mais de uma dezena de bairros degradados e 16 000 barracas nas quais vivem cerca de 50 000 pessoas ensombram o amor colectivo dos alfacinhas pela sua cidade. Se tivermos em conta que estes números não abrangem os prédios antigos que existem em Lisboa e que escapam à definição «imóvel degradado» (porque têm estruturas de alvenaria e sistemas de esgotos, de água e de iluminação) mas poderão ser contemplados pelo regime especial de comparticipação à recuperação de imóveis arrendados (Recria), basta fazer os cálculos por alto para sabermos que as coisas não vão bem deste lado do estuário.

E no entanto, segundo Eugénio Ramos, da Associação de Inquilinos Lisbonenses e embro da comissão promotora de um encontro sobre imóveis degradados de Lisboa, que dia 21 se realiza na zona de Benfica, cerca de 45 por cento das construções consideradas como em estado de degradação não serão abrangidas pelo plano de intervenção a médio prazo sobre imóveis. Na sua opinião, «é necessário criar um movimento de opinião pública para exercer pressão junto de órgãos de soberania, juntas de freguesia e câmaras» e alertar para a situação que ainda existe em Lisboa.

O encontro, no qual participam o arquitecto Silva Dias, os sociólogos Ana Cardoso e Manuel Pimenta, o engenheiro civil António Fonseca Ferreira e o advogado Vítor Costa, visa precisamente chamar a atenção para este problema. Será então debatido «o planeamento urbanístico dos bairros degradados», a «situação social e urbana dos bairros degradados», a «política de habitação» e o «plano de intervenção a médio prazo para construção de habitação social em Lisboa».

VINTE MAIOS DEPOIS

Lourdes Feria

Comecemos por evocar o que foi o dia de hoje, 6 de Maio, há vinte anos atrás. Dia em que ***Alain Peyrefitte,*** *ministro francês da educação, cobrindo-se de ridículo, disse que se a polícia intervinha era para proteger* ***«a grande massa dos estudantes contra um punhado de agitadores».*** *Devia ter uma noção distorcida dos números porque, nessa tarde, a manifestação que percorria o boulevard de Saint Germain, reunia mais de vinte mil agitadores. Uma onda revolucionária sacudia o mundo, culminando com o Maio de 68 que, curiosamente, explodiu numa das fases mais estáveis, a nível económico, da vida de França. Não se configurava nenhuma crise nítida, o desemprego estava estacionário e a moeda mais ou menos sã. Talvez, por isso, a única reivindicação possível fosse a do* ***impossível.*** *De 20 a 28, o movimento tinha mobilizado todas as suas forças, no plano quantitativo esgotara-se. Mas o salto para o desconhecido metia medo — e depois?*

Vociferante, **George Marchais,** eterno secretário-geral do PCF, na ocasião somente membro do secretariado político, propunha o desmascaramento dos **«falsos revolucionários, ao serviço dos interesses do poder e dos monopólios».** Mais uma vez a caduca retórica estalinista denotava uma enorme falta de imaginação. Daí que os estudantes reclamassem, ainda bem humorados, **«a imaginação ao poder».** Também **Robert Escarpit,** nas páginas do conservador «Le Monde» mandava os seus palpites: **«quando, dentro de 20 anos, Cohn-Bendit e os seus amigos forem ministros, decanos ou reitores, desejaria que enfrentassem a revolta estudantil com tanta moderação como a que se verifica hoje, frente a eles, em Namterre».** No que toca a Dany, «le rouge», as profecias do respeitável articulista não se cumpriram. Não é ministro, nem decano, nem reitor. É simplesmente um velho herói da causa esquerdista, um tanto nostálgico do seu passado **«Não sabemos como estruturar o que vivemos sem cair na merda da nostalgia...»,** afirmou algures. O que faz? Escreve artigos para os jornais, milita no movimento dos «Verdes» alemães e publicou, recentemente, um livro intitulado «Qu´etait belle la revolution».

Em Maio de 68, com 23 anos, cabelos cor de fogo, olhar de uma candura azul, estudava sociologia na universidade de **Nanterre,** onde tudo principiou na última semana de Março. Os estudantes recusavam o papel de **cães de guarda»** da classe dominante que a hierarquia social lhes reservava. «Que a maioria da imprensa tente desacreditá-los já é banal. Que o ministro da educação retome os argumentos de Springer está na lógica do sistema...» (Action — 7 de Maio, n.º 1).

Este tom não era exclusivamente francês, em muitos outros países os estudantes se erguiam contra a ordem estabelecida. Penso no sangue vertido na praça das Três Culturas, no México, nos **provos** de Amesterdão, nas revoltas estudantis que eclodiram na RFA, em Roma e Madrid e até no território português, todas elas anteriores a Maio de 68. Para já não citar, em pormenor, as de **Berkeley,** datadas de 64, onde os estudantes se insurgiram contra a não aplicação do que se sabe ao que se vive. Com efeito, os estudantes semearam a subversão um pouco por todo o lado, assumindo um discurso consoante a realidade do país a que pertenciam. O de Maio francês resume-se nesta frase lapidar: **«les murs ont la parole».** O que significa não reconhecer a ninguém o direito de falar em nome das massas, a vanguarda queria-se difusa e desprovida de pretensões autoritárias. Noutro contexto, pode-se ainda incluir, a chamada «Primavera de Praga» que provocou a infeliz intervenção dos tanques soviéticos.

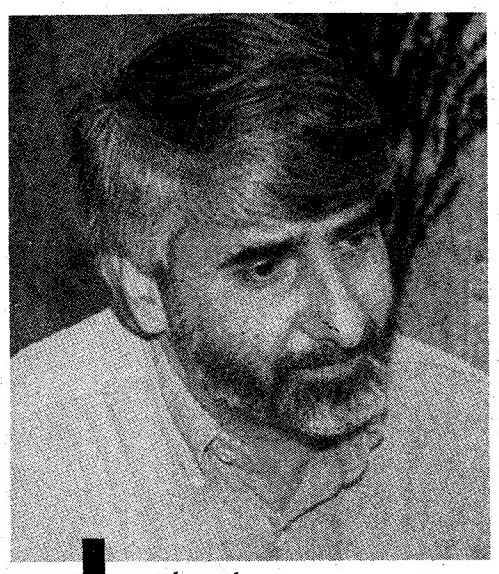
Ocupação da Casa de Portugal

Em Paris, desde 1966, **Fernando Marques,** estudante de sociologia na **Sorbonne,** vivia, com deslumbramento, as garantias da liberdade. Da lista de trabalhos práticos que o curso impunha, constavam os textos de Karl Marx e Max Webber, autores cuja leitura era obrigatória. Imbuído de ideais nobres, esquivara-se ao serviço militar na sua pátria, gerida por um regime ditatorial. «Parti daqui com algumas referências e logo me introduzi no movimento estudantil, empenhando-me sobretudo nas actividades contra a guerra do Vietname, a grande batalha política da época. Simpatizava, vagamente, com os trotskistas, nunca me inclinei para o campo dos comunistas do PC e muito menos dos maoístas. Quando a Polícia entrou na **Sorbonne,** no dia 3 de Maio, eu estava lá. Subitamente, gerou-se a confusão e fui conduzido para uma esquadra, onde foram parar também o Cohn-Bendit e o Sauvageaut. Divertimo-nos imenso, cantamos a Internacional, fizemos uma barulheira desgraçada... ainda se encarava aquilo como uma paródia».

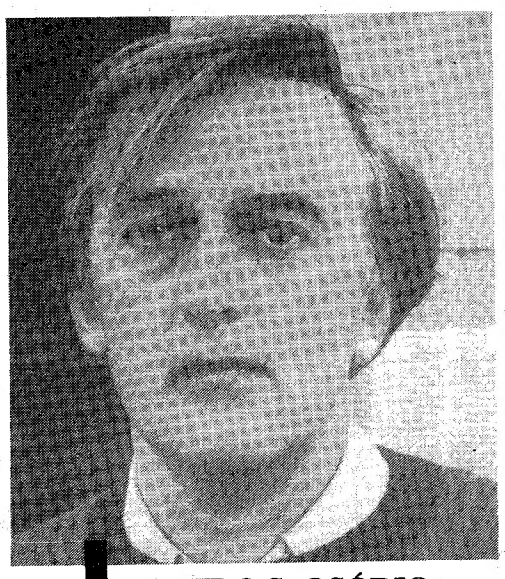
Brincadeira que atingiu uma proporção já preocupante: 577 estudantes presos e 100 feridos. O 4 e o 5 coincidiram com um sábado e um domingo, a fatal trégua do fim-de-semana. A 6, o ministro da educação ordena o encerramento de todos os centros universitários de Paris. **«Vamos à prova de força»,** diz Cohn Bendit num comício improvisado. Entretanto, no Quartier Latin, as forças da ordem exibiam um aterrador aparato bélico: 29 companhias do CRS, 73 esquadrões de guardas móveis. Ao todo, uns 20 mil homens, treinados na luta anti-guerrilha, com escudos e bastões, ao jeito dos samurais.

Às três da tarde produz-se a primeira carga, um pandemónio que se prolongaria até ao cair da noite. Balanço final: 422 detenções, 600 estudantes e 400 policiais com ferimentos ligeiros. Nas hostes disciplinadas dos partidos as opiniões dividem-se. O PC ataca «o espontaneismo» e «a doença infantil do esquerdismo», na tentativa de afastar os trabalhadores de uma revolução que ele, vanguarda do proletariado, não convocara. Em **«L'Humanité»,** Georges Bu-

Continua na pág. 2



LUÍS CÍLIA
cantou nas fábricas...



RAMIRO S. OSÓRIO
ainda rebelde

A versão de outros portugueses

O exemplo da Antigona

Após o Maio estudantil português, em 1962, **Ramiro S. Osório,** entre os presos da Cantina Universitária, logo que foi liberto arrancou para Paris. No 5.º ano de Arquitectura, concluiu já lá o curso. «As Belas-Artes centralizavam a informação e o grafismo do movimento. Muitos dos cartazes que fazíamos vi-os, mais tarde, nos anos 70, numa exposição em **Copenhaga.** Eram comprados pela burguesia, que com eles decorava a sala de visitas. Em Maio de 68, num desses dias de confusões a Polícia revistou-me quando eu voltava das aulas de um curso de cinema, ministrado pelo Jean Rouch. Ao descobrir na minha algibeira um bocado de película onde se via um mercado africano, considerou aquilo altamente suspeito, e por pouco não me levou preso.»

Ramiro S. Osório, arquitecto e escritor, mantinha um «flirt» com os maoístas das Belas-Artes, grupo em que se destacava **Roland Castro,** hoje um arquitecto famoso. Relação superficial e efémera, nada de militantismos. Limitava-se a ir ás reuniões e a vender o jornal «Correio do Vietname», uma colaboração crítica. «De facto, conheci o Castro, sujeito giríssimo, que nos espantava a cada momento, tanto mais que atravessou vários partidos, com passagem até pelo PCF. Era uma figura rabelliana que acabou no divão do Lacan. O acabar talvez não seja correcto porque ainda há seis anos me convidou para participar numa revista chamada **Passion»,** título que o Godard deu depois a um dos seus filmes. O Castro foi protagonista de um episódio engraçado. Prenderam-no com base numa alegada agressão a um polícia e, no tribunal, depuseram a seu favor o **Genet** e o **Sartre.** Nem um nem outro vira a cena mas o **Sartre,** com escrúpulos morais, declarou a verdade... foi imediatamente reduzido ao silêncio. Já o **Genet,** com outro traquejo de vida, fez um número de teatro tão convincente que embalou o juiz na conversa.»

Para Ramiro S. Osório, Maio de 68 teve o mérito de estabelecer, temporariamente, a justiça na terra. Aos maus o castigo, um pensamento reconfortante. «A morte de Overney mexeu muito comigo, fiquei transtornado. Até sugeri ao Alain Resnais que pegasse no assunto. De resto, o **Godard** referiu-se-lhe no filme «Tout va bien». Em Agosto sentia tanta amargura que resolvi não ir de férias, só para evitar a burguesia francesa, que estava contente com o fim da revolução. Já depois do **Cohn Bendit** ter sido expulso de França, num programa de rádio com a participação de Geismar e do ministro da Educação, no qual os ouvintes podiam intervir através do telefone, oiço uma voz: **Aló? Ici c'est Dany.** «Tão gratificante escutá-lo de novo, era como se a revolução não tivesse terminado. Para mim, Maio de 68 corresponde a um grande **happening,** sem peça nem guião prévios. Havia uma palavra de ordem que dizia nada será como dantes. No meu caso foi assim: continuo a recusar certos modelos de vida que hoje estão na moda. Aos **Yuppies** que lhes faça bom proveito. Eu digo não ao que eles perseguem'»

Impulsivo e radical, baniu **Maurice Béjart** da sua esfera de consumidor cultural. «Pu-lo na minha lista negra quando substituiu o **Living Theatre,** no Festival de Avignon, depois do grupo americano se ter recusado a representar a Antígona. Aceitou dançar, a preencher o vazio do espectáculo do Living para o qual já tinham sido vendidos os lugares. Nunca mais vi nada do Béjart e tenho pena. A propósito recordo-me do espectáculo do Living no Odeon, em 1964, com o público a gritar selvaticamente: **Viva Mabraux a Cultura é francesa.»**

Luís Cília

Habitava num lugar privilegiado, perto do **Quartier Latin, e aderiu ao movimento ainda que comedidamente, talvez porque a sua condição de membro do PCP, partido irmão do homónimo francês, lhe refreasse os ímpetos. «Na ocupação do Odeon ouvi o Barraut a dizer aos estudantes que aproveitassem o teatro para fazer teatro e se deixassem de discussões estéreis. Como músico, fui com o Paco Ibanez** e a Colette **Magny** actuar a várias fábricas. Mas a imagem mais bonita que conservo de Maio de 68 tem a ver com o violinista Ivry **Gitlis.** Em frente a uma fábrica, onde nos impediram a entrada, **Ivry** tocava uma partida de Bach, enquanto passava um enterro puxado a cavalos. Parecia que tínhamos sido transportados para outro século. Lembro-me do Godard, nas manifestações de câmara em punho e do **Cohn-Bendit** aparecer numa assembleia estudantil, de cabelo preto, após a sua expulsão. Lembro-me também de ter passado uma noite com o **Maspero** que tinha receio de que lhe partissem a livraria. Inegavelmente Maio de 68 marcou a história, embora servisse para ensinar à burguesia novas formas de repressão, talvez mais requintadas».

Na creche selvagem

Com dois anos, a filha de **Zé Saraiva** foi vedeta dos jornais e das revistas francesas que lhe reproduziram o retrato. Estava na creche **selvagem** da Sorbonne, que fornecia aos órgãos de informação inesgotável matéria de reportagem. Agora, aos 22 anos, fez, com dois amigos, a travessia do **Sara,** deve ter incorporado algo do espírito aventureiro de Maio. «Foi uma época magnífica, faziam-se amigos e vivia-se a exaltação do perigo. As relações entre as pessoas mudaram, realmente a imaginação atingiu o poder. Inventaram-se «slogans» lindíssimos, de inspiração situacionista, constava, como «Seja realista, peça o impossível» ou «da baixa das pedras, a praia», título que a realizadora de cinema e feminista alemã Helma Brahms adoptou num filme.» (Recorda, a mãe, Zé Saraiva).

Vivência em La Rochelle

Num atelier naval de barcos de recreio, o arquitecto Norberto Coelho também viveu o seu Maio de 68. A uma distância de mais de 600 quilómetros de Paris, em La Rochelle. «A cerca de 900 metros da nossa empresa, os operários da Simca ou Crysler foram espancados por mercenários a soldo do patronato. Dia 13 encerrou tudo, foi a greve geral. Na **Dufour,** onde eu trabalhava tínhamos o protótipo de um barco que não podíamos abandonar. Posta a questão ao delegado da CGT, montámos, então, um piquete de guarda. Ao fim da tarde, num plenário que se realizou no cais, tomámos conhecimento das revindicações: aumento substancial de salários, participação nos lucros, constituição de comissões de empresas, etc. Obtivemos uma vitória, o patronato e o governo cederam. Para comemorar deixei crescer este bigode que nunca mais cortei.» Um bigode com vinte anos, o de Norberto Coelho.

A EXALTAÇÃO D

Continuação da pág. 1

vard, embora aluda à actuação «inadmissível» da polícia, zurze os estudantes com palavras duras. **«Como qualificar aqueles que com a sua irresponsabilidade, a sua violência, as suas injúrias, provocaram esta situação?»** Na universidade, os professores comunistas repetem a mesma cantilena.

Temos **Fernando Marques** (a troco de dormida, comida e algum dinheiro) a desempenhar as funções de «cavalheiro de companhia» de um jovem paralítico e com atrofia mental. Detido não compareceu ao encontro marcado com o rapaz, no «boulevard» de Saint Michel, onde ambos viviam. Lá fica o paralítico que um táxi largara, sentado na cadeira de rodas, na rua. À espera. Até que teve de pedir ajuda a um qualquer transeunte espantado com o insólito da cena. «Só não perdi o emprego porque a mãe do rapaz era uma senhora de esquerda.»

Sem passaporte nem papéis, dias depois, **Fernando Marques** responde perante um juiz tolerante, cujo veredicto não vai além da descompostura. «Seguidamente participei na ocupação da Casa de Portugal, o que me custou a minha expulsão de França. Embalados pela ocupação da Casa da Espanha, que entretanto ocorrera, marchámos para a de Portugal. Eram uns vinte e tal fulanos, incluindo brasileiros. Houve um certo conflito mais com os que lá moravam do que propriamente com o director. Não pretendíamos hostilizar a Gulbenkian, tratava-se de um acto simbólico... ainda mantivemos a ocupação até meados de Junho.»

A 7 e 8, realizaram-se as manifestações do costume, sem especiais consequências, mas a violência latejava, querendo explodir. **Alain Peyrefitte,** já convencido da dimensão dos **«grupúsculos»** deitava as mãos à cabeça, na Assembleia Nacional, incapaz de responder à voz da oposição: **«Ides finalmente retirar a polícia?»** Não retirou. Mais brando, o PCF esboça uma manobra de aproximação ao movimento. Aliás a edição de «L'Humanité», do dia 9, já fala da **«justa causa dos estudantes»** e deseja-lhes a vitória. **Aragon,** ex-surrealista e enaltecedor da figura de **Staline,** desloca-se a Saint Michel, junto da concentração estudantil. A mando do partido ou por iniciativa própria?

Elogio à S.P.V.

Num clima de ressentimento, escuta um chorilho de insultos que o deixam perfeitamente abalado. Foi então que Cohn-Bendit pediu silêncio e lhe estendeu o microfone: **«aqui toda a gente tem direito à palavra por muito traidor que seja.»** Aragon cinge-se a um breve discurso. Interrogam-no sobre os artigos caluniosos de «L'Humanité» pergunta a que não responde, anunciando apenas que o próximo número do único jornal que dirige, «Les Lettres Francaises» estava à disposição de «todos» os estudantes. Só que não obteve o perdão, os estudantes identificavam-no demasiado com o PCF: **«O partido da Ordem, do trabalho, da família e da pátria.»** Daquilo a que eles se opunham.

«No processo, os maoístas e os trotskistas ortodoxos foram cilindrados, sendo aceites somente os que reivindicavam as figuras de Guevara e de Rosa Luxemburgo. Ninguém tinha pachorra para os seus discursos dogmáticos e esteriotipados. No que respeita aos comunistas do PCF portaram-se de um modo vergonhoso e grosseiro. Sim, lembro-me do incidente com Aragon. Apareceu, vestido de negro cheio de simpatia, um tipo leu um poema do Aragon em honra da GPU, reproduzido na revista **«Spartacus»,** o que irritou ainda mais a malta».

Hoje, à distância, como analisa **Fernando Marques,** o seu empenho revolucionário? «Não me penitencio do meu passado esquerdista, constitui um lado importante da minha história, da minha vida. Desconfio bastante daqueles que aos vinte anos não foram, uma vez que seja, radicais. Ser agora, militante do Partido Socialista é uma evolução natural. Há ideias de transformação que defendo e acho que lá estando posso lutar por elas. A minha condição de esquerda exprime-se em torno de valores e de projectos, nunca em função de estratégias pessoais e de pragmatismos de vistas curtas.»

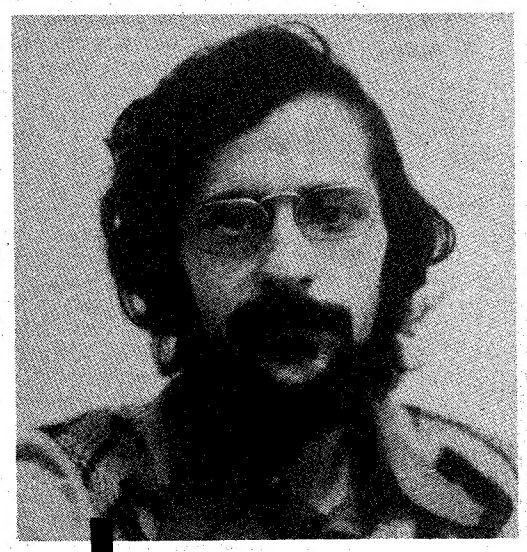
Eis o que declarou um combatente de Maio de 68 e que, mais tarde, foi dirigente da LUAR. Nesse Verão, em Julho, viajou à boleia e sem passaporte válido pela Alemanha e Itália. Depois com o incentivo de Maio ingressou na organização, liderada por Palma Inácio, acompanhando-o numa operação, em Portugal, que os levou à prisão.

Voltemos à cronologia. Dia 10: as barricadas. Sábado, 11, e domingo, 12, o **Quartier Latin,** era um cenário de destroços, a imagem de um campo de guerra. Carcaças de automóveis incendiados, o pavimento levantado, montanhas de pedras, ferros torcidos, fumos de granadas lacrimogéneas — a desolação. **«Sous le pavé, la plage»** era a expressão da poesia, não a da realidade. Rapidamente se contrataram emigrantes para reconstituir o que fora destruído, a fim de comporem o visual do bairro infestado de turistas que, excitadíssimos, se apressavam a tirar fotografias. **«Porque é que vocês se sujeitam a fazer este serviço?,** perguntavam os trabalhadores. **«Os franceses aliaram-se aos estudantes e nós, estrangeiros, se nos negarmos mandam-nos embora.»**

A vertigem do perigo

Zaluar **Basílio,** em Paris desde 1966, coleccionava inscrições de diversas universidades, sem ir além do primeiro ano. Contudo, vivia uma felicidade relativa, liberto do peso da ditadura e da tutela familiar. Em Maio de 68, era estudante da Jussien, a faculdade de **Geismar.** Laços, não muito apertados, ligavam-no aos trotskistas de **Krivine** que, em certa medida, o empurraram para um curso de economia. Dos acontecimentos que mergulharam a França no caos, tem uma versão extremamente viva e divertida. «Recordo-me de que as manifestações e os incidentes se submetiam a uma regra infalível: ocorriam durante dias úteis, aquecendo sobretudo às segundas e sextas, e no fim-de-semana descansava-se. Sexta-feira, 10 de Maio, fui para as barricadas, aguentei-me firme numa da rua **Gay Lussac,** perto do local onde depois abriu a livraria portuguesa. Confesso que sentia medo, uma coisa estranha e contraditória que, mais tarde, contei ao meu analista. Porque apesar do medo, a ânsia de ser herói atirava-me para as primeiras filas. O perigo atraía-me,, só gostava das manifestações duras e espontâneas, sem serviços de ordem, que envolviam os **katangueses,** marginais acostumados à porrada que não tinham problemas em atacar um polícia, pelas costas, com uma barra de ferro. Para esses tipos, fortes e musculosos, a mistura com os estudantes traduzia-se numa espécie de promoção social. Por outro lado, na vaga de libertação sexual, estimuladas pelas leituras de **Reich** e **Marcuse,** as miúdas não se importavam de ter uma aventura com um **katanguês** de um metro e oitenta e a cheirar a suor.»

Segunda-feira, 13: uma descomunal manifestação inunda as ruas de Paris. O corolário da aliança dos estudantes com os trabalhadores. Na contabilidade dos manifestantes somava 800 000 pessoas, número que a perfeitura reduziu para 170 mil. Sindicatos e partidos da oposição alinharam. Os representantes dos estudantes, Cohn Ben-



FERNANDO MARQUES
não renega o seu passaao esquerdista

ZALUA
entre o h

DA FESTA

dit, Sauvageaut e Geismar, iam na linha da frente, com os políticos a reboque. Lá estavam Guy Mollet, Mitterrand, Waldeck Rochet, o secretário-geral do PCF. Com desassombro exigia-se a demissão de De Gaulle. «Mas as manifestações das primeiras semanas, de 3 a 10, tinham mais graça. Com os serviços de ordem da CGT não podíamos estrilhar, obrigavam-nos a ser bem-comportados. Quanto a mim, sendo suficientemente **enragé**, era bastante comedido. Havia alguns que iam à procura de sangue, adoravam ver cabeças partidas e punham em prática as recomendações dos seus manuais de guerrilha urbana. Ainda devolvi muita granada lacrimogénea aos polícias, e nunca me sucedeu nada. Nem uma beliscadura. O método que adoptei funcionava lindamente: pedia licença à polícia para passar e assim me safei da pancada.»

De jeans, casaco verde oliva, **«comprado nos excedentes americanos»**, saco de cabedal a tiracolo, óculos redondos, tipo **John Lennon,** botas e camisa aos quadrados à «cow boy», **Zaluar Basílio** passeava-se pela «revolução» com a sua farda de guerrilheiro. «Ainda estive nos serviços de ordem da Sorbonne mas depois chateei-me porque, não obstante a desorganização, ainda havia horas marcadas, o mínimo de organização. Nessa altura andava à rasca de dinheiro, as greves dos correios e dos bancos impediam-me o acesso ao cheque que o meu pai, com regularidade, me enviava.» Actualmente, este antigo combatente acalmou, é professor universitário e encara a vida com mais optimismo. Os quarentas (nasceu em 1942) e tais e a psicanálise restituíram-lhe o equilíbrio.

A revolução morre

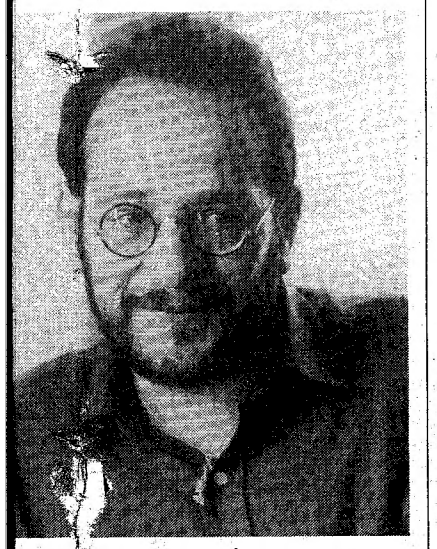
A 16 e 17 de Maio, bandeiras vermelhas ondulavam nas fábricas da Renault e da Citroën, as greves abrangiam os transportes e outros sectores da economia francesa. No domingo, 18, **De Gaule,** interrompe a viagem à Roménia e regressa a Paris. Mais greves: nos arsenais, nas indústrias químicas, nos têxteis, Sartre conversa com os estudantes, na Sorbonne, precisamente no dia 20, quando Cohn-Bendit, em missão mobilizadora, se deslocou à Alemanha. A 21, **Georges Seguy** admite a hipótese de negociações com o patronato e o governo que, acirrados pela direita, começavam a reagir. Os estudantes voltam a enfrentar a Polícia na rua, reaparecendo, em escala insignificante, as barricadas. Durante o assalto a três esquadras da Polícia foram feridos alguns estudantes que o arcebispo de Paris visitou nos hospitais.

Sábado e domingo, 25 e 26, instaura-se a paz sagrada do fim-de-semana. A pedido do ministro dos **assuntos sociais,** as centrais sindicais, apresentam-se numa reunião da qual saiu um acordo. **«Triunfo sindical»,** comenta Seguy, mas os sindicatos socialistas acham-no insuficiente. Não lhes basta as prometidas subidas de salários, reclamam a autogestão. No dia 28, **Alain Peyrefitte** demite-se e **Cohn-Bendit** volta a Paris. Chega-se a 29, um dia chave: De Gaulle abandona o **Eliseu** e embarca num **Caravelle,** com destino desconhecido. Soube-se depois que fora de visita às tropas francesas estacionadas em **Baden-Baden,** gesto que fazia prever a intervenção do Exército. A 30, o general toma de novo o seu posto, disposto a **tudo.** Nos três primeiros dias de Julho, quadra de Pentecostes, verifica-se uma pausa e os trabalhadores rendem-se às directrizes dos sindicatos. Pronto: a revolução vai morrendo lentamente, numa triste agonia. Porém, a 10 de Junho, ainda se assiste a alguns distúrbios no **Quartier Latin,** com os operários já acomodados, satisfeitos pelo reajustamento de salários. **Cohn-Bendit** escapa-se para Inglaterra, onde se vivia na santa paz do Senhor, e quatro dias depois inicia-se a operação de limpeza. Apagam-se as pinturas das paredes, desvanece-se a poesia, reconstituem-se os pavimentos, substituem-se os vidros partidos — a revolução dera o último suspiro.

Cohn-Bendit tinha razão quando proclamava que a transformação do mundo pela via do reformismo era impossível. Todavia, este quarentão, ainda um pouco «enrajé», divertiu-se à grande e à francesa. Maio de 68 já ninguém lhe tira.

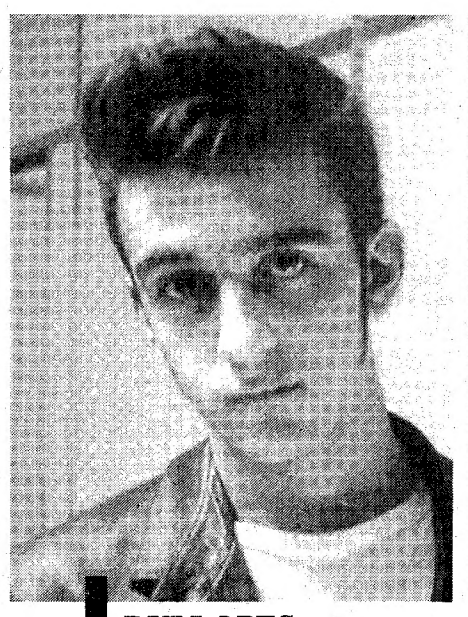
Que espírito animava a rebeldia de Maio? Muita da filosofia contida nos textos de **Marcuse,** profeta da revolução, que, no ardor da contenda fez escala em Paris, bem como nos de **Reich** sobre a sexualidade.

Ainda as teorias de **Trotsky** da «revolução permanente» e as dos anarquistas russos, **Bakunin** e **Kropotkin.** Era também a **«desobediência civil»** de Thoreau. Médicos, pintores, urbanistas, arquitectos, elaboraram manifestos preconizando reformas profundas nas suas profissões que queriam ao serviço da vida. Igual proceder tiveram os juízes, os magistrados, os funcionários públicos, os cineastas. Malle, Truffaut, Godard, Albicoco, Lelouch e outros homens de cinema interromperam o festival de **Cannes,** colaborando em jornadas de reflexão. **Barrault,** director do teatro **Odeon,** ocupado pelos estudantes, associou-se ao movimento. Os actores e os músicos transferiram as suas artes para as fábricas, para a rua. Maio de 68 foi também a exaltação da festa.



ZALUAR BASÍLIO
entre o heroísmo e o medo

ELIANA RODRIGUES
quer ser advogada



RUI LOPES
um apaixonado da Filosofia

SANDRA LOPES
uma miúda muito especial

Os filhos da geração de 68

No décimo primeiro ano do Ensino Secundário, **Sandra Lopes,** 17 anos, admite a hipótese de se matricular no curso de Direito, embora prefira o de Histórfia que lhe dá acesso à investigação, carreira de que gosta a sério. **Direito tem, mais saída mas não sei se me vou acomodar às suas regras.** Ouviu falar de Maio de 68, na Televisão, sem que, todavia, ficasse com uma ideia nítida do que aquilo realmenete fora. Só que este ano, na aula de francês se analisou a matéria mais em profundidade, com incidência nos «slogans» inventados na época e nos conceitos de utopia e **anarquia responsável.**

Sandra Lopes manifesta-se receptiva á mensagem do movimento, pelo facto de **ter imposto uma cultura nova, mais liberta.** O confronto com a autoridade, a ausência de preconceitos, o desejo de transformar o mundo, tudo isso a sensibilizou. Acometida, por vezes, de crises existenciais, considera-se isolada na geração a que pertence, cujo objectivo é o êxito, o reconhecimento social, o dinheiro, valores que Maio de 68 recusava. «Sinto-me sem armas para lutar, alguns da minha idade, mais lúcidos, dizem que não aguentam esta situação, querem ir-se embora... talvez instalarem-se numa comunidade e criarem as suas próprias normas.»

No entanto, desejar realizar-se profissionalmente, fazer algo de que goste, ainda que encare o futuro com um certo desencanto. **A escola funciona pessimamente, repetem-se as matérias e a maneira como nos transmitem o saber não é de molde a entusiasmos.** Curiosamente, apreciou imenso o filme **Os Amigos de Alex:** segundo imagino era uma geração menos materialista.»

Valeu a pena

Já decidiu: se não houver qualquer impedimento, **Eliana Rodrigues** será advogada. Tem 16 anos e frequenta o décimo primeiro do secundário. Inclina-se para aquela profissão porque não se sujeita a horários, à rotina e, de certo modo, constitui **um desafio.** Pode-se perder ou ganhar uma causa, o que lhe parece bastante excitante. **Não sou uma pessoa passiva, mas suponho que com o tempo as pessoas vão-se integrando, a juventude passa, não se fica eternamente nos 16 anos.**

Fixou o impacto da revolução de Maio de 68 porque Maio corresponde ao mês do seu nascimento, vindo depois a aperceber-se do seu verdadeiro significado nas aulas, quando o assunto foi debatido. Julgo que se tratou de um movimento contra os padrões vigentes, a reivindicação da originalidade, um **não** ao fato e gravata, no sentido simbólico. Hoje, os jovens estão completamente paralisados, acham que a mudança é incomodativa, dá demasiado trabalho.

Para Eliana Rodrigues, apesar de tudo, Maio de 68 valeu a pena, mesmo que a sua geração seja céptica e, por outro lado, pragmática. **«Nem todos os jovens se enquadram no esquema geral, conheco muitos que são anarquistas, que estão contra tudo e que se vestem de maneira diferente para chocar os adultos. Bem, aqui, na minha escola, as raparigas apresentam um visual muito compostinho, salto alto, o mais formal possível. Sucede o mesmo com os rapazes que usam camisas da** Beneton **e se preocupam com as marcas. Não, os meus amigos andam, normalmente, de ténis e com calças rasgadas. E eu? Dentro do meu poder de compra procuro fugir um pouco à vulgaridade.**

O vício da filosofia

Tinha resolvido seguir o curso de filosofia, mas **agora vejo tudo a avançar para os computadores, coisa que não me atrai.** Rui Lopes, 16 anos, aluno do 11.º do secundário, recebeu como prenda dos pais umn computador, a que nunca prestou muita atenção. É um jovem sensível, com a paixão do cinema, da música, da leitura. «Sobretudo da música alternativa aos tops, a de consumo imediato rejeito... gosto de música punk, dos minimalistas, de Brian Eno, de David Byrne», diz. Aliás, ele afirma-se **alternativo** — a quê? Ao estabelecido, ao instituído, ao que os **media** promovam.

Usa calças e blusão de ganga azul, com escritos provocantes, botas da tropa e uma poupa joga que não é exactamente como a de Elvis Presley. Há ali, no penteado, uma variante muito subtil, que destoa da estética rockbilly. **«Sou mais psicobilly, onda que vai buscar as raízes aos anos cinquenta e com influências dos filmes de terror, série B. Um dia um senhor de meia idade, perguntou-nos, no metro, se éramos «punks», o tipo que ia comigo ficou enrascado e eu disse que nos assumíamos como alternativos.»** Já teve uma pancada pelo cinema de **Woody Allen,** e agora sente-se atraído pelos franceses, entre os quais cita Godard e Resnais. No âmbito da literatura passou por uma fase surrealista, e de momento anda obcecado com Oscar Wilde, Duras, e outros autores que «me escaparam pelo caminho». Contudo, há amores que se mantém inalteráveis, caso de Nietzche e de Rimbaut.

Rui Lopes, filho de um engenheiro químico que, em Maio de 68, frequentava o técnico, absorveu influências de esquerda por via familiar. «Desde pequeno que oiço lá em casa música do Zeca Afonso, folheava também os livros de Lenine e de Marx, coisas desse tipo. Actualmente não me interesso pela política, tudo converge mais para o padrão americano. Já não existem polos que possam provocar conflitos sociais relevantes. O PS está cada vez mais capitalista e o PC afunda-se num discurso de lugares-comuns. Claro que os meus pais se referiam constantemente a Maio de 68, parece-me que aquilo provocou mudanças que foram atenuadas com a passagem do tempo. Os governos vão criando as suas autodefesas e recuperam os movimentos, veja-se o que sucedeu com os hippies».

Em certa altura, simpatizava com as **«flower children»** que, depois, viria a associar a **«ingenuidade».** Actualmente não há espaço para a inocência, daí a sua posterior adesão ao mau humor dos **punks.** E os pós-modernos? «É um jogo engraçado, só que não contestam nada. O pessoal de agora faz-me uma certa confusão, olham-me como se fosse um marciano. O grave é que isso acontece com malta nova... sim, penso que se hoje houvesse um Maio de 68 eu apoiava. É tudo tão chato, tão respeitador.. tão velho».

Nasceu em Paris, após Maio de 68

Filha de pai português e de mãe marroquina, **Miriam Basílio,** 18 anos, estudante do curso de Comunicação Social, nasceu em Dezembro de 1969. «Lembro-me do poster de Che Guevara colado na porta da sala. O meu pai sempre andou com óculos rendondos e mala de cabedal, participou, ao que me conta, nas barricadas. Deve ter sido um tempo giro e divertido, havia emoção, ao contrário do que se passa agora. A geração do meu pai pretendia transformar o mundo, coisa com que a minha não se importa. Na Faculdade discuto com a malta que diz que isto está bem, uma maravilha».

Para **Miriam Basílio,** a sociedade actual é desinteressante, destituída de vibrações emotivas. **«O melhor é mantermo-nos calados, não vá acontecer qualquer dissabor».** Ninguém se mexe, ninguém se revolta, o que para ela constitui uma decepção. «Os meus colegas resumem a geração de 68 a uns frustrados, ora eu acho que eles se divertiam muito mais do que nós. Tinham coisas para fazer, andavam ocupados, enquanto a minha geração vive num permanente tédio. Referem-se a grupos de música de que nunca ouvi falar, talvez para se mostrarem muito informados. Está de moda a cultura a mais ou de menos, pois há também os que não sabem nada de nada».

Em casa de **Miriam** ainda resistem os posters revolucionários, «o meu pai tem a porta forrada com autocolantes, e há jornais e livros por todo o sítio. Quanto à juventude não se adivinham grandes perspectivas, nos anúncios de jornais procura-se alguém com experiência, mas nós temos de arranjar experiência em algum lado, desde que nos concedam oportunidades. Libertação sexual? Mais no campo dos rapazes, eles em teoria são abertos mas depois na prática contrariam o que afirmam. Todavia, parece-me que se esforçam. O conservadorismo reinante, entre a juventude, verifica-se mais a nível político. Sem exagero, estou convencida de que odeiam a geração de sessenta. Consideram-na ultrapassada e vira-casacas, o que, a meu ver, é uma desculpa para não fazerem nada. Afinal a educação e o ensino não é nenhum mar de rosas. Sobre o meu pai, penso que está mais calmo, tem filhos e um trabalho... certos valores apagaram-se um bocado, a rebeldia, dantes à flor da pele, desvaneceu-se nestes vinte anos.»

TÃO MAOÍSTAS QUE ELES ERAM!

ANDRÉ GLUCKSMAN: Em 1969, maoísta fanático, militante da «Esquerda Proletária» era um dos redactores de «La Cause du Peuple». Sem causa, virou-se para a filosofia e as conferências. É um liberal assumido e convencido.

SERGE JULLY: Esteve no movimento 22 de Março e, antes, do PCF que o excluiu, em 1965. Activo maoísta organizou os comités do Norte e os tribunais populares. Foi o motor do **«Libé»** que, em 72 e 73, sobreviveu à custa de subscrições e de campanhas de fundos. Por princípio deveria ser um jornal aberto às diversas pulsões alternativas (mulheres, ecologia, comunas, cultura etc.) mas, depois, descobriu-se que escondia, no seu seio, uma célula clandestina da «Esquerda Proletária». Um escândalo dos diabos. O espontaneísmo libertário era uma mentira, e os que nele tinham apostado, até com dinheiro, sentiram-se enganados. Resultado: o jornal auto-suspendeu-se. Finalmente, com o tempo, **Jully** transformou o **«Libé»** num grande diário.

ALAIN GEISMAR: Na qualidade de porta-voz da «Esquerda Proletária» foi preso. De retorno à Faculdde de Yussim tornou-se vice-reitor, cargo que desempenhou até 1983.

RENÉ FRYDMAN: Aderiu aos Médicos Sem Fronteiras e agora está no hospital onde nasceu o primeiro bebé proveta.

JEAN RENÉ-HULEUX: Conservou-se maoísta mais tempo do que os outros. Do cinema militante saltou para a escrita, foi o realizador do filme «Neige» com Juliet Berto que se tinha estreado, como actriz, em «La Chinoise», de Godard.

OLIVER ROLIN: Era o estratego clandestino da «Esquerda Proletária» e, por isso, ganhou o apelido de «o marechal». Demorou dois anos a adaptar-se à vida normal. Acabou de publicar o romance «Phenómeno Futur» e colabora no «Libé».

THIRREY HAUPAIS: Dos serviços de ordem da Juventude Maoísta, fundou a rubrica de cultura do «Libé» e depois foi jornalista da revista «Actual». Agora é produtor de rock.

ROLAND CASTRO: Maoísta assanhado e, mais tarde, próximo do movimento alternativo, é hoje arquitecto e simpatizante de Mitterrand. Durante anos foi psicanalisado por Lacan.

Rolando Pinheiro, tecelão

Coimbra-69

ROLANDO PINHEIRO, nascido, em Moçambique, 1947, era interno do colégio de **Tomar** quando aconteceu Maio de 68 «Ouvi falar mas não liguei muito, o colégio funcionava como um mundo fechado. Só no ano seguinte, quando me matriculei em Medicina, na Faculdade de Coimbra, abri os olhos. Vivia numa casa colectiva, sem ser exactamente uma república. Chumbei logo no primeiro ano por causa das greves que se seguiram à história do presidente da República. Houve cargas policiais violentas e a malta passava o tempo reunida na Associação, saímos apenas para tanguear os guardas republicanos que nos perseguiam por aquelas ruas íngremes.»

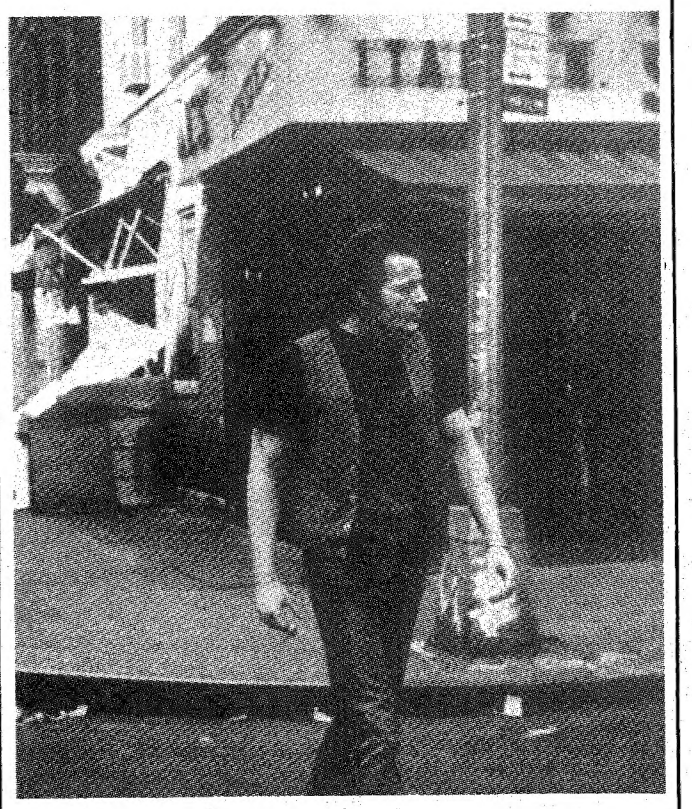
Desistiu da carreira de médico porque **«não tinha feitio para explorar».** Depois, sempre se revelou avesso a regras, horários, esquemas rigidos. «Nunca gostei, em Coimbra já era um pouco libertário. Também não me identifico com partidos políticos, nem com os panfletos que eles lançam. Vim para Lisboa e meti-me num grupo de caboverdianos que fazia música. Nunca me assumi como um **hippie** sério embora apreciasse o espírito do movimento. «Entretanto, viajou pela India, Irão, Paquistão, induzido pelo fascinio que o mistério desses países sobre ele exercia. Hoje, é tecelão, não se integrou socialmente. «Não acho que a minha filosofia de vida tenha mudado com a idade, apesar de haver coisas a que o espírito e o corpo se acomodam.»

E Maio de 68? «Modificou as mentalidades, não se tomou o poder e ainda bem... porque a revolução acabava por apodrecer e degenerar. Não foi o que aconteceu a todas as outras? Do imaginário de Maio de 68, seduzia-me mais a posição de **Cohn Bendit,** com o seu anarquismo, ideal que sempre me atraiu. De resto não me recordo de mais nenhuma figura. Actualmente sou um acerrimo defensor dos valores lusíadas, revolta-me ver a maneira como somos espezinhados, ninguém reconhece aquilo que valemos.»

Portuguesíssimo, ehn Rolando?

Maio de 69, um mês escaldante

2 de Maio — USA: os estudantes invadiram os edifícios administrativos das Universidades de New York e da Columbia.
3 de Maio — Portugal: na Universidade de Coimbra, os estudantes protestam, boicotando as aulas, contra prisão dos camaradas acusados de ter faltado ao respeito ao Presidente da República.
6 de Maio — Senegal: o governo ordena o encerramento da Cidade Universitária de Dakar.
7 de Maio — RFA: todas as escolas alemãs de engenheria entram em greve, reclamando a reforma do ensino.
8 de Maio — Brasil: greve geral da Universidade de S. Paulo, como protesto contra o afastamento de 26 professores.
9 de Maio — Países Baixos: os estudantes exigem a participação na gestão das universidades.
10 de Maio — USA: graves distúrbios nas universidades de Washington e de New York.
12 de Maio — México: violentos conflitos entre os estudantes e a polícia.
15 de Maio — Honduras: durante a manifestação contra a chegada de Rockfeller, enviado do presidente Nixon, um estudante foi morto pela polícia.
16 de Maio — USA: confrontos na universidade de Berkeley, Califórnia, de que resulta a morte de um estudante.
17 de Maio — Argentina: morre um estudante de medicina na sequência de graves incidentes.
19 de Maio — Holanda: os estudantes ocupam a Universidade de Amesterdão.
20 de Maio — Irlanda: ocupação da universidade de Dublin.
21 de Maio — Holanda: dezasseis estudantes feridos na universidade de Amesterdão.
22 de Maio — Itália: os estudantes ocupam a escola normal da Universidade de Roma e a Reitoria de Milão.
24 de Maio — USA: 476 estudantes presos, em Berkeley, e os guardas nacionais tomam de assalto a Universidade de Greensbore, na Carolina do Sul.
26 de Maio — RDA: estudantes presos e expulsos da universidade por terem condenado a intervenção na Checoslováquia.
28 de Maio — Colômbia: grandes manifestações, em Bogotá, por ocasião da visita de um representante do governo americano.
29 de Maio — Argentina: violentos conflitos entre os estudantes e a polícia em Tucumam.
30 de Maio — Jugoslávia: enorme efervescência nos meios estudantis de Belgrado.



Emmett Grogan, fundador dos «Diggers»

Anos 70, os da ressaca

E depois? Anos depois, alguns revolucionários agarram-se, como tábua de salvação, à **psicanálise.** Muitos fazem-se analisar e outros definem os vizinhos e a sociedade, em função deste novo vocábulo. O discurso psicanalítico, desenvolve-se, em substituição do falhanço das ideologias. Os deuses tinham morrido. Os esquerdistas que se viram para a psicanálise sabem que o mundo perdeu o sentido de **Deus,** que já não existe mais finalidade numa história, tal como **Marx** a caracterizara. Culpabilizados pela perda da fé, custa-lhes a passar do seu universo fantástico e fechado para um quotidiano banal. Então, a psicanálise torna-se um outro espaço de verdade, sob a sombra protectora de **Freud.** Precisava-se urgentemente de um grande **Outro,** de um sentido.

Contudo, os que nunca foram **maoistas** projectam os seus desejos na vivência comunitária, criando um lugar à margem da sociedade que persistiam em negar. **«Barricada 2»,** um dos mais antigos grupos musicais, contemporâneo de 68, manteve-se activo dentro da mais soberana liberdade. Não recebia dinheiro, tocava por militância, subsistindo graças a outras ocupações, desde trabalhos humildes até à posição de assistentes universitários.

Impunha-se racionalizar a **utopia.** Em Amsterdão, **Raul Von Dyan** foi um dos cinco **Kabouters** eleitos para o município, com 10% dos votos, em 1970. Provinha do movimento **provo,** surgido em 1966, o inventor do projecto branco: das bicicletas brancas, o protesto contra a poluição, das mulheres brancas, em prol do aborto gratuito, das galinhas brancas, a pretensão de tornar os polícias inofensivos. Os **provos** nasceram por influência dos **«situs»,** impulsionados por **Constan,** pintor e urbanista holandês, cofundador da **Internacional Situacionista** e dela expulso, em 1959. Os arrogantes **«situs«** nunca perceberam que o movimento social, a prática no terreno, era provavelmente mais importante do que as belíssimas teorias que eles arquitectaram e difundiram.

Em Maio de 69, após a ocupação da universidade de **Amesterdão,** os **provos** tornam-se **Kabouters,** hábeis esgrimistas do sarcasmo, activíssimos empreendedores, insinuantes embaixadores junto dos **media** que relatam, com simpatia, os seus feitos.

Nos «states», já em 65 se manifestava a rebeldia, as vias da política tradicional eram demasiado estreitas para os jovens do movimento **Yippie** que rejeitavam tudo. Com alegria, humor e imaginação. O **«Paradise Now»,** do Living Theatre, resumia esta forma nova de fazer política. A marcha sobre o Pentágno, em 67, foi uma festa estrondosa, a ritualidade de que se queria impregnar a revolução.

«Nós chocaremos a burguesia até que ela sucumba de colapso cardíaco.» Constrói-se uma microsociedade alternativa, com as suas editoras, os seus jornais, as suas rádios paralelas. É a época áurea dos **comix,** com Shelton e Crumb, o pai do **«Fritz, the Cat»** que ele mesmo matou, em 1972. De quem o sistema se aproveitou, utilizando os seus bonecos, sem sequer lhe pagar os direitos de autoria. Foi o que sucedeu com o cineasta **Bakshi** que ganhou rios de dinheiro à custa do gato de **Robert Crumb.**

Havia inúmeras personagens a referir, entre os quais sobressai **Jim Haynes,** anarquista, professor universitário, actor, fundador do jornal inglês **«It** e depois do **«Suck»,** que organizou em Amesterdão um festival de filmes pornográficos. Defensor da libertação sexual total, amigo íntimo de **Gumaine Greer,** publicou um livro chamado **«Hello, y love you».** E evidentemente: o fabuloso **Emmett Grogan,** proveniente dos «bas-fonds» de Brooklyn que conheceu a prisão e á o autor do livro **«Ringovelio»,** a sua autobiografia. Fundador dos **«Diggers»** de S. Francisco, modelo inspirador do filme **«Easy Reider»** celebrizou-se no mundo da contracultura que retrata, sem indulgância, nessa obra.

Talvèz seja pouco conhecido, de resto ele odiava os **media.** Ao que me consta permanece duro e puro.